

# **Blocos de memórias**



Ivan Conterno

# **Blocos de memórias**

Histórias do Conjunto  
Residencial da USP (Crusp)

Copyright 2024 © by Ivan Moraes Conterno  
*imconterno@gmail.com*  
*imconterno.wordpress.com*

Blocos de memórias  
*crusp.net*

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
Dados inseridos pelo autor

---

Conterno, Ivan Moraes  
Blocos de memórias / Ivan Moraes Conterno. - São Paulo, 2024.  
167 p. + Livro-reportagem.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Departamento de Jornalismo  
e Editoração / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.  
Bibliografia

1. Crusp. 2. História oral. 3. Moradia estudantil. 4. Jornalismo. 5. Crônica. I.  
Conterno, Ivan Moraes . II. Título.

CDD 21.ed. – 070

---

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194



# ÍNDICE

Aviso .....	7
Morar na USP .....	9
Blocos .....	10
Memórias .....	14
Elite Paulistana.....	17
Cidade Universitária.....	18
Projeto.....	26
Jogos Pan Americanos.....	32
Juventude destemida .....	37
Pioneiros .....	38
Greve do fogão .....	53
Aurk.....	62
Fim de uma era .....	65
Anos de chumbo.....	69
Mudanças .....	70
Promessas.....	74
Os últimos dos cruspianos .....	77
DCE Livre.....	80
Ditadura abaixo.....	85
Retomada .....	86
Punks .....	93
Briga do bolo.....	98
Reformas .....	100
Gay, negro e militante .....	102
Totó Ternura .....	106
Nova república.....	111
Rumo ao bloco D .....	112
Reconstrução.....	117
Ocupação da Coseas.....	119

Assédios.....	126
Semana de Arte e Cultura.....	129
Festa da Nokia.....	132
Canalha! .....	133
Duchamp's Dream .....	134
Um recorte.....	140
Revolta da Salada.....	144
Lacunas .....	146
Acabou o amor.....	151
Aroeira .....	152
Progresso .....	156
Ordem.....	157
Blocos de memórias .....	159
Referências.....	161

## AVISO

Este projeto de livro tem por objetivo recordar alguns acontecimentos do Conjunto Residencial da USP ao longo de 60 anos, através de dezenas de entrevistas com ex-moradores e especialistas, exaustivas consultas a arquivos e divulgação de pesquisas já desenvolvidas sobre o assunto.

O livro não responde questões levantadas para a psicologia e para as ciências sociais. Como produto de comunicação, o procedimento foi organizar as narrativas obtidas através de conversas com as próprias pessoas que participaram dessas histórias. Quando isso não foi possível, utilizei os relatos que essas pessoas publicaram na imprensa, seja ela comercial ou alternativa.

Em poucos meses, este produto fará parte de um memorial disponibilizado no site *crusp.net*, onde também serão apresentadas as publicações, panfletos, fotos e vídeos recuperados.



# MORAR NA USP

## Blocos

Se você abriu este livro, provavelmente sabe que o Crusp (Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo) é onde mora parte das pessoas que estudam na USP do Butantã, o maior campus dessa universidade.

Se for alguém mais interessado no tema, talvez saiba que os prédios inicialmente abrigaram os atletas dos Jogos Pan-Americanos de 1963. Deve-se desconsiderar algumas confusões, como a ideia de que os jogos não aconteceram naquele ano ou de que algumas modalidades teriam sido disputadas no Cepeusp (Centro de Práticas Esportivas da USP), que ainda não existia.

Todavia, talvez ainda não saiba que os prédios que o compõem já abrigaram o IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), museus como o MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia), salas do curso de Letras e do Projeto Rondon, a reitoria e outros órgãos da universidade.

Na presença dos estudantes, o Crusp também foi o lar de iniciativas como a Banca da Cultura, o Teatro Novo, o Painel da Literatura Contemporânea, a Rádio Totó Ternura e a Semana de Arte e Cultura.

O Crusp foi concebido como um projeto pioneiro no uso de pré-fabricação, apesar de nem todas as suas lâminas terem sido construídas com essa tecnologia. Gabriel de Andrade Fernandes, do Centro de Preservação Cultural (CPC) da USP, contextualiza a construção do campus comparando-a ao plano de metas do governo Juscelino Kubitschek, imediatamente anterior ao período de concepção do Crusp.

*A Cidade Universitária era um grande canteiro de obras e alguns pesquisadores dizem que era o segundo maior canteiro de obras da América Latina. Só perdia para Brasília.*



**Os prédios do Crusp atualmente: A1, A, B, C, D, E, F, G, K e L. © Fabiano Albuquerque. <https://www.instagram.com/p/CNpSjvHnG7d/>**

## MORAR NA USP

O conjunto é constituído atualmente por oito prédios, ou dez, se considerarmos os que, embora projetados para moradia estudantil, são usados para outras finalidades. Todos possuem seis andares.

Inicialmente chamado de Setor Residencial dos Estudantes, seis dos 12 edifícios previstos ficaram prontos em 1963. Os primogênitos vão das letras A a F.

O edifício G foi finalizado em 1967, outros três, cujos esqueletos já estavam levantados em 1966, foram demolidos — o J em 1966; as lâminas H e I, em 1983, sem nunca terem sido finalizadas.

Se ainda estivesse em pé, a estrutura H estaria encostada à entrada lateral da atual vivência do Diretório Central dos Estudantes Alexandre Vannucchi Leme (DCE Livre da USP) e ao lado do restaurante central. Também encostado à vivência, mas em frente à entrada pelo corredor, estaria o prédio I.

O primeiro abortado, o bloco J, ficava exatamente onde hoje está a Rua da Praça do Relógio (antiga Rua da Reitoria), que corta o conjunto habitacional. Sua demolição foi alvo de críticas pelos arquitetos envolvidos no projeto.

Atravessando essa rua, estão os mais polêmicos, K e L, nunca destinados à moradia. Eles são ocupados por órgãos da reitoria desde 1973.

O caçula, bloco A1, não fazia parte do projeto original, foi inaugurado em 2011 para atender parte de uma demanda do movimento estudantil.

Em 1968, os sete primeiros prédios abrigavam cerca de 1440 moradores quando o exército e a polícia violentamente expulsou todos, quatro dias após o AI-5.

Os espaços de quase 80 metros entre os blocos deveriam servir para lazer, com gramado, bancos para descanso e quadras de esportes cujas partidas pudessem ser acompanhadas das janelas dos apartamentos. A respeito, o arquiteto Eduardo Kneese de Melo, pai do Crusp, também protestou:

*Infelizmente, isso não foi entendido, porque  
construíram outros trechos horrorosos aqui no meio.*<sup>1</sup>

Nessa fala ele se refere às estruturas colocadas posteriormente nessas áreas, conhecidas como colmeias,

Essa paisagem foi modificada durante os anos 1970, quando os prédios foram destinados a órgãos da universidade, faculdades, institutos, museus e postos militares. Poucos apartamentos ainda restavam e eram usados por pós-graduandos.

No entanto, nos últimos meses de 1979, os estudantes decidiram retomar o bloco A como moradia estudantil. Nos anos seguintes, os demais blocos foram recuperados pelos alunos, exceto o K e o L, que abrigavam a reitoria da universidade.

Passados mais de dez anos da última reconquista, ocorrida em 1993, uma greve estudantil negociou a construção de mais dois blocos de moradia em 2007 e um novo bloco foi entregue em 2011.

O térreo do bloco G, que na época era usado pela Coordenadoria de Assistência Social, foi ocupado por e calouros que não conseguiram alojamentos emergenciais no começo de 2010 e sofreu uma reintegração de posse violenta no final de 2011.

De acordo com a Prip (Pró-reitoria de Inclusão e Pertencimento da USP), a função do Crusp é oferecer as condições de moradia necessárias para que estudantes possam fazer seus cursos e viver a universidade.

Entretanto, a desinformação a respeito da gratuidade do ensino superior e os auxílios oferecidos pelas universidades públicas é enorme. Isso significa que muitos talentos são desperdiçados todos os anos e o vestibular não é a única barreira.

O Crusp é parte de uma política de permanência na instituição que é, em vários aspectos, a principal universidade da América Latina.

No Brasil, como em outros países emergentes, há milhões de pessoas que não dispõem das condições materiais para

---

<sup>1</sup> Arquiteto Eduardo Kneese de Mello. Coordenação: Roberto Loeb. Produção: Videovideo. São Paulo, 12'00 a 12'42".



## MORAR NA USP

usufruírem dos direitos assegurados à sociedade civil. Como a educação é um desses direitos básicos, poderíamos entender os moradores do Crusp como indivíduos que transitam para uma superação dessa condição, no seio desse mais prestigiado centro de ensino e pesquisa.

## Memórias

A convivência entre os estudantes No Crusp criou marcas na personalidade de quem passou por esse espaço onde as histórias individuais e coletivas em busca do acesso à educação superior se entrelaçam.

Este livro propõe recuperar a memória de algumas dessas experiências como convite para estudos posteriores a respeito das formas de expressão, dos modos de criar, fazer e viver, das criações artísticas e das celebrações que fizeram e fazem parte desse espaço.

O olhar dos cruspianos contrasta com o senso comum do restante da comunidade universitária e adiciona um aspecto subjetivo aos desafios de inserção dessas pessoas no ambiente acadêmico.

O Crusp foi atacado inúmeras vezes com discursos semelhantes aos usados contra comunidades pobres e periféricas. Nesse tipo de detração, são destacadas as minoritárias vendas de itens ilegais e violências a fim de justificar a imposição de rígidas regras, a violação do lar e da intimidade, a vigilância cotidiana e, por vezes, a repressão policial sobre a maioria das pessoas.

Numa visão mais conservadora, algumas práticas dos moradores podem ser entendidas como agressivas ao conjunto. Porém, na perspectiva da Constituição de 1988, isso pode ser encarado de outra forma, como destaca Fernandes.

*É justamente a presença dos moradores e suas práticas  
que caracteriza o Crusp como patrimônio.*

Além de reconhecer a relevância arquitetônica dos edifícios, é importante entender de forma mais atenta a relação dos estudantes com essa construção.

O pesquisador explica que o CPC tenta valorizar e preservar não apenas edificações tombadas por órgãos governamentais, mas principalmente lugares, saberes, manifestações e formas de expressão que fazem parte da vida universitária, como manda a Constituição Federal.

*A gente pode entender o Crusp como o patrimônio cultural da universidade na medida em que ele é um conjunto urbano inserido num processo de construção de identidade e de memória de um sem-número de estudantes que passaram por ele e que estabelecem com ele relações afetivas, cotidianas, de moradia, assim como relações políticas, culturais.*

Nesse sentido, o processo de reconhecimento do valor histórico e cultural do Crusp pode seguir vários caminhos, tanto através da sua excepcionalidade arquitetônica quanto das celebrações, rituais e manifestações que criam uma identidade entre os cruspianos.

Costuma-se dizer que há inúmeras produções a respeito da história do Crusp por toda parte, mas a verdade é que muitas vezes são repetidas as mesmas informações, sendo algumas delas não muito confiáveis. O meu desejo, portanto, era apurar cada uma dessas afirmações a fim de contribuir com uma melhor apuração dos fatos e oferecer mais histórias e mais versões para esse arcabouço.

Existe um conjunto de narrativas oficiais que trata a moradia descontextualizada de sua história, como política de permanência contínua, sem considerar as realizações de seus moradores nesse ambiente.

Outro conjunto de narrativas tenta resgatar a história do ponto de vista do movimento estudantil sem considerar que uma grande maioria de moradores simplesmente não participou das reuniões, de lutas, das ocupações e das associações. No entanto, essas pessoas também tinham suas angústias, ofereceram contribuições a nível cultural e artístico e deram e receberam uma formação humanística de convivência que dificilmente se realizaria em outros ambientes. Não é possível estabelecer se essas histórias são mais ou menos importantes do que a de lideranças estudantis.

Por todos os lados as informações são quase sempre imprecisas. Faltam nomes, datas e circunstâncias, sendo que os envolvidos, como constatei, estão dispostos a compartilhar suas histórias. Todavia, o significado da memória e dos fatos históricos podem variar entre indivíduos com narrativas diferentes.



# **ELITE PAULISTANA**

## Cidade Universitária

Armando de Salles Oliveira, que dá nome à Cidade Universitária da USP no Butantã, é a pessoa retratada na escultura do portão principal desse campus, vestindo uma túnica em pé sobre um trampolim. Foi ele quem, influenciado por seu cunhado e sócio Júlio de Mesquita Filho, criou a Universidade de São Paulo numa canetada em 25 de janeiro de 1934..

O pai da USP era um homem de negócios formado na Escola Politécnica de São Paulo. Quase um ano após a derrota dos paulistas na Revolução Constitucionalista de 1932, foi colocado como interventor federal do estado pelo chefe do Governo Provisório Federal, Getúlio Vargas, para enfim selar um acordo de paz, a contragosto dos militares egressos do tenentismo.

Seu cunhado, desde a derrota exilado afim de evitar represálias, então retorna e vai ao encontro do cunhado.

— O que você acha do que já realizei? — questionou Armando

— Você está certo. Aporia minha assinatura sobre todos os seus atos.

— E se você estivesse no meu lugar, o que é que você faria?

— Armando você quer minha opinião pessoal?”

— Quero sua opinião pessoal.

— Meu primeiro gesto seria fazer entrar em São Paulo 100 mil fuzis, 3 a 4 mil metralhadoras e os mecanismos para fazer munição.

— Você está louco!

— Nós vamos ter que lutar com este homem que aí, Getúlio Vargas. Em seguida, eu criaria uma universidade. Depois da experiência com as revoluções, colhi os ensinamentos que me indicavam a necessidade premente de se formar uma elite política brasileira.<sup>2</sup>

Esse projeto ambicioso buscava aproveitar os recursos públicos para atender, imediatamente, a interesses pessoais de

---

<sup>2</sup> Discurso de Júlio de Mesquita Filho em 21 de setembro de 1961, na Faculdade de Ciências Econômicas, presente em um rascunho datilografado. Confira em: José Alfredo Vidigal Pontes. Julio de Mesquita Filho. Recife: Editora Massagana, 2010, p. 149.

uma ala da elite branca de São Paulo. Como primeiro ato, Armando recebe um título de *doutor honoris causa* da instituição.<sup>3</sup> O passo seguinte seria criar uma espécie de cópia de cidade modelo europeia para abrigar a universidade.<sup>4</sup>

A criação de uma Cidade Universitária para a USP permitiria a economia de recursos através da unificação dos laboratórios e das bibliotecas. Outras preocupações incluíam a construção de um parque de esportes para a educação física dos estudantes e de um horto botânico.

Os intelectuais que definiriam o local para a construção de uma Cidade Universitária, liderados pelo reitor Reynaldo Porchat, começaram a se reunir em 21 de junho de 1935. Além de professores da universidade, o grupo contava com o escritor Mário de Andrade, que na época dirigia o Departamento de Cultura da Municipalidade Paulistana.

Consensualmente, essa comissão recomendou ao governador uma área que ia da Escola de Medicina, cobrindo todo o bairro de Pinheiros, atravessando o rio de mesmo nome e terminando no terreno onde já funcionava o Instituto Butantan. Eram cerca de 10.000.000 m<sup>2</sup> e seria necessário desapropriar tudo o que havia pelo caminho.

São Paulo exalava o cheiro azedo das fábricas, com bondes elétricos atravessando as ruas, automóveis barulhentos, edifícios traçando linhas decorativas ecléticas no horizonte.

Contudo, Pinheiros misturava chácaras e pequenas propriedades rurais com os primeiros sinais de urbanização acelerada. O verde das antigas matas ainda resistia nos sítios do Butantã.

A distância do centro da cidade era intencional, pois interessava uma Cidade Universitária que não dependesse do

---

<sup>3</sup> Mariana Machado Rocha. Uma luta científico-social desproporcional: colonialidade e branquitude na fundação da USP e ensino superior na Imprensa Negra Paulista (1924–1937). 2023. Tese de doutorado em Educação. Faculdade de Educação da USP, São Paulo, p. 174

<sup>4</sup> José Alfredo Vidigal Pontes. Julio de Mesquita Filho. Recife: Editora Massagana, 2010, p. 114.

resto de São Paulo, e isso incluía a criação de um conjunto residencial próprio para alunos, funcionários e professores, com a oferta de todos os serviços que uma cidade dispusesse.

Em 1937, o plano foi enviado para aprovação na Assembleia Legislativa, mas o Golpe do Estado Novo interrompe os trabalhos em 10 de novembro de 1937.

O decreto assinado pelo interventor previa uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que fosse o centro nevrálgico da universidade. Porém, o interesse dos jovens abastados era cursar Direito, Engenharia e Medicina. Sendo assim, os cursos de Ciências, Pedagogia, Filosofia e Letras quase ficaram abandonados.

Para evitar o colapso do que deveria ser a principal faculdade da USP, foram recrutados descendentes de imigrantes, mulheres e elementos menos favorecidos da sociedade que ao menos tivessem concluído o ensino básico.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Haroldo Ceravolo Sereza. A curiosa relação da USP com as cotas. Outras Palavras. 11 de julho de 2017. Outras Mídias.  
<https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-estranha-relacao-da-usp-com-as-cotas/>



## ELITE PAULISTANA



*Plano de 1947, com a moradia estudantil no entorno da praça central © Adaptado por André Nicacio Lima a partir de Neyde A. J. Cabral. Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos. São Paulo: Edusp, 2018. Apresentado por Caio Dantas. O abandono do “espírito universitário” na construção da Cidade Universitária Armando de Sales Oliveira. Estudos Avançados, São Paulo, v. 36, n 104, 17 de fevereiro de 2022, p. 268.*

A FFLC admitiu alunos sem o ensino secundário até 1941. Nos arredores da cidade a expansão das indústrias atraía imigrantes que conseguiam colocar seus filhos no Colégio Universitário onde os alunos dessa faculdade eram majoritariamente recrutados.<sup>6</sup>

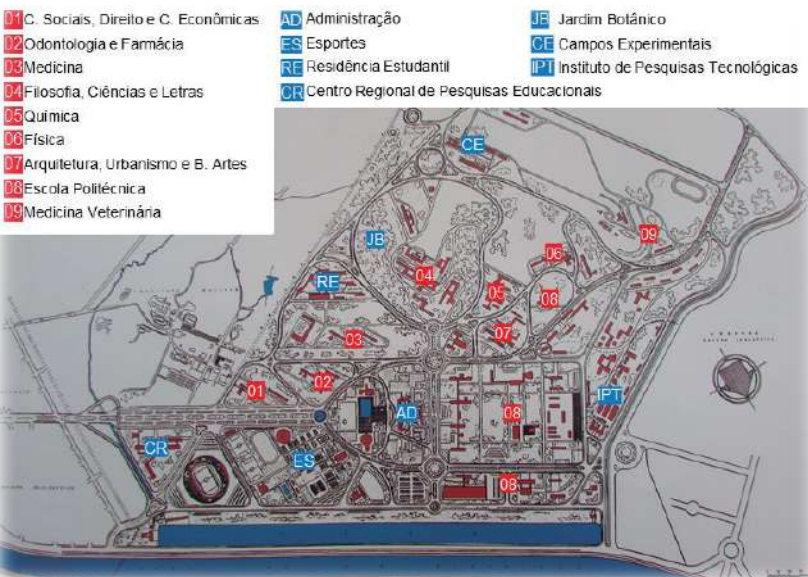
Isso não significa que a destinação inicial da moradia universitária fosse para abrigar exclusivamente alunos mais pobres. Na verdade, ela deveria servir a toda a comunidade universitária, uma vez que o campus estaria em uma zona rural.

<sup>6</sup> Lílían Miranda Bezerra. O Arquivo do Colégio Universitário da USP: um Instrumento de Pesquisa. 2020. Tese de doutorado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da USP, São Paulo, p. 40.

Retomando o projeto, Luís Inácio Romeiro de Anhaia Melo, professor da Poli (Escola Politécnica) e ex-prefeito de São Paulo, assumiu a Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo em junho de 1943 e apresentou um novo projeto para a Cidade Universitária.

No dia 2 de novembro, durante um baile animado na faculdade, o estudante Helio Motta começou a gritar "Morte ao Estado Novo!". Na manhã seguinte, foi preso. Indignados, seus colegas tentaram interceder junto ao Superintendente de Segurança Pública, mas o governo, em vez de recuar, prendeu esses outros estudantes. A situação escalou quando a polícia invadiu a Faculdade de Direito xingando todo mundo e distribuindo coronhadas e prendeu mais oitenta alunos.<sup>7</sup>

Anhaia Melo, que em 1930 tinha sido criticado por apoiar Vargas, pediu exoneração do cargo em 9 de novembro de 1943, em protesto contra a repressão policial e contra a ditadura. No ano



*Plano de 1954, com o espaço para residência estudantil elaborado por Rino Levi. © Adaptado por André Nicacio Lima a partir de Neyde A. J. Cabral. Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos. São Paulo: Edusp, 2018. Apresentado por Caio Dantas. O abandono do "espírito universitário" na construção da Cidade Universitária Armando de Sales Oliveira. Estudos Avançados, São Paulo, v. 36, n. 104, 17 de fevereiro de 2022, p. 270.*

<sup>7</sup> Os "incidentes" com estudantes da Faculdade de Direito. Movestudantil. Instituto de Estudos Brasileiros, 6 de junho de 2018. <https://www.ieb.usp.br/os-incidentes-com-estudantes/>

seguinte, a USP criou uma comissão que formou o Escritório Técnico, responsável pelas construções.

Com a morte do Estado Novo em 1945, o Escritório Técnico apresentou uma nova proposta e só precisava de financiamento do Governo Estadual para colocá-lo em prática. O dinheiro começou a chegar quando Adhemar de Barros voltou ao posto de governador em 1947, resultando na elaboração do Plano Geral da Cidade Universitária. Os institutos e faculdades ficariam em volta da praça central e a moradia estudantil ficaria entre o setor de esportes e as unidades de ensino.

O então reitor da USP, Jorge Americano, era um grande entusiasta da ideia de se construir uma cidade habitada.

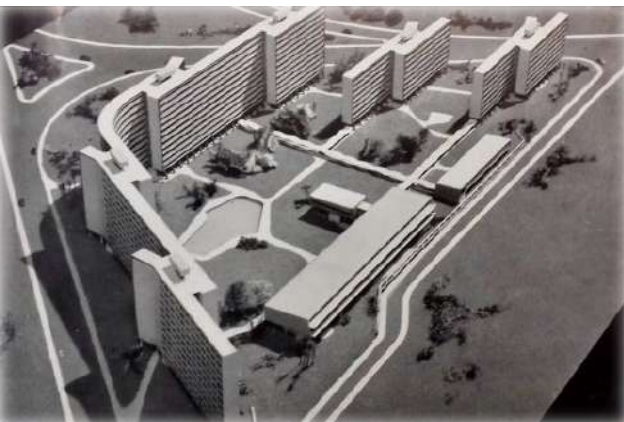
*Uma das vantagens de uma cidade universitária é dar alojamento aos estudantes vindos de longe. A isto acrescem as grandes vantagens de saúde, educacional e instrutiva, de viver várias horas no grande parque formado pela cidade universitária, na companhia de professores, assistentes e suas famílias e de sujeitar-se periodicamente a exames médicos.<sup>8</sup>*

Foi nesse período que as obras da avenida que iria até o centro cívico e do edifício da reitoria começaram. Os recursos eram inconstantes, causando diversas interrupções nas obras, seguindo o que dizia o velho bordão do mandatário: rouba, mas faz.

Entre 1949 e 1954, três projetos foram elaborados. A divisão do terreno em setores de acordo com o tipo de uso foi feita em 1949, abandonando a concepção centralizada dos planos anteriores. Os planos buscavam adaptar parte do traçado viário existente no campus e algumas das edificações já presentes a uma concepção urbanística moderna e funcionalista que priorizava o

---

<sup>8</sup> Jorge Americano. A Universidade de São Paulo: dados, problemas e planos, 1947. Citado por APMG Crusp. Trinta anos de história do Crusp, 1993, p. 4. Disponível no Disponível no CAPH, DH, Projeto Memória da FFCL/FFLCH-USP, tomo nº 330.



**Setor Residencial do Estudante da Cidade Universitária de São Paulo** *desenhado por Rino Levi © Domus, n. 287, outubro de 1953. Apresentado por Cláudia Costa Cabral. Rino Levi e a megaestrutura. Vitruvius, Arqtextos, v. 260 n. 02, ano 22, janeiro de 2022*

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/22.260/8382>

fluxo de automóveis, o que estava alinhado ao pensamento rodoviarista da época.<sup>9</sup>

Em 1953, os professores Rino Levi e Roberto Cerqueira Cezar apresentaram um anteprojeto do Setor Residencial de Estudantes que ficaria em um terreno de 123,5 mil m<sup>2</sup> na colina onde hoje está o Instituto de Química.

Após uma mudança de planos em 1956 a zona residencial foi para o espaço ao lado da praça

central, ampliando a área para 587 mil m<sup>2</sup>, mas o governador Jânio Quadros ofereceu verba nenhuma para as construções.

Em 1960, durante o governo de Carvalho Pinto, é criado o Plano de Ação do Governo do Estado (Page), coordenado por Plínio de Arruda Sampaio e o Fundo para Construção da Cidade Universitária “Armando de Salles Oliveira”, que definiram um setor de convivência para a Cidade Universitária que incluía um centro cívico e um conjunto residencial.

---

<sup>9</sup> Grupo de Trabalho 5 (Patrimônio) do Plano Diretor Campus Butantã. Patrimônio material, cultural e ambiental e diretrizes construtivas e urbanísticas.

<https://planodiretor.cb.usp.br/gt-patrimonio-2/>

O projeto de 1961 inaugurou a ideia de que a região entre a reitoria e a moradia seria o centro simbólico e material da vida universitária.<sup>10</sup>

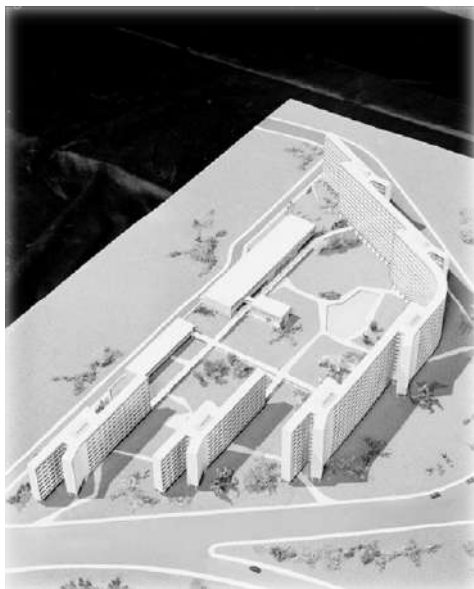
O projeto para o conjunto de apartamentos fica sob a responsabilidade do professor Eduardo Kneese de Melo, que divulga o anteprojeto em 14 de março de 1961.

No entanto, o ensino superior era para poucos. Para se ter noção apenas cerca de 3,4% da população brasileira havia concluído o ensino secundário na década de 60.

Por outro lado, a cidade onde a USP estava inserida crescia a passos largos e tinha ultrapassado a população da cidade do Rio de Janeiro durante a década de 50. A taxa de crescimento de São Paulo começou a cair, mas a cidade não tinha parado de crescer. Era só o ritmo que diminuía.

Desde o final do século anterior, o número de pessoas que chegava na cidade dobrou, triplicou, quadruplicou. Naquele momento ainda aumentava, mas tirando o pé no acelerador.

A guerra fria esquentava por aqui. Dois golpes militares — anticomunistas, segundo seus líderes — tinham sido repelidos ainda no governo presidente Juscelino Kubitschek.



*Desenho de Rino Levi para a moradia da Cidade Universitária. © Centro Integrado de Documentação Digital, Projeto Piloto Rino Levi, Faupucamp, 1997-01, CD08, imagem 61. Apresentado por Maria Beatriz de Camargo Aranha. A obra de Rino Levi e a trajetória da arquitetura moderna no Brasil. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, p. 34.*

---

<sup>10</sup> Grupo de Trabalho 5 (Patrimônio) do Plano Diretor Campus Butantã. Patrimônio material, cultural e ambiental e diretrizes construtivas e urbanísticas.

<https://planodiretor.cb.usp.br/gt-patrimonio-2/>

## Projeto

Para os arquitetos modernistas, a tinta era um elemento desnecessário. Os materiais e a estrutura precisam ficar à mostra, o que também reduzia os custos de construção e a necessidade de retoques. Afinal, pinturas externas precisam ser refeitas periodicamente, enquanto a fachada de concreto bruto exige pouquíssima manutenção.

Projetado em 1961 pelo renomado professor Eduardo Kneese de Mello, com o apoio dos arquitetos Joel Ramalho Júnior e Sidney de Oliveira, este setor foi inicialmente concebido para primeiro alojar os atletas dos Jogos Pan Americanos de São Paulo, em abril e maio de 1963, e de ser destinado aos estudantes em seguida.

Sabendo que a maneira como uma moradia seria construída interferiria nos pensamentos, nos sentimentos, nas atitudes e nas visões de mundo dos habitantes, Eduardo Kneese pensou em criar ares coletivistas para os apartamentos.

Cada um deles, com 40 m<sup>2</sup>, oferecia uma sala de estudos, um banheiro e um dormitório equipado com armários embutidos e três camas.

Hoje as questões sobre acessibilidade são imperativas, mas o acesso dos elevadores pela escada, além de reduzir os custos com poços, era vista como uma economia energética altamente vantajosa.

Cada andar contaria com uma sala de estar compartilhada, enfermaria, rouparia e copa. A distância de quase 80 metros entre os blocos permitiria a entrada de luz solar durante todo o dia.

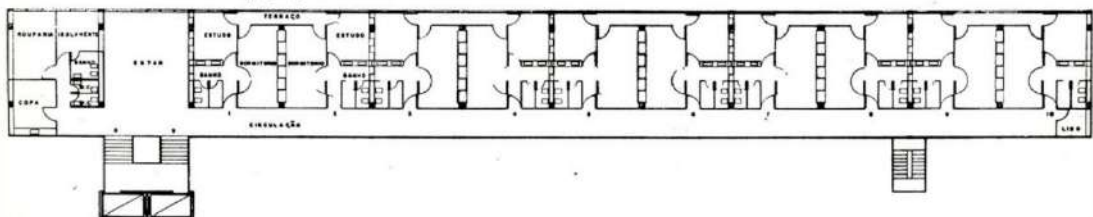


*Pavilhão Suíço da Cidade Universitária de Paris, construído entre 1931 e 1933. O edifício dos arquitetos Le Corbusier e Pierre Jeanneret teria sido a principal inspiração para os prédios construídos em Brasília, que por sua vez serviram de inspiração para o Crusp. © Jean-Pierre Dalbéra, Flickr.*



## ELITE PAULISTANA

Planta do pavimento tipo, modulado em 0,95 m, tendo 10 unidades residenciais para 3 estudantes cada. À esquerda do bloco de elevadores situa-se um conjunto de isolamento para enfermos, rouparia e copa. O comprimento de cada edifício é de 72,90 m, largura de 8,55 m. Espaço ajardinado entre os blocos: 79,50 m



*Esse é um andar do projeto original, que teve a copa, o ambulatório, a rouparia e as varandas descartados na execução. © Setor Residencial da Cidade Universitária. Acrópole, São Paulo, 303, fevereiro de 1964, p. 96.*

As divisões internas foram feitas com painéis de madeira compensada preenchidos com lã de vidro, e as janelas possuem persianas-guilhotinas de alumínio para controlar a entrada de luz solar direta.<sup>11</sup>

Originalmente, o corredor central deveria se estender como um túnel sob a avenida principal (hoje Av. Prof. Luciano Gualberto), conectando as moradias aos institutos de humanas. Nas extremidades do corredor, estações cobertas de transporte público, com serviços de café, engraxate e venda de jornais, estavam previstas. Uma passagem protegida do sol e da chuva levaria os moradores ao centro social, com uma estação rodoviária, um grande restaurante (maior que o atual bandeirão) e clubes estudantis.

Os edifícios tinham térreos abertos sustentados por pilares. O projeto original previa doze prédios, seis de cada lado de um corredor coberto para pedestres, mas o governo paulista prometeu entregar apenas metade deles até a abertura dos Jogos Pan Americanos.

Esta foi a primeira experiência de pré-fabricação de concreto em larga escala em São Paulo. Os cálculos estruturais (de tipo convencional, fundido na obra) foram feitos pelos engenheiros Arthur Luiz Pitta e Lello Sisto Ranzini. Quando a Ribeiro Franco S.

---

<sup>11</sup> Jason Tércio. Rito de passagem – a história vertiginosa do Crusp (1963–1968) — educação, ditadura, inconformismo. Manuscrito submetido para publicação, 2023, p. 11.

A. Engenharia e Construções venceu a concorrência pública, confiou ao engenheiro Henrique Herweg o cálculo da estrutura pré-fabricada<sup>12</sup>.

“Pré-fabricação só interessa quando existe repetição do elemento e lá nós tínhamos uma viga, por exemplo, que era repetida cerca de mil vezes”, explica Kneese a um documentário feito sobre sua obra<sup>13</sup>.

O professor revelou também que a economia proporcionada pela pré-fabricação das estruturas foi o que permitiu que o urbanista Paulo Camargo e Almeida, diretor executivo do Fundo de Construção da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (CUASO), liberasse a construção de doze prédios, e não apenas seis.

Como não havia oficinas especializadas nesse tipo de técnica, os moldes das estruturas seriam preparados na própria obra, contra toda sorte de opositores. “Para os jogos, não teríamos tempo de empregar a pré-fabricação porque não tinham indústrias nem livros disponíveis”, conta Sidney.<sup>14</sup>

Para evitar imprevistos, o Fundo de Construção autorizou à segunda colocada da concorrência, Servix Engenharia Ltda., a construção imediata de metade dos blocos com técnicas tradicionais.

As obras começaram em março de 1962, contando com verbas federais, estaduais e municipais. Cerca de 2.500 operários se

---

<sup>12</sup> Setor Residencial da Cidade Universitária. Acrópole, São Paulo, 303, fevereiro de 1964, p. 95.

<sup>13</sup> Arquiteto Eduardo Kneese de Mello. Coordenação: Roberto Loeb. Produção: Videovideo. São Paulo, 8'35" a 9'00".

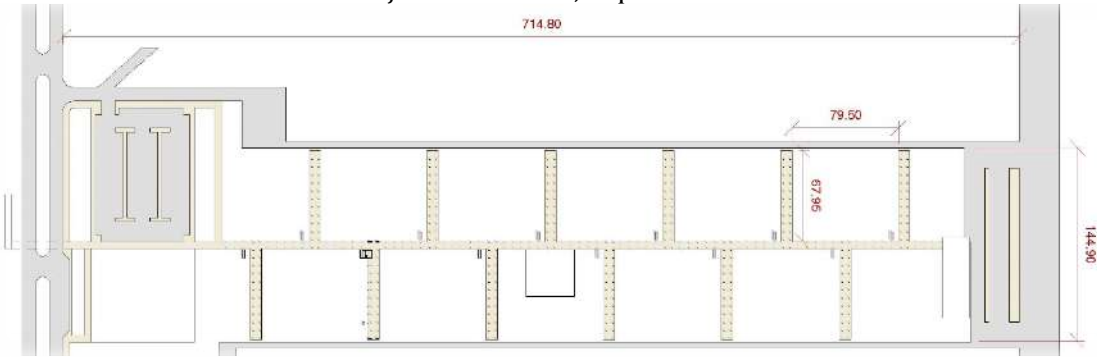
<sup>14</sup> Sidney de Oliveira. A experiência com a pré-fabricação em concreto armado do sócio de Eduardo Kneese de Mello. Vitruvius, outubro de 2019.

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/20.080/7490?page=2>



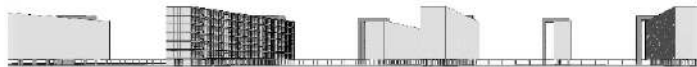
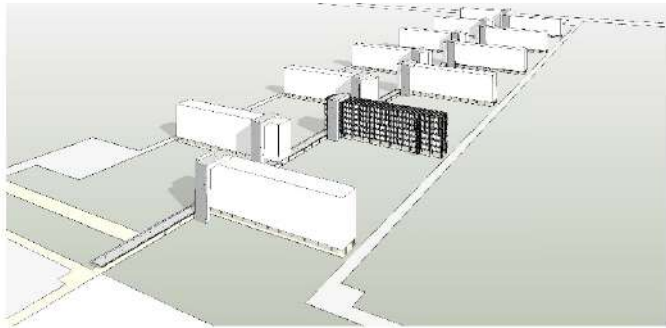
## ELITE PAULISTANA

revezaram durante as 24 horas do dia.<sup>15 16</sup> Em toda a construção não foram usados tijolos e tinturas, o que acelerou os trabalhos.



*Planta com toda a área destinada ao Crusp redesenhada © Roberto Alves de Lima Montenegro Filho*

Para dar cor às fachadas, foram encomendadas chapas de plástico, sendo as do bloco A vermelhas, do B azuis, do C creme, do D rosa, E verdes e F amarelas. O plano previa uma varanda compartilhada a cada dois dos 10 apartamentos por andar, mas ela foi substituída pela ampliação dos quartos durante a construção.



*Projeto dos blocos do Crusp redesenhado e em perspectiva tridimensional © Roberto Alves de Lima Montenegro Filho*

<sup>15</sup> Jason Tércio. Rito de passagem – a história vertiginosa do Crusp (1963–1968) — educação, ditadura, inconformismo. Manuscrito submetido para publicação, 2023, p. 9.

<sup>16</sup> A Cidade Universitária acolhe atletas das Américas. O Estado de S. Paulo, São Paulo, São Paulo, 17 de abril de 1963, p. 72.

O primeiro bloco de alojamentos ficou pronto em 3 de março de 1963. No dia 30, ficariam prontos 396 apartamentos com janelas para o norte. Ou seja, um apartamento a mais por andar no canto para o corredor central, sacrificando a copa, a enfermaria e a rouparia. Os blocos G ao L estavam ainda como esqueletos.



*Canteiro de obras do Crusp na época dos jogos Pan Americanos, quando ainda havia uma estrutura para serviços diversos entre os blocos e a avenida paralela à Raia Olímpica. © Setor Residencial da Cidade Universitária. Acrópole, São Paulo, 303, fevereiro de 1964, p. 94.*

Entre os pavilhões F e H, havia uma edificação com área de convívio social e restaurante para todos os blocos, onde atualmente funciona o bandejão central da universidade. Para os jogos, foram colocados dois beliches nas salas de estudos para que fossem acomodadas sete pessoas por apartamento.

Até hoje, cada bloco tem dois elevadores no extremo próximo ao eixo central do conjunto. Eles param entre um piso e outro, precisando das escadas para o acesso. Segundo Sidney, isso gerou alguma economia. “Com o primeiro meio nível acima do térreo,

não precisamos fazer as molas enterradas com impermeabilização.”<sup>17</sup>

No outro extremo de cada edifício fica uma escada de emergência externa feita de concreto que não vai até o chão. A justificativa era garantir o controle dos estudantes pela entrada principal 18, como conta Kneese no documentário. “É um escada exclusivamente de saída de emergência, não é de entrada, e dois metros e pouco até eu sou capaz de pular se tiver um fogo atrás de mim” 19.

Uma praça de areia branca com plantas ornamentais rasteiras e bancos feitos com troncos de árvores foi colocada entre os blocos C e E<sup>20</sup>.

Os leitores conhecerão nesta publicação um exemplo notável de arquitetura moderna, onde cada detalhe foi pensado para proporcionar conforto, funcionalidade e beleza, refletindo o melhor do desenvolvimento habitacional.

---

<sup>17</sup> Sidney de Oliveira. A experiência com a pré-fabricação em concreto armado do sócio de Eduardo Kneese de Mello. Vitruvius, outubro de 2019.

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/20.080/7490?page=2>

<sup>18</sup> Setor Residencial da Cidade Universitária. Acrópole, São Paulo, 303, fevereiro de 1964, p. 94.

<sup>19</sup> Arquiteto Eduardo Kneese de Mello. Coordenação: Roberto Loeb. Produção: Videovideo. São Paulo, 11’23” a 11’58”.

<sup>20</sup> Jason Tércio. Rito de passagem – a história vertiginosa do Crusp (1963–1968) — educação, ditadura, inconformismo. Manuscrito submetido para publicação, 2023, p. 10.

## Jogos Pan Americanos

Sejam bem-vindos à Vila Panamericana! É com enorme satisfação que o povo brasileiro os tem aqui recebidos. Os prédios à frente são constituídos por 396 apartamentos. Em cada um dele há sete vagas preparadas para hospedar atletas, comissões técnicas e delegações, sendo um quarto com três camas e outro com dois beliches.

No térreo deste primeiro edifício — o bloco A —, estão abrigados a administração geral e a equipe de segurança. Mais à frente e do lado esquerdo, o pavilhão em frente ao bloco B é aonde



*Estudantes visitavam com frequência a Vila Panamericana para ttiar os atletas e conhecer o futuro setor residencial que os receberia, uma vez que ele estava tão próximo das salas de aula em que estudavam. Fotos: Relatório dos Jogos Pan Americanos de 1963. Comissão Organizadora e Executiva Dos IV Jogos Pan-Americanos, 1963, pp. 72, 76 e 77.*



as senhoras e os senhores deverão dirigir-se a fim de receber as instruções sobre onde ficarão alojados e, quando precisar, abaixo desse mesmo bloco poderão solicitar informações, enviar cartas e telegramas, além de dispor de serviços bancários e de câmbio de moedas. Todos os atletas receberão, como lembrança, um pequeno broche dourado e prateado com o símbolo dos jogos.

Tudo aqui foi planejado para a mais completa hospitalidade. O térreo do prédio C dispõe de barbearia, instituto de beleza, lojas, engraxates e recreações.

Pelas janelas, é possível ver no horizonte, de um lado, o Pico do Jaraguá e, do outro, a Avenida Paulista, com suas belas construções. Fora daqui, há uma disputa renhida por uma colocação no quadro de medalhas. Entretanto, os alojamentos enfileirados têm proporcionado o convívio de intensa vibração e espírito cavalheiresco após os treinos e as competições.

Os primeiros a chegarem aqui foram os atletas brasileiros, no dia 10 de abril, cinco dias antes dos primeiros estrangeiros: os halterofilistas das Antilhas Holandesas e os ciclistas uruguaios e mexicanos. Os jogos serão realizados de 20 de abril a 5 de maio.

A novidade é o grande número de moças competindo, o que há quatro anos, em Buenos Aires, era incomum.

É a quarta vez que o evento ocorre, mas a primeira que engrandece terras brasileiras. A título de curiosidade, devo dizer que este local surgiu como que por encanto, após 120 dias de trabalho à exaustão. Erguidas com a pressa de quem prepara um festim, embora simples, as estruturas são extremamente funcionais. Entre percalços, os jovens atletas de toda a América parecem respirar uma mesma atmosfera de esperança e nervosismo, fortalecendo o espírito do panamericanismo.

A realização desta quarta edição dos Jogos Panamericanos deve-se ao apoio incondicional e decisivo dos poderes públicos. Há poucos dias, o governador Adhemar de Barros anfitrião no encontro no Estádio do Pacaembu na alegria de nossa melhor música popular.

E não é à toa que São Paulo ficou mais bonita e arrumada para esta festa. O entusiasmo popular chegou às raias do indescritível. Milhares de pessoas esgotam as lotações dos estádios e a

juventude estudantil que passa por aqui prestigia o grande desfile de competidores.

Vejam só que pequeno garoto esse que prestigia uma das delegações caribenhas:

*Eu conheci o Crusp exatamente em 1963. Eu era estudante secundarista.*

*Era a primeira vez que Cuba tinha uma delegação olímpica competitiva e os Jogos Pan Americanos sempre foram tidos como uma menina dos olhos, uma vitrine, do consulado americano e da embaixada americana.*

*Então, essa miniolimpíada que iria se realizar em São Paulo no auge da Guerra Fria. Havia sido descobertos os mísseis russo-soviéticos em Cuba, e Cuba estava para ser invadida pelos Estados Unidos.*

*Cuba pra cá enviou a sua melhor equipe, a sua primeira equipe olímpica, principalmente nos jogos coletivos. Equipes fantásticas de voleibol, de futebol, de beisebol, de handball e por aí afora, esses jogos que são muito disputados com os americanos.*

*Bom, eu estou te falando tudo isso porque eu tinha 14 anos de idade, morava no bairro da Mooca e a sede dos Jogos Panamericanos, a Vila Olímpica, eram os prédios do futuro Crusp.*

*O Butantã era uma loucura, era longínquo, era quase uma área rural na cidade de São Paulo. As pessoas conheciam até Pinheiros, Vila Madalena. Ninguém ultrapassava o rio. Não tinha essas pontes majestosas, que tem hoje. O ônibus da cidade universitária vinha do Largo da Concórdia. Era uma epopeia chegar na Cidade Universitária. A gente fazia um bom trecho a pé. Os ônibus iam até a árvore — a palmeira, como falavam — lá no Jockey Club. O resto a gente cumpria a pé.<sup>21</sup>*

---

<sup>21</sup> Depoimento de Adriano Diogo ao autor em 19 de julho de 2022.

## ELITE PAULISTANA



*Vila Panamericana, com um barracão de armazém e abrigo para acesso aos serviços de transporte próximos à estrada de acesso, onde filas de automóveis e ônibus chegavam e partiam a todo momento. Fotos: Relatório dos Jogos Pan Americanos de 1963. Comissão Organizadora e Executiva Dos IV Jogos Pan-Americanos, 1963, pp. 39, 78 e 79.*



Ainda durante a festa, o Conselho Universitário elaborou para o governador uma lista com três nomes na tarde do dia 2 de maio de 1963. O novo reitor da USP deveria ser escolhido dentre esses indicados.

Na primeira votação para essa lista, o então reitor Ulhôa Cintra ficou em primeiro, com 25 votos, seguido por Eurípedes Simões de Paula, com 24. Luiz Antônio da Gama e Silva, que foi votado por 17 conselheiros, e Zeferino Vaz, por 16, tiveram que disputar uma segunda rodada. O primeiro perdeu dois dos apoiadores e ficou com 15 indicações e o outro candidato continuou com 16, no entanto a quantidade mínima de votos exigida pelo estatuto não foi atingida.

A última votação para a escolha do terceiro nome finalmente não exigiu o tal número mínimo de conselheiros participantes, mas alguém mudou de voto, pois o placar se inverteu: 16 a 15 para Gama e Silva. Sendo assim, o ultraconservador entrou para a lista.

Dez dias após o encerramento dos Jogos Pan Americanos, o ainda reitor Ulhôa nomeou uma comissão para regulamentar a abertura do Conjunto Residencial da Cidade Universitária.

Porém, no dia 18 de junho, o governador escolheu o retardatário Gama e Silva como reitor, que interrompeu esse processo e as obras dos demais blocos. No mesmo mês, o projeto recebia a grande medalha de ouro no 12º Salão Paulista de Arte Moderna.

No início do mandato, contudo, o novo reitor dependia dos apoiadores de Ulhôa e de Eurípedes no Conselho Universitário. Ao mesmo tempo, Gama e Silva buscava fazer política fora desses limites para aumentar sua influência, afinal de contas nem mesmo o governador nutria simpatia pelo escolhido — se dependesse somente dele, o reitor seria Zeferino Vaz.



# JUVENTUDE DESTEMIDA

## Pioneiros

Com o que sonhava um estudante do segundo ano de Engenharia da USP em 1963? Era início do quarto semestre do curso quando Rafael Kauan, ao acordar, olhou para o relógio e percebeu que estava atrasado. Vestiu a calça, a camisa e os sapatos, desceu as escadas correndo, não antes de alcançar de sobejo um paletó, dado que era inverno.

O ônibus que ia para a Cidade Universitária saía apenas uma vez pela manhã para chegar no horário da aula.

*No meu ano, que começou em 62, foi todo mundo pra a Cidade Universitária. A Casa do Politécnico era um predinho que o Grêmio Politécnico construiu com a ajuda de engenheiros que se formaram lá, e não tinha condição de atender a demanda. Tinha muito mais gente precisando de moradia. A região de Pinheiros não tinha muita estrutura de pensão, essas coisas. Então tinha um drama muito grande de moradia pra gente que era do interior, fora de São Paulo, pra estudar na Poli da minha turma.<sup>22</sup>*

Quem diz isso é Jorge Fagali Neto, então aluno da mesma turma. Os dois eram de São José do Rio Preto e, assim como outros alunos que vinham do interior, viviam na Casa do Politécnico. O predinho que pertencia ao grêmio de estudantes está até hoje na Rua Afonso Pena, próximo à Praça Coronel Fernando Prestes, dois nomes da aristocracia café com leite cuja descendência talvez estivesse presente entre os colegas de graduação.

O edifício de oito andares ficava a cinco minutos a pé da antiga Poli (Escola Politécnica da USP). Em 1960, porém, a gestão de Ulhôa Cintra começou a transferir o curso para a Cidade Universitária, a 14 quilômetros dali.

Kauan chegou às nove e meia, na hora do intervalo, e encontrou Fagali.

---

<sup>22</sup> Depoimento de Jorge Fagali Neto ao autor, em 5 de setembro de 2022.

—Caramba, Jorge! Eu perdi o ônibus e tive uma dificuldade pra chegar aqui. Peguei umas caronas. Aí eu vi aqueles prédios e fiquei curioso. Eu fui lá ver e só tinha um cara tomando conta. Fiquei curioso...

Assim que a aula acabou, os dois foram ao local e conversaram com um senhor chamado Gregório. O homem, mesmo cheio de dedos e com medo convidou os dois rapazes para subir: “Olha, eu vou mostrar pra vocês porque eu acho um pecado isso aqui”.

*Eu tive a maior surpresa da minha vida. Era um apartamento! Do lado direito tinha um quarto, três camas, três armários embutidos, roupa de cama, tudo arrumadinho! Você virava e tinha uma pia, tinha privada, o chuveiro. A sala tinha uma bancada que cabiam os três e as estantes pra colocar as coisas.*

— Tudo equipado, pronto... e fechado! Cacete! E a gente não tem onde morar, porra! — exclamou Fagali,

— Desde o Pan Americano tá aqui e eu sou o zelador. Fico aqui fazendo nada pra ninguém.

— Puta, Kauan! Caralho! Nós temos que resolver isso aqui!

Voltando para a Poli, os dois se depararam com uma assembleia de estudantes. A fofoca se alastrou e Fagali pediu uma questão de ordem, que é como se diz quando alguém quer introduzir uma dúvida na condução da reunião. Todavia, o jovem usou a fala no palco para contar o que viu naquele alojamento.

*Bom, o assunto passou a ser esse e já me nomearam na assembleia.*

— Então vamos formar uma comissão pra se ocupação disso. Você fica sendo o coordenador.

— Peraí, então vamos fazer a coisa certa. Eu vou procurar o DCE pra gente fazer uma coisa séria. Não vamo entrar igual a porra louca. — respondeu Fagali.

Além dos dois companheiros de turma, ao menos sete calouros do mesmo curso passavam por indagações semelhantes: Mário Roberto Marques Pierry, Fernando Perez, Paulo Henrique Prandi, Magnovaldo Bezerra dos Santos, Francisco de Assis Sampaio Malaman, Ulysses Rodrigues de Freitas, Luiz Eduardo Osório

Negrini e Peter Bräkling, que, segundo Fagali, era um alemãozão grandão, forte e pobre.

*À noite ele batia na porta da gente pra ver se tinha pão duro pra ele, porque ele tinha fome. Era um estudante da Poli que andava só de sandália Havaianas.*

Nesse tempo, em que estudantes da USP usavam ternos e sapatos de couro, as recém-lançadas Havaianas eram itens legítimos de gente pobre.

Fagali procurou Sylvio Sawaya, presidente da entidade máxima dos estudantes da USP, que logo achou a ótima ideia de reivindicar os alojamentos e propôs uma conversa com o reitor recém empossado Luís Antônio da Gama e Silva.

*O tio do Sylvio Sawaya era professor da USP, a família era assim... tinha um certo respeito. Eu não! Eu era de interior. Ninguém nem sabia quem eu era. Mas o Gama e Silva não quis, de jeito nenhum, conversar com a gente.*

— Nós temos que pressionar ele para atender a gente. — sugeriu Sylvio, que colocou em prática um movimento com o pessoal que estudava na Cidade de Universitária e comia no IPT<sup>23</sup>.

O DCE contatou os centros acadêmicos e o assunto se espalhou. A agitação atraiu a atenção das alunas de outros cursos que moravam em repúblicas, de favor com parentes ou amigos ou pensões, como era o caso da goiana Hilda de Souza Lima Mesquita e da bauruense Heloísa de Abreu Alvarenga, do curso de História Natural. Vir todos os dias do centro da cidade era de lascar. Além do biênio da Poli, também havia no campus os cursos de Física, Geografia, História Natural (que, ainda em 1963, passou a se chamar Ciências Biológicas) e Pedagogia.

Atravessar o bairro em direção aos institutos era um desafio para as garotas. Somente uma linha de ônibus atravessava a ponte que leva ao Butantã: a 720, que saía do Vale do Anhangabaú. Dessa

---

<sup>23</sup> Instituto de Pesquisas Tecnológicas, instalado no lado oeste da Cidade Universitária, ao lado da Escola Politécnica. O restaurante não era subsidiado e era considerado um pouco caro pelo estudantes,

parada, elas tinham que botar o sebo nas canelas para percorrer mais de um quilômetro até o ponto do ônibus circular do campus.<sup>24</sup>

Os cerca de 25 a 30 estudantes que queriam morar nos prédios começaram a se reunir no Bar do Biênio — que apesar do nome era uma lanchonete — e se organizaram para ir à reitoria, que insistia que os quartos ainda não poderiam ser liberados.

*Nós cercamos a reitoria pra obrigar o Gama e Silva a ouvir a gente. Aí um dia, numa das vezes que nós cercamos até o carro dele, nós vimos o prefeito da Cidade Universitária, Paulo de Camargo e Almeida, entrando na reitoria. Ele era um cara meio socialista e tal. Ele conhecia o Sylvio Sawaya, por causa do tio dele.*

Quando saiu do prédio, o prefeito do campus foi conversar com o garoto presidente do DCE.

— O Gama e Silva mandou chamar a polícia, e eu disse que eu não faço. Eu não vou chamar a polícia pra cima de estudante, ainda mais que eu acho que vocês têm razão.

— Então vamos ficar firmes!

Os estudantes passaram a cercar a reitoria todos os dias. A resposta oficial era sempre a mesma: que os prédios não estavam em condições de habitação permanente devido à falta de acabamentos. No entanto, pesava mais o fato de que os apartamentos de dois dos blocos hospedariam os delegados da OEA<sup>25</sup> em outubro e, para os dirigentes da universidade, não seria conveniente juntar estudantes e diplomatas.

---

<sup>24</sup> Para fazer esse cálculo, muita criatividade foi gasta. Segundo Celso Suyama e Zilda Almeida Junqueira, o ponto de ônibus ficava próximo a uma paineira na ponta da Avenida Valdemar Ferreira, a via de acesso aos bares mais frequentados pelos estudantes da USP atualmente. De acordo, com Jorge Fagali Neto, o último ponto antes da USP ficava próximo à entrada do Instituto Butantan, o que me fez imaginar que havia ao menos dois pontos mais ou menos equidistantes da Cidade Universitária.

<sup>25</sup> Organização dos Estados Americanos, que reunia, após a suspensão de Cuba em 1962, 20 países americanos independentes.

- Informações reservadas dão conta que PAULO DE CAMARGO E ALMEIDA, apesar de não ser fichado no DOPS, é um elemento suspeito, é mais da esquerda do que da direita. É Professor de Engenharia de São Carlos-SP. É elemento de grande atividade no meio estudantil e é inimigo do Professor Gama e Silva. Já foi Presidente da Fundação Armando Salles de Oliveira, e certa ocasião tentou jogar os universitários - contra o Professor Gama e Silva. Apesar de não ser conhecido como comunista, tem sido insuflador de agitação estudantil.

*Trecho de dossiê do SNI (Serviço Nacional de Informações) sobre o professor Paulo de Camargo e Almeida de 24 de maio de 1967. Disponível no Arquivo Nacional.*

— Por quê? Nós não somos animais... — Disse Pierry ao assessor do reitor Rone Amorim, que logo em seguida encerrou abruptamente uma das reuniões.<sup>26</sup>

Em outra oportunidade semelhante, alguém sugeriu, diante da inércia da reitoria, que os estudantes pretendiam ocupar os apartamentos na marra.

Kauan e Fagali achavam que essa seria uma atitude tomada de cabeça quente e geraria punições. Mesmo assim, Pierry, Negrini e Bräkling decidiram por conta própria que tentariam e que o momento certo seria o final da tarde do dia 15 de agosto de 1963, Assunção de Nossa Senhora, um feriado municipal na quinta-feira.

As ruas da cidade estavam vazias. Apenas nas redondezas do Estádio do Pacaembu circulava uma multidão para assistir ao Pelé no clássico entre Santos e São Paulo.

Bräkling, Pierry e Negrini tomaram um ônibus que passaria mais próximo à Cidade Universitária. Os dois últimos, que eram santistas, levaram um radinho de pilha para ouvir o jogo. Pelé e Coutinho tinham sido expulsos no primeiro tempo após peitarem o juiz da partida. Quando chegaram ao Butantã, o placar marcava 4 a 1 para o São Paulo. O juiz Armando Marques encerrou a partida

---

<sup>26</sup> Jason Tércio. Rito de passagem – a história vertiginosa do Crusp (1963–1968) — educação, ditadura, inconformismo. Manuscrito submetido para publicação, 2023, p. 17.

assim que o quinto jogador do Santos foi tirado do jogo lesionado, aos nove minutos do segundo tempo.

Os três estudantes seguiram por um caminho de terra e se esconderam atrás de uma moita. Passado algumas horas, observaram um vigia passando por um entrada no alambrado que rodeava o conjunto de prédios. Era por ali que deveriam entrar.

Começou a anoitecer quando decidiram agir. Os três caminharam pela penumbra, passaram a abertura rapidamente para não serem descobertos e subiram as escadas do bloco F. No último andar, encontraram as portas abertas e escolheram o apartamento 611, o último do corredor. As camas tinham colchões, mas estavam sem lençóis e cobertores.

Essa foi a tal ocupação tão falada nos anos seguintes, contra as assembleias de estudantes. Uma atitude não tão subversiva como seria pintada posteriormente, nem contanto com o apoio de Kauan. Assim, Luiz Eduardo, Mário Roberto e Peter foram os primeiros estudantes a dormirem uma noite no conjunto.

Antes do dia amanhecer na Cidade Universitária, os aventureiros desceram as escadas e caminharam em direção à Poli. Assim que encontraram os colegas, cantaram vitória e explicaram como fizeram para entrar e como era o apartamento por dentro. Bastou isso para que os estudantes que participavam dos protestos comessem a planejar ocupar o prédio da mesma forma. Foi um fim de semana e tanto.

*Isso foi uma aventura de três, quatro pessoas que se consideraram os primeiros invasores. Mas, na verdade, não houve uma invasão, houve uma negociação com a, então, mulher do reitor Gama e Silva. Essa negociação levou a que esse grupo fosse permitido se alojar lá.* <sup>27</sup>

Essa fala é de Celso Suyama, profundo conhecedor da história toda, embora tenha entrado na moradia apenas em 1964. Na semana seguinte, o número de estudantes manifestando em frente ao prédio da reitoria aumentou drasticamente e os conseguiu entrar na reitoria. Os alunos chegaram até a antessala do reitor e lá ficaram sentados nos sofás e no chão esperando por uma

---

<sup>27</sup> Depoimento de Celso Suyama ao autor em 11 de agosto de 2022.

reunião. Apenas cinco pessoas foram autorizadas a entrar na sala. “O Sylvio Sawaya e eu pegamos mais alguns estudantes, inclusive o Peter Bräkling”, diz Fagali.

Quem atendeu foi o assessor, que disse que não haveria diálogo enquanto houvesse invasores. Confiando na promessa, os alunos deixaram o prédio. Com o aumento da pressão e da adesão de mais gente à causa, não demorou para que um andar do bloco F fosse finalmente oferecido.

De acordo com Suyama, a autorização do uso de um dos andares pelos estudantes foi intermediada pela mulher do reitor, Eddy de Mattos Pimenta da Gama e Silva, e era maliciosa.

*Ela achava que os estudantes iriam rapidamente mostrar que eram incapazes de se comportar adequadamente. Essa é uma coisa que parece-me que era do clima da preocupação e do desejo dela até que não desse certo.*

Finalmente, com as negociações abertas, Fagali explicou na mesa do reitor que o grupo de estudantes não tinha onde morar e que faria uma ocupação organizada e de forma gradual.

— A gente começa com poucas pessoas, vamos vendo as dificuldades e aos poucos a gente vai indo. Eu acho que 33 vagas é pouco. Se desse pelo menos deixar começar com dois andares...

O reitor concordou, porém com a condição de que acabaria com tudo caso houvesse algazarra. No final da conversa, meio que inesperadamente, foi liberado ainda mais um andar para as estudantes mulheres. O preenchimento desse andar era uma provocação, pois o reitor achou que aqueles rapazes que à frente das mobilizações não encontrariam interessadas.

A proposta foi aceita pela comissão de estudantes. Ao mesmo tempo, uma miniassembleia ocorria em frente ao edifício da reitoria na espera dos estudantes que estavam na reunião.

O jovem saiu da reunião e, ao descer do prédio, viu todo mundo esperando do lado de fora. Subiu em um caixote e começou a falar.

— Gente, é o seguinte: nós vamos ocupar três andares. Só que agora eu tenho um desafio. Por enquanto eu só tenho homem aqui que quer. Eu preciso de mulher. Agora, se falar que não tem mulher, o cara vai dizer “Tá vendo? Esse negócio não é certo!”.



*Ele queria que desse confusão, que virasse uma zona, essas coisas, pra fechar, pra dizer que a gente não tinha competência pra tomar conta. Era essa a filosofia dele.*

Hilda e Heloísa logo se prontificaram. Pouco depois, Edna Felizardo, que estudava Pedagogia pela manhã e Direito à noite, se juntou ao grupo.

— Olha, eu topo, mas eu estudo à noite na São Francisco. E depois para voltar, como é que eu faço?

*O ônibus só chegava no Butantã. Do Butantã pra Cidade Universitária, você tinha que andar no meio do mato. Não tinha nem estradinha. Ela falou “Olha, eu topo. Só que como é que eu faço?”*

*Nós achamos um jeito. Fizemos um grupo de cinco homens da Poli que de vez em quando se revezavam e iam às 10 horas da noite, 10 e pouco, lá no Instituto Butantan, esperavam a Edna chegar, vinham com ela no meio do mato. Fizeram isso durante mais de ano.*

Fagali agora tinha que selecionar os 99 pioneiros. O acordo previa que uma comissão responsável seria formada por ele como discente e quatro indicados pela reitoria: o vice-prefeito da Cidade Universitária, capitão Herculano Ferreira; um psicólogo; um médico, e uma assistente social, Maria de Nazareth Oliveira Nogueira. Fora o representante discente, os outros quatro eram indicados pela reitoria. Esse teste com os primeiros moradores iria até o final do ano.

*Essa Nazareth tinha sido presidente do centro acadêmico dela na época, então era uma pessoa mais aberta. A gente fazia uma dupla e esse médico ia muito na dela.*

— Jorge, a gente já tem três votos sobre o que a gente decidir. Com o psicólogo é só dar um tranco nele e o capitão Ferreira vai de roldão. — comentou a assistente social.

Quem quisesse participar da experiência tinha que procurar Fagali e preencher um pequeno formulário, que depois ele analisaria com a assistente social. Em seguida, os candidatos

passaram por uma entrevista com o psicólogo e por um exame com o médico.

*Eu procurei distribuir, nos quartos, o máximo possível de faculdades diferentes, pra não ficar só gente da Politécnica, que tinha mais gente. Então, às vezes ficava dois da Poli e um da Física, ou um da Biologia. Com as meninas, eu distribuí da maneira que dava.*

*Eu escolhi o sexto andar e o quinto andar para homens e o terceiro andar para mulheres. Quis deixar um intervalo de um andar.*

*Nós fizemos um código de ética entre nós. Nem um homem iria pisar nesse terceiro andar e nem a mulher iria passar.*

Os critérios da seleção eram não ter família em São Paulo ou que morar muito longe da Cidade Universitária. Embora a maioria recebesse alguma ajuda alguma da família, alguns poucos se viravam dando aulas particulares.

O maior filtro talvez tenha sido político. Os ativistas identificados — mesmo que injustamente — com a Polop<sup>28</sup> e com o PCB<sup>29</sup> foram barrados por Fagali, uma vez que essas

---

<sup>28</sup> Organização Revolucionária Marxista Política Operária, fundada janeiro de 1961 por egressos da Juventude do PSB, da Mocidade Trabalhista e da Liga Socialista Independente, em cujas fileiras atuavam o economista Theotônio dos Santos, o cientista político Moniz Bandeira, a economista Vânia Bambirra e, a partir de 1964, a secundarista Dilma Rousseff.

<sup>29</sup> Partido Comunista Brasileiro, fundado como Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922, alterou o nome em 1961 para tentar contornar a alegação dada em 1947 para a cassação da sigla. Sob a direção de Luís Carlos Prestes, até dezembro de 1967 era também o partido do ex-deputado Carlos Marighella, do historiador autodidata Jacob Gorender e do herói de guerra Apolônio de Carvalho.

organizações faziam oposição à AP<sup>30</sup>, que liderava o movimento estudantil.

Sob o nome de Conjunto Residencial da Cidade Universitária, o local foi inaugurado oficialmente na noite de 22 de agosto de 1963 com uma pequena cerimônia com a presença do reitor, do presidente do DCE e nove cruspianos pioneiros: Rafael Kauan, Jorge Fagali Neto, Peter Bräkling, Magnovaldo Bezerra dos Santos, Rodolfo Vicente Rezende, Ana Maria Marques Camargo Marangoni, Flair Carlos de Oliveira Armany, Creta Ferreira Alves, Celso Rehder e Sérgio Bianconcini. Era uma quinta-feira e os demais não puderam comparecer.<sup>31</sup>

No dia 31 de outubro, o reitor partiu para Portugal e perdeu o assunto de vista. Isolados da cidade, os alunos às vezes se serviam do almoço não muito agradável no refeitório improvisado dos operários da construção da Cidade Universitária, em meio às ratazanas.

Nos sábado à tarde, começaram a se reunir no salão do Centro de Vivência<sup>32</sup> e em setembro já tinham formado comissões de vivência, de ética, de esportes, de festas e de picaretagem.

Os encarregados da comissão de picaretagem pediam os mais diversos produtos a lojistas ou diretamente aos fabricantes. Com muita lábia, conseguiram uma vitrola, uma máquina de escrever, escrevaninhas, um rádio moderno da CCE e farto material de papelaria, tudo na faixa. A Monark forneceu cerca de 50 bicicletas

---

<sup>30</sup> Ação Popular, grupo aglutinado em junho de 1962 a partir da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC), mas também com grande atuação no movimento camponês, que passou a ser hegemônico na UNE a partir de 1961 e no qual militavam o presidente da entidade, Vinícius Caldeira Brant, seu futuro sucessor no cargo, José Serra, e o sociólogo Herbert “Betinho” José de Sousa, irmão do Henfil.

<sup>31</sup> Jason Tércio. Rito de passagem – a história vertiginosa do Crusp (1963–1968) — educação, ditadura, inconformismo. Manuscrito submetido para publicação, 2023, p. 19.

<sup>32</sup> O Centro de Vivência ficava onde hoje está o restaurante Central, no lado norte. O restaurante estava instalado nos fundos do outro lado, mas ainda não funcionava.

com desconto, pagas em pequenas parcelas pelos cruspianos interessados.<sup>33</sup>

Os estudantes receberam da duas mesas de pingue-pongue e tabuleiros de xadrez e de futebol de botão. Kauan queria também uma biblioteca coletiva no espaço.

A comissão de vivência organizou a exibição de filmes e documentários que conseguiam com consulados, apresentações musicais folclóricas e recitais de música clássica.

Era primavera e a esperança aflorava entre a rapaziada do campus. Os boatos positivos nos intervalos aumentavam o interesse do resto do pessoal que frequentava as aulas. Muitos também queriam uma vaga num dos outro cinco prédios à vista de todos. Um texto veiculado no Poli-Campus, publicação oficial do Grêmio Politécnico, trazia grande expectativa.

*Dentro de alguns meses estarão os prédios do alojamento repletos de jovens de todas as faculdades da USP, a discutirem seus ideais, progredindo técnica e humanisticamente, formando o terreno ideal para a vida de uma verdadeira família universitária.*<sup>34</sup>

No dia 1º de outubro, um grupo de estudantes pediu à USP um ônibus para receber o reitor, que retornava ao Brasil. Chegando no aeroporto, os alunos começaram a pressionar o reitor para que a fase experimental da moradia acabasse a fim de que os blocos ociosos fossem liberados.

Rafael Kauan criou uma paródia da marcha *As Pastorinhas*<sup>35</sup>, que era entoada por todos:

*O alojamento  
pra nós despona*

---

<sup>33</sup> Jason Tércio. Rito de passagem – a história vertiginosa do Crusp (1963–1968) — educação, ditadura, inconformismo. Manuscrito submetido para publicação, 2023, p. 22.

<sup>34</sup> Citado por Jason Tércio. Rito de passagem – a história vertiginosa do Crusp (1963–1968) — educação, ditadura, inconformismo. Manuscrito submetido para publicação, 2023, p. 23.

<sup>35</sup> Composta por Noel Rosa e João de Barro (Braguinha) em 1934 e gravada por Silvio Caldas em 1937.

## JUVENTUDE DESTEMIDA

*e a turma anda tonta  
com tamanho esplendor  
E a turma toda lá  
no meio da rua  
vai cantando a todos  
“viva o nosso reitor”  
Os pioneiros são bravos,  
magnatas da esperança  
Integração é lema  
que saís da lembrança  
E o pioneiro  
que é de lutas o primeiro  
Ele jamais se cansa  
de produzir e lutar*

Nos dias seguintes, vários apetrechos começaram a chegar no restaurante do Centro de Vivência, com fogão profissional, mesas grandes e pratos. Os residentes achavam que fosse para eles, ainda mais na sexta-feira, 11 de outubro, com a chegada das cozinheiras uniformizadas. Logicamente o reitor não se comoveu com a performance nem com as demandas dos estudantes.

Era uma homenagem ao antecessor, Ulhôa Cintra. Os cruspianos e antigos alunos do professor foram convidados para confraternizar, compartilhando o salão com Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Paulo Duarte, Sérgio Buarque de Holanda, Rino Levi, Crodowaldo Pavan, Oscar Sala e o reitor. Assim que o jantar acabou, o restaurante desmontado.

Kauan não desanimou e convocou uma grande festa com chope à vontade para o dali a dois sábados colando cartazes pelos corredores de todos os institutos, convidando também professores, funcionários, amigos e familiares. A celebração foi paga pela USP e marcada num dia em que uma série de eventos esportivos e culturais que já ocorreriam na Cidade Universitária.

# Hoje a homenagem ao prof. Ulhoa Cintra

Professores universitários, estudantes, cientistas, escritores, amigos e admiradores do professor Antonio Barros de Ulhoa Cintra, catedrático da Faculdade de Medicina, vão homenageá-lo hoje com um jantar, às 20 horas, no centro residencial da Cidade Universitária.

A homenagem é em reconhecimento da obra realizada pelo prof. Ulhoa Cintra quando reitor da USP, e pelo impulso que deu aos trabalhos da Cidade Universitária "Armando Sales de Oliveira". As adesões estão sendo recebidas no local designado para o banquete, onde há elementos credenciados para recebê-las.

*No primeiro jantar oferecido no Centro de Vivência, atual restaurante Central, estudantes e professores homenagearam o antigo reitor, responsável pela construção do conjunto residencial. © Folha de S. Paulo, São Paulo, 11 de outubro de 1963, p. 13. Disponível no Acervo Folha.*

## Festa na Cidade Universitária

Os cem estudantes que residem na Cidade Universitária promovem hoje, a partir das 18 horas, uma festa de confraternização da qual deverão participar funcionários do Itamarati e da OEA. Com parecerão também delegados de diversos países, que se encontram em São Paulo para a 2a Reunião Anual do CIES.

O programa é o seguinte: às 18 horas, IV Volta à Cidade Universitária, prova pedestre que terá como patrono o prof. Paulo de Camargo Almeida; às 19 horas, sessão solene no anfiteatro da Escola Politécnica, na Cidade Universitária; às 18 horas, apresentação do Coral de "C. A. XI de Agosto" e projeção de documentário sobre a Cidade Universitária; às 20 horas, chopada no conjunto residencial da Cidade Universitária, e, às 22 e 23, baile de encerramento, no restaurante do conjunto residencial.

*Após retirarem o fogão e as peças de cozinha do Centro de Vivência, a comissão de festas organizou uma festa com chope liberado na qual foi apresentado o primeiro número do periódico O Pioneiro. © O Estado de S. Paulo, São Paulo, 26 de outubro de 1963, p. 11. Disponível no Acervo do Estadão.*

O baile começaria tarde da noite, às 22h30 do dia 26. Foram colocadas mesas do lado de fora e, logo após uma tarde

- O Congresso da Organização dos Estados Americanos — OEA — lá na Cidade Universitária, está dando muita confusão.
- Como?
- Brasileiros querem fazer discursos em castelhano e os homens querem falar em português.
- Assim não há tradutor que aguenta...

*Piada vinculada na edição de 2 de novembro de 1963 da Folha de S. Paulo. © Folha de S. Paulo, São Paulo, 2 de novembro de 1963, p. 10. Disponível no Acervo Folha.*

ensolarada, o céu escuro foi preenchido por fogos de artifícios vistos do gramado onde os jovens se deitaram. Mais de mil pessoas chegaram ao conjunto residencial, entre eles funcionários do Itamarati e da OEA que ficariam hospedados nos outros blocos, e presenciaram o lançamento do primeiro jornal cruspiano, *O Pioneiro*.

Antes do mês acabar, começaram as preparações para receber os delegados da reunião do Conselho Interamericano Econômico e da OEA. A cozinha foi reequipada, barracas de madeira e quiosques foram construídos para comerciantes ao redor do bloco F e a vivência foi equipada com toca-discos, geladeira, bar, televisão, telefone e um pequeno palco.

Os cruspianos dividiram o restaurante com os diplomatas e os funcionários do Itamaraty durante dez dias. Alguns trabalharam com intérpretes e em outros serviços para o evento. João Goulart discursou, músicos da bossa nova se apresentaram e os cruspianos comeram do bom e do melhor.

Quando as delegações foram embora, os moradores pegaram tudo o que tinha sido deixado para trás nos apartamentos vazios dos outros blocos, que não passava de quinquilharia, como blocos de papel e canetas. Kauan, fulo da vida, pediu para que todos devolvessem os blocos e caneta e foi obedecido. Porém, quando soube que a reitoria não deixaria nenhum equipamento na cozinha e na vivência, o próprio líder estudantil organizou uma ida sorrateira para retirar o que desse de lá e levar para os apartamentos.

Quando os dirigentes da USP perceberam o estrago, decidiram doar tudo aos moradores para não criar mais problemas.

O mandachuva também era um rapaz apaixonado. Todo fim de semana Kauan deixava a Cidade Universitária para visitar a namorada em São José do Rio Preto. Tomava um trem na sexta-feira para voltar somente no domingo à noite. Na sexta-feira, 22 de novembro de 1963, os trens entraram em greve.

— E aí, Kauan, então esse fim de semana você fica aqui. — disse Fagali, sentado numa das cadeiras espalhadas pela vivência.

— Não, eu vou de ônibus.

*Ele se despediu de todos nós. Nós estávamos todos no barzinho. Abraçou todo mundo. Todo mundo! Ele nunca fez isso!. Ele foi embora.*<sup>36</sup>

Mais tarde, os locutores das rádios avisariam sobre um acidente com um ônibus que ia para São José do Rio Preto, na ponte Ribeirão dos Porcos da rodovia Washington Luís. Trinta pessoas morreram, entre eles Rafael Kauan.

Seis dias depois, na segunda edição de O Pioneiro, uma paródia do poema Vou-me embora pra Pasárgada, de Manuel Bandeira, estava assinada pelo pioneiro.

*Vou-me embora para a Cidade Universitária  
Lá a vida é uma aventura de tal modo inconsequente  
Reator o louco gigante gerador o falso demente  
Vem a ser contraparente  
De um computador que eu nunca tive  
Tem condução muito morosa pra gente se chatear  
Tem meninas filosóficas pra quem quiser olhar  
Por isso quando eu estiver louco de mente  
Com vontade de estudar, lá sou amigo do Reitor  
Terei aulas todos os dias, do sol nascer ao sol se pôr  
Vou-me embora para a Cidade Universitária*

---

<sup>36</sup> Depoimento de Jorge Fagali Neto ao autor, em 5 de setembro de 2022.



## Greve do fogão

O Issu (Instituto de Saúde e Serviço Social da Universidade), vinculado à Faculdade de Higiene e Saúde Pública, passou a administrar o Crusp em março de 1964. O diretor do órgão era Raphael de Paula Souza, que teria 30 milhões de cruzeiros para cobrir as despesas do Crusp durante todo o ano. O restaurante finalmente começaria a servir café da manhã, almoço e jantar.

As mulheres foram para o bloco D e os homens para os blocos B e C. A sede do Issu ficou no primeiro andar do bloco F. Os outros prédios foram aos poucos sendo preenchidos por novos moradores. O bloco A era feminino, Entre os blocos C e E havia uma pracinha de areia branca Um chamada Desertinho, onde os estudantes se iam paquerar. Começou também a cobrança pelas vagas na moradia.

*Havia um aluguel simbólico, que era muito baixo, bastante acessível. O bandejão era pago, também, muito barato.*

*Pra entrar no Crusp, você passava pela Faculdade de Higiene<sup>37</sup>, fazia um exame simples pra ver como é que a gente tava fisicamente. Depois o Issu, com essa visão deles, administrava a gente e também estabelecia essa política de pagamentos.*

*Só que, quando você tinha necessidades e não conseguia pagar, mesmo que fosse tão pouco, você pedia a bolsa. E, em geral, era concedida. Essa concessão de bolsa, às vezes, implicava em ter compromissos. Por exemplo, ficar no caixa do bandejão, organizar a biblioteca, ou trabalhar na administração algumas horas por semana. O pessoal mais ligado à parte de engenharia, tinha bolsas para fazer o seguimento de algumas obras. Ia no fim do dia ver o quanto da obra tinha sido executada. Era assim, meio amadorístico, mas criava uma obrigação de fazer*

---

<sup>37</sup> Escola de Higiene e Saúde Pública, atual Faculdade de Saúde Pública da USP, que oferece os cursos de Nutrição e de Saúde Pública.

*responsavelmente um trabalho, mesmo que fosse pequeno.* <sup>38</sup>

Os novatos e os pioneiros organizaram um colegiado de representantes com um representante eleito de cada andar e um de cada bloco.

*Com a deficiência de locomoção pra cidade universitária de transporte, era muito difícil chegar às oito horas da manhã. Pouquíssima gente tinha carro. Então, nós tivemos lá pessoas de família abastada.*

*Na época do golpe, tinha o senador Auro de Moura Andrade — que até a cidade de Andradina é de origem da família Moura Andrade. O sobrinho do Auro, que era campineiro, morava no Crusp.*

*Tinha a filha do cônsul. Era verdadeiramente uma representação da sociedade da época.*

*E aí, os pobretões também estavam lá. A maioria era de japoneses vindos do interior, do meio agrícola. Essa turma era das mais alienadas, com raras exceções que foram extremamente significativas na atuação da política universitária.* <sup>39</sup>

Nelson Pires de Almeida, um garoto negro, foi um dos 401 escolhidos para ingressar na moradia pela nova Comissão de Candidatos a Residência. Mesmo recebendo um número maior de pessoas, O Crusp era pouco diverso. Para Celso Suyama, o número de negros na USP na década de 1960 era ínfimo.

*A inserção de negros era muito difícil, pouca gente, de contar nos dedos.*

*Eu morei com o meu colega Benedito, da Matemática, que era negro, mas nós contávamos lá uns três ou quatro somente.* <sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Depoimento de Celso Suyama ao autor em 11 de agosto de 2022.

<sup>39</sup> Depoimento de Celso Suyama ao autor em 11 de agosto de 2022.

<sup>40</sup> Depoimento de Celso Suyama ao autor em 11 de agosto de 2022.

Com o Golpe Militar em abril de 1964, Gama e Silva assumiu brevemente como Ministro da Justiça, da Educação e de Minas e Energia. Ele era um dos conspiracionistas mais atuantes. Na Educação, extinguiu num piscar de olhos o Plano Nacional de Alfabetização, instituído em janeiro tendo à frente Paulo freire.

Logo veio a repressão. A FFLC foi invadida, depredada, os professores foram revistados. Os professores tiveram suas bibliotecas, máquinas de escrever e obras de arte destruídas e muitos deles foram exonerados e detidos. Os delegados da polícia apostavam uns com os outros que nome de envergadura se atreveriam a prender.

As organizações do movimento estudantil começaram a ser perseguidas e atacadas. Todavia, os frequentes encontros diários, provocados pela proximidade, a constante troca de ideias nos corredores e no refeitório e na vivência proporcionavam um ambiente de liberdade, como revelou Peter Bräklings na terceira e última edição de *O Pioneiro*, lançada em um mês após o golpe militar.

*É aqui que se aprende o verdadeiro significado de Universidade.*

*Aqui o residente entra em contato com os princípios básicos que todo cidadão deve ter, para que possa tirar frutos da sociedade a que pertence e possa arcar com as responsabilidades que esta impõe.*<sup>41</sup>

O clima não era pra festa, mas os moradores não se deixaram abater. Entre os dias 1º e 6 de junho, os moradores realizaram a Semana da Cultura, com palestras sobre o expressionismo, o perigo atômico e o teatro universitário apresentações musicais e a exibição do filme *Oito e meio* de Federico Fellini.

Em junho, *O Pioneiro* foi substituído pelo Boletim, que começou a denunciar os problemas e as demandas do Crusp.

---

<sup>41</sup> Citado por Jason Tércio. Rito de passagem – a história vertiginosa do Crusp (1963–1968) — educação, ditadura, inconformismo. Manuscrito submetido para publicação, 2023, p. 45

*Quando a gente entrava em conflitos era de maneira muito séria. Não tinha ideologia, era coisa prática. A gente ia lá brigar. Nós queríamos representação, mais isso, mais aquilo, e brigava por melhoria de transporte, porque a cidade universitária tava sendo construída. Quando eu entrei em 64, a Poli tinha poucos prédios ali ainda. Nós tínhamos aula na cidade, na velha Poli.* <sup>42</sup>

Os cruspianos também conseguiram implementar um curso de teatro para os moradores que contava os professores Aída Sion, Anatei Roselfeld, Antonio Abujamra, Flávio Império, Renata Palotini e Sérgio Cardoso. Um grande frequentador da vivência era o professor Paulo Duarte, um dos maiores críticos do regime, que organizava palestras sobre a universidade e a liberdade de expressão.

Já em 1965, com as entidades estudantis e o clima se fechando ainda mais, o novo diretor do DCE da USP, Jorge Fagali Neto escreveu para os estudantes:

*Nossa preocupação não é somente formar técnicos, cientistas ou artistas, mas que eles tenham uma formação integral, com uma função engajada, uma dimensão social, voltada para o progresso de sua pátria, de liberdade para os homens, de humanização para este mundo de todos os homens”*<sup>43</sup>

Não bastasse os desmandos, o reitor Gama e Silva fazia churrascadas no campus com dinheiro público, convidando militares e golpistas civis. No Crusp, a comida era regulada, os alugueis aumentavam e soldados começavam a rondar a Cidade Universitária diariamente. A gota d’água foi aumento do preço das refeições no restaurante.

---

<sup>42</sup> Depoimento de Celso Suyama ao autor em 11 de agosto de 2022.

<sup>43</sup> Revista DCE USP Livre, n. 1, São Paulo, 1965. Citado por: Luís Antonio Groppo. A questão universitária e o movimento estudantil no Brasil nos anos 1960. Impulso, Piracicaba, v. 16, n. 40, p. 117-131, maio de 2005.

## JUVENTUDE DESTEMIDA

*Eles aumentaram o preço do restaurante, e o bandejão, tinha limite de comida. Pagava caro e ficava com fome. Na velha Poli, que era o Grêmio Politécnico que cuidava, era mais barato, forneceria refeição à vontade e o preço era mais barato.*

*No restaurante que era da universidade, não deixavam o cara botar uma colher a mais de arroz... Porra! O pessoal começou a ficar puto.*

*Como eu virei presidente do DCE da USP, eu tinha uma Kombi. O DCE da USP tinha uma Kombi. Aí, eu conversei com o presidente do Grêmio da Poli, que começou a fazer comida lá, uns tambores de comida e alguém trazia a comida.*

*Nós fizemos uma vaquinha e compramos um fogão para esquentar a comida na hora. A gente pôs o fogão lá e todo mundo começou a ir lá, que era mais barato e comia à vontade. Fizemos um boicote no restaurante. Os caras ficaram putos. <sup>44</sup>*

Celso explica que o fogão ficava do lado de fora do bar e que era mais um protesto do que supria de fato a necessidade.

*Aquilo foi uma loucura. O fogão era simbólico na verdade, porque um fogãozinho não daria conta daquela população toda.*

Fagali era representante dos estudantes no Conselho Universitário, tentou explicar que a comida no restaurante era muito pouca, mas foi ignorado.

*O Paula Souza ficou furioso. Só que aí era ditadura. Rapaz... O negócio engrossou tanto!*

*Um dia, eu tava na reunião do DCE, que era perto do Mackenzie. Era umas onze horas da noite, mais ou menos, quando cheguei no Crusp. Aí, o pessoal tava aqui, várias pessoas se reunindo, tudo alvoroçado.*

---

<sup>44</sup> Depoimento de Jorge Fagali Neto ao autor, em 5 de setembro de 2022.

— O que houve?

— A mulher do Gama Silva chegou aqui, não era nem nove horas da noite, subiu em cima de uma cadeira e falou: “Gente, eu sou mãe, tenho filho. Eu ouvi uma conversa que eu não gostei. O exército vai vir aqui atrás de vocês por causa desse negócio do restaurante. E eu sou mãe. Eu não quero ver derramamento de sangue!”, desceu e foi embora.

— E agora? — questionou um.

— Espera aí. Deixa eu pensar uma coisa. — respondeu Fagali

— Não, ela veio aqui para ver se a gente desiste. Tá ajudando o marido! — retrucou outro.

— Gente, eu acho que onde tem fumaça, tem fogo. Eu acho que jamais o Gama Silva iria usar a mulher dele para vir fazer um negócio desse. — ponderou o líder estudantil.

*Aí, ficamos fazendo uma vigília. Deixamos em cada prédio um pessoal embaixo esperando. No centro de vivência, outro pessoal. Aí, eu avisei a Folha de São Paulo. Veio caminhonete da Folha, com repórter, fotógrafo e tudo.*

*Cinco horas da manhã! É um negócio assim... não dá para você acreditar! O cara vem com um tanque de guerra, porra! Vem o exército!*

*Os caras marchando, armado pra... tirar o nosso fogão. Tiraram o fogão pra a gente não poder esquentar a comida, pra comer. Não dá para acreditar!*

*Eles fecharam as entradas da Cidade Universitária. Por isso, outros jornais que quiseram vir e não puderam entrar.*

*O que a gente ia fazer? Era tudo estudante! Um tanque de guerra!*

*Um colega nosso — que eu tinha uma raiva dele — era militar também. Ele tava fardado também, junto do comandante. Aí outro colega nosso deu uma cuspidinha nele. Nossa senhora... aquela hora eu gelei.*

Fagali subiu na caminhonete da Folha, chamou todo mundo e tentou acalmar os ânimos.

## JUVENTUDE DESTEMIDA

—Gente, a nossa luta é outra. Nossa luta não é com arma. Isso é deles. É outra coisa que nós temos que fazer, não isso aí.

*Aí saiu uma greve geral na USP e na PUC.*

*Foi greve geral. Foi espontâneo. Era unanimidade em toda a assembleia, porque era tão absurdo.*

Fagali e o presidente do Grêmio da Poli foram chamados para discutir com dois professores sobre a greve no Pinga Fogo, o programa mais assistido da TV. O debate só não aconteceu porque um professor dissuadiu os estudantes. Na opinião dele, o programa era alinhado coma ditadura e estava preparando uma armadilha para os alunos.

*Foi a decisão mais difícil da minha vida, porque tudo que eu queria era ir lá e contar para toda a população tudo isso que eu estou te contando, o absurdo que era. Mas era ditadura, caralho...*

*Aí começou toda aquela perseguição em cima. Eu segurei todo o pessoal pra não radicalizar. Não dá para enfrentar de peito aberto esses caras.*

O medo era que inventassem algo para incriminar os dois no meio da transmissão e os dois saírem algemados.

# SP: Estudantes Vão às Ruas em Protesto

SÃO PAULO (UH) — Vencendo a tentativa de alguns provocadores que queriam impedir a manifestação, estudantes da Universidade de São Paulo realizaram, ontem, a primeira passeata de protesto depois do movimento armado de abril.

Concentrados ao som do Hino Nacional Brasileiro, no Largo São Francisco, os estudantes percorreram várias ruas de São Paulo, dispersando-se nas imediações da redação do "O Estado de São Paulo, aos gritos de "mentiroso, mentiroso".

Entre os cartazes levados na primeira passeata, estavam: "Abaixo a Ditadura"; "Abaixo o Desemparado"; "Queremos Liberdade"; "Viva São Domingos"; "O Povo Está Passando Fome".

A passeata — começada há alguns dias para protestar contra a intervenção norte-americana em São Domingos, falta de liberdade nos sindicatos e entidades estudantis, internacionalização da Amazônia, contratação de professores norte-americanos para a Universidade de São Paulo — foi pacífica, apesar da ação dos provocadores.

## Polícia Cerca

Tropas da Força Pública de São Paulo cercaram, ontem, a Cidade Universitária, para garantir a retirada de um fogão onde os estudantes paulistas faziam suas refeições, desde que os preços do restaurante foram aumentados. As tropas policiais estavam protegidas por "brucutus", carros blindados que atiram água e areia sobre agrupamentos.

Durante várias horas, os estudantes ficaram bloqueados nos alojamentos e o fato motivou, imediatamente, uma greve de protesto na Faculdade de Filosofia e Escola Politécnica, movimento que poderá alastrar-se por toda a Universidade de São Paulo.

## Unanimidade

Os setecentos estudantes da Escola Politécnica, em assembleia realizada na própria Cidade Universitária, depois de sete horas de debate, decidiram por unanimidade entrar em greve, até que sejam atendidas as reivindicações feitas pelos moradores do conjunto residencial, através de memo-

riais devidamente encaminhados ao Conselho Universitário. Na proposta aprovada, consideram os acadêmicos que a presença de elementos da Força Pública, cercando as dependências daquela unidade, "foi uma tentativa de fazer calar, a qualquer preço, a voz de protesto dos estudantes". Acentuam no primeiro dos considerandos, que jamais ocorreu na história da USP acontecimento semelhante, em que a intervenção da Polícia é solicitada por um professor da Escola e, via indireta, pelos membros do Conselho Universitário, ao darem apoio irrestrito ao Sr. Paulo Souza.

Como argumento básico da greve, os alunos da Escola Politécnica afirmam a "tentativa de extinção da escola pública, iniciada com uma elevação indiscriminada de preços de refeições e apartamentos, no conjunto residencial".

## Os Protestos

Ao tomar conhecimento dos fatos ocorridos, a diretoria do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, que congrega os estudantes de Medicina, emitiu comunicado repudiando a atitude do Conselho Universitário. Diz a nota que "o fato merece a nossa inteira repulsa; aproveitando-se das sombras da madrugada, armados até os dentes, contra estudantes, cujo única arma era o anseio de justiça contido em suas reivindicações, as autoridades do Instituto de Serviço Social da Universidade enviaram essas tropas, como se os estudantes que ali residem fossem malfetores, ladrões de alta periculosidade armados para reagir ao fogo das tropas". Em seguida, antecipa "todo o apoio que estiver dentro de nossas possibilidades, material e moralmente; os estudantes não são criminosos para ficarem sujeitos à ação de tropas armadas".

Os líderes do movimento grevista da Universidade de São Paulo distribuíram um manifesto, no qual exigem a suspensão do aparato policial que daria à Cidade Universitária o ambiente indispensável à solução da crise. Os estudantes fundamentam a paralisação dos estudos na intervenção da Força Pública e consideram que a direção da USP pode decidir por si própria sobre o rumo dos acontecimentos.

## Estudantes de São Paulo em greve conseguem apoio de mais quatro faculdades

São Paulo (Socural) — Os estudantes da Cidade Universitária, em greve há dois dias, depois de várias reuniões, assembleias e lançamento de manifestos e circulares para os colegas das outras faculdades, conseguiram ontem apoio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Escola Politécnica e da de Filosofia, que estão sem aulas. Deve parar segunda-feira a de Medicina.

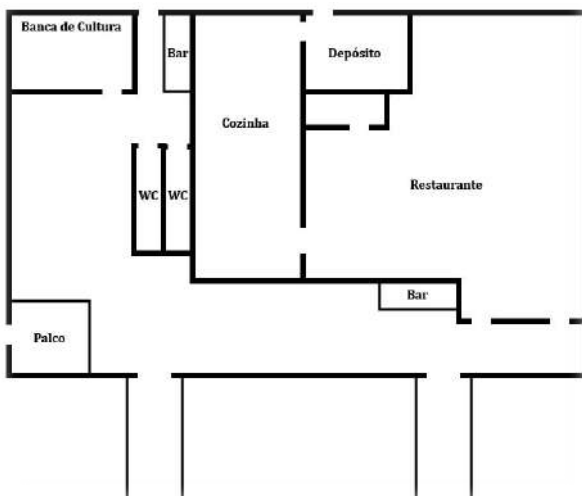
No segundo dia do movimento grevista maciço, iniciado depois da invasão dos seus alojamentos por soldados da Ff, os 700 grevistas comeram uma quantidade de arroz, feijão, almondegas com molho, couve e pão, correspondente a 100 refeições. A greve tende a alastrar-se pelo Estado, porque os dois lados não pretendem desistir das posições assumidas.

*O protesto dos estudantes contra o aumento do restaurante do Crusp foi eternizado pelas lentes do jovem estudante Renato Tapajós e pode ser assistido no pequeno documentário Universidade em Crise (1965) © Última Hora, 4 e 7 de junho de 1965, / © Jornal do Brasil, 5 de agosto de 1965. Disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira*



## JUVENTUDE DESTEMIDA

## Aurk



*Local onde atualmente funciona o Restaurante Central da USP, em 1967 & Ivan Conterno, a partir de depoimentos de ex-moradores*

Em 1966, após muita enrolação, duas quadras de esportes iluminadas foram construídas entre os blocos A e C. No final do ano, porém, o reitor mandou demolir o bloco J para dar lugar a uma rua que destampasse a visão da reitoria para quem entrava no campus.

Da mesma forma, após meses solicitando a permissão para montar uma livraria cedesse uma sala na vivência para montar uma livraria, os estudantes inauguraram, nos primeiros

meses de 1967, a Banca da Cultura, com estantes metálicas e mesas repletas de livros e publicações do movimento estudantil.

Segundo Suyama, a pequena lojinha tinha acordo com o Issu para funcionar.

*Tinha gente que dava expediente na Banca da Cultura, em troca de bolsa de alimentação e alimentação e aluguel.* <sup>45</sup>

Em parceria com algumas editoras, a banca vendia as publicações com descontos para os moradores.

Hoje editor à frente do Jornal da USP, Luiz Roberto Serrano, cresceu em Santos, em um conjunto de seis casas construídas por seu tio-avô.

Em 1967, depois de passar por uma república e um quarto de pensão para seis pessoas em Pinheiros, Serrano se mudou para o

---

<sup>45</sup> Depoimento de Celso Suyama ao autor em 11 de agosto de 2022.

Crusp. O local tinha se tornado um caldeirão de efervescência cultural e política.

Serrano participou do Grupo Teatral Politécnico, chegando a ser diretor, e participava com frequência das assembleias e das manifestações.

*Era um local de formação de vida. Com visão política, com visão sobre a moral vigente, de formação de pessoas com uma visão crítica ao país e à política internacional.* <sup>46</sup>

Em uma reunião de representantes dos andares e dos blocos, Rafael de Falco, estudante de engenharia, sugeriu a substituição do colegiado por uma entidade: Associação Universitária Rafael Kauan, ou Aurk, em homenagem ao líder pioneiro. A proposta foi aprovada e a sede da nos apartamentos 109, 110 e 111 do bloco F: 109, 110 e 111.

A primeira diretoria da AURK, eleita com a chapa Unidade, era formada por Rafael como presidente, Carlos Alberto Afonso (Camões), Valter Galdiano Gonçalves (Cebolinha) e Suely Bastos, representantes de cada bloco e diretores dos departamentos cultural, social e esportivo.

A Aurk relançou o jornal Vanguarda — publicação cruspiana que foi tinha sido lançada em outubro de 1965 e foi interrompida em 1966 — com redatores Lauriberto José Reyes (Lauri), Sadaaki Yamashita, Jeová Assis Gomes e Carlos Guasco.

Nesse ano, a demanda por moradia aumentou vertiginosamente e, como os demais blocos não ficavam prontos, os excedentes<sup>47</sup> resolveram ocupar os apartamentos do bloco F, que estavam ociosos no final do mês de maio.

Dezessete apartamentos foram ocupados no total, sendo todos os terceiro andar, uma parte do quinto, onde já havia pós-graduandos, e um apartamento no quarto andar.

---

<sup>46</sup> Depoimento de Luiz Roberto Serrano ao autor em 8 de maio de 2024.

<sup>47</sup> Depoimento de Rafael de Falco Netto ao autor em 10 de julho de 2022.

No dia 2 de julho, o reitor Ferri, solicitou a intervenção policial para esvaziar o prédio. Por volta das 3h da madrugada, quatro pelotões de choque do 16º Batalhão chegaram ao campus em cinco caminhões e veículos blindados, cercaram as entradas dos blocos e instalaram holofotes de alta potência entre os blocos D e F.

Os soldados arrombaram as portas com machadinhas e os ocupantes foram conduzidos até dois ônibus no estacionamento. Alguns poucos conseguiram escapar pela escada de emergência. Um padre que tentou interceder foi agredido. No bloco D, um grupo de garotas usou a mangueira de incêndio para alagar o chão onde estava um tanque de guerra, que ficou atolado. Os soldados, irritados, invadiram os blocos D e E, arrombaram as portas e deram cacetadas nos moradores, vandalizaram os móveis e levaram mais moradores para o corredor e deixaram deitados de bruços no cimento.

No bloco C, a tropa de choque subiu as escadas quebrando vidros, atirando nas paredes e lançando bombas de gás. Celso Suyama, ao tentar escapar pela janela

— Não faz isso! Volta! — gritavam as moças do bloco A.

Um soldado colocou a cabeça para fora da janela na janela, derrubando o próprio capacete.

— Você quer apanhar aí fora ou aqui dentro?

Celso voltou, foi espancado e arrastado. Os estudantes detidos foram espalhados pelas estradas. Um dos ônibus entrou na rodovia Raposo Tavares e os soldados foram deixando dois estudantes pela estrada a cada quilômetro em pleno inverno. Os soldados de outro ônibus fizeram a mesma coisa na Anhanguera. Dois estudantes feridos foram atendidos no Hospital das Clínicas e 31, incluindo alguns de pijama e descalços, foram levados ao Dops.

## Fim de uma era

O Crusp se tornou, durante o ano de 1968, o centro da agitação estudantil. O Crusp não era um reduto de resistência apenas para os universitários. As assembleias de todo o movimento ocorriam na vivência e foi numa delas em que três operários dos sindicatos de metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Guarulhos e São Caetano do Sul e um representante dos bancários propuseram duas manifestações públicas pela memória do secundarista Edson Luís, morto no Rio de Janeiro.

Em outubro daquele ano, estudantes da USP e militantes do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) do Mackenzie entraram em confronto na Rua Maria Antônia. Um tiro na cabeça matou o secundarista José Guimarães, e os estudantes, indignados, iniciaram uma passeata com a camisa ensanguentada do adolescente.

Tudo começou quando um ovo foi lançado de uma janela do Mackenzie e acertou a cabeça de um estudante da USP, desencadeando uma série de trocas de pedras e insultos. Em meio à briga, uma garrafa de vidro com ácido lançadas do Mackenzie estourou próximo a Mirtes Semeraro de Alcântara, de 17 anos, e Maria do Socorro Gomes Coelho, de 16, que participavam de um encontro da Ubes (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). Os cruspiano logo se organizaram para ajudar os colegas na Maria Antônia, acumulando pedras e molotovs.

*Eu estava almoçando no crusp quando entrou um sujeito, subiu na cadeira..* <sup>48</sup>

—Pessoal, o Mackenzie está jogando bomba lá na Maria Antônia. Vamos pra lá!

Os cruspiano tomaram um circular do campus e convenceram o motorista a levá-los ao centro da cidade.

Durante a tarde de 2 de outubro, estudantes da USP capturaram João Parisi Filho, do CCC, e o levaram vendado ao Crusp. No final do dia, o secundarista José Carlos Guimarães

---

<sup>48</sup> Depoimento de Luiz Roberto Serrano ao autor em 8 de maio de 2024.

morreu com um tiro na cabeça e os estudantes, que saíram em protesto, foram atacados pela polícia.

À noite, Mirtes e Maria do Socorro, ambas feridas com ácido sulfúrico nas pernas chegaram ao Crusp após receberem cuidados médicos na Santa Casa e foram levadas a um apartamento feminino.

Foi também no Crusp, no apartamento 505 do bloco B, que o líder estudantil Vladimir Palmeira concedeu uma entrevista à imprensa ao lado de José Dirceu. O alagona radicado no Rio de Janeiro estava em São Paulo para participar do 30º Congresso da UNE e apoiar candidatura de Dirceu à presidência da UNE.

O dilema das direções estudantis era se o congresso deveria ser realizado no Crusp ou em uma área rural afastada. Com a ajuda da ativista Therezinha Zerbini, os estudantes conseguiram um sítio em Ibiúna e optaram por ele. Porém, cerca de 800 delegados do movimento estudantil de todo o Brasil acabaram sendo presos no local, no dia 12 de outubro.

Em uma assembleia extraordinária no Crusp, os estudantes discutiram a questão e planejaram contatar as famílias dos presos, confeccionar faixas de protesto, distribuir panfletos e organizar manifestações.

Na madrugada de 17 de dezembro, quatro dias após a assinatura do Ato Institucional nº5 (AI-5) pelo próprio reitor da USP, ao Crusp foi brutalmente desocupado e os moradores foram conduzidos ao Presídio Tiradentes.

Quem também morou no Crusp foi a poeta — como preferia ser chamada — Orides Fontela, consagrada com o Prêmio Jabuti em 1983.

*Eu tinha me mudado logo para o Crusp em 68 — aquele ano tremendo — e o Crusp foi invadido e eu também fui presa com a turma para triagem, mas pouquinho tempo.<sup>49</sup>*

---

<sup>49</sup> Orides Fontela. Entrevista ao programa Jô Soares Onze e Meia. São Paulo, SBT, 1996.

# Termina mostra do material apreendido no CRUSP

Ao encerrar-se na rua Sete de Abril a exposição do material subversivo apreendido no Conjunto Residencial da Cidade Universitária (CRUSP), o general Aloisio Guedes Pereira, Comandante da 2.ª DI, divulgou a seguinte nota à imprensa, na tarde de ontem:

«Encerramos hoje, a Mostra de parte do armamento e do material subversivo apreendido no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP), aberta ao público no dia 17 de janeiro do ano em curso.

«Nesta oportunidade, apresentamos nossos agradecimentos aos Diários Associados e à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, pela valiosa colaboração prestada à 2.ª Divisão de Infantaria, sem a qual não teria sido possível a realização de tão expressiva quanto impressionante exposição.

«Estamos convencidos de que o Exército prestou inestimável serviço ao país e à democracia, ao demonstrar, através desta exposição, a

que ponto havia atingido o esforço comunista no meio universitário de S. Paulo.

«O CRUSP (sediado na Cidade Universitária, foi construído com recursos do Estado para proporcionar boas condições de estudo e residência aos jovens universitários menos favorecidos. Tal iniciativa, em razão de seus elevados objetivos, mereceu e merece nossos aplausos e nosso apoio. No entanto, face razões que deverão ser convenientemente apuradas, esses objetivos foram totalmente desvirtuados. O CRUSP foi transformado em centro de agitação e Quartel General da subversão no Estado de São Paulo, motivando a intervenção que se impunha, para restituir ao laborioso povo deste Estado, a tranquilidade de que necessita para trabalhar e continuar forjando a grandeza do Brasil.

«A mostra abrangeu: — abundante literatura nacional e estrangeira, destinada à Doutrinação Comunista; propaganda clandestina impressa, visando a mobiliza-

ção da opinião pública em favor do movimento comunista internacional e a motivação das massas para a execução de ações violentas; orientação sobre preparação e treinamento de terrorismo e GUERRILHA; armamento e munição; explosivo e incendiários.

«O público recebeu com aplausos a iniciativa do Exército e prestigiou-a por inteiro. Compareceram à mostra mais de 60 mil pessoas. Algumas centenas de visitantes, através de impressões registradas em livro para tal fim destinado, reafirmaram o seu repúdio aos maus brasileiros responsáveis pela subversão implantada no CRUSP.

«Com a «Exposição», alertamos a família paulista para a ação que vinha sendo realizada, no sentido de destruir as nossas mais caras tradições, a nossa maneira de ser e de viver.

«Resta agora aos pais dos jovens desencaminhados recuperá-los para a nossa sociedade e reintegrá-los no lar e no bom caminho»

*Reprodução de notícia da Folha de S. Paulo do dia 18 de janeiro de 1969. © Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 de janeiro de 1969, Caderno 1, p. 9. Disponível no Acervo Folha.*

Segundo o advogado Augusto Luiz de Aragão Pessin, essas são provas de que o Crusp constitui um patrimônio para a memória nacional e seria preciso fazer um resgate de todos esses acontecimentos par fortalecer o Crusp.

*O Crusp é um espaço de criação de identidade nacional. Tem reportagens dizendo que foi lá que a UNE*

*conseguiu condições históricas para se reagrupar na ditadura.*

*O Crusp não foi simplesmente esvaziado. Os militares transformaram em um departamento burocrático pra despachar. Se o estudante entrava na USP e era detido, mandavam ele pra lá pra buscar documento. Então virou um espaço de repressão.*

*O IPM<sup>50</sup> do CRUSP, está a atribuição de lá ser um dos maiores centros da subversão nacional. Então, até a contra pelo, você tem aí uma prova da identidade nacional. Era tão relevante ao ponto de se fazerem uma investigação minuciosa e fecharem com tanques.<sup>51</sup>*

---

<sup>50</sup> Inquérito Policial Militar.

<sup>51</sup> Depoimento de Augusto Luiz de Aragão Pessin ao autor em 30 de maio de 2024.



# **ANOS DE CHUMBO**

## Mudanças

Se você sempre sonhou em estudar em um ambiente onde a ordem e a lei reinam soberanas, então este seria o lugar perfeito para você! Imagine só: ao invés de estudantes subversivos, você teria o privilégio de almoçar ao lado dos mais importantes órgãos complementares da reitoria e da novíssima Prefeitura do Campus.

Seria uma aventura pelo futuro do conforto e da conveniência universitária! Afinal, quem precisa de uma lavanderia quando se pode ter um salão de ginástica? E, claro, as reformas assegurariam que cada centímetro estivesse apto a suportar a pesada carga dos novos usos administrativos.

Para isso, um projeto inovador de reforma dos blocos A a F foi proposto em dezembro de 1970, trazendo modernidade e funcionalidade para cada detalhe.

E como garantia de que o projeto triunfaria, os blocos K e L já estavam destinados aos órgãos complementares da reitoria em



*Da esquerda para a direita, os blocos L, K, I, H G, F e E, provavelmente em 1972. © Fundusp, Coesf (atualmente Superintendência do Espaço Físico da USP), apresentado por Neyde Angela Joppert Cabral. A recuperação do Crusp. São Paulo: Coordenadoria de espaço físico (Coesf), 2009, p. 9*

abril de 1972, enquanto os blocos H e I foram preparados para receber a Prefeitura do Campus.

A lavanderia foi transformada em um moderno salão de ginástica, colocando a saúde e bem-estar em primeiro lugar. Os blocos G, H, I, K e L, com estruturas pré-moldadas, passaram por reforços estruturais para garantir segurança e durabilidade em seus novos usos.

Suprindo a necessidade de salas de professores adequadas para o curso de Letras da FFLCH, foram feitas adaptações nos apartamentos dos blocos B e C. As luxuosas Colmeias foram construídas entre os blocos B, C, D e E para abrigar salas de aula, anfiteatros, pequenas lanchonetes e uma biblioteca, criando um ambiente de aprendizagem completo.

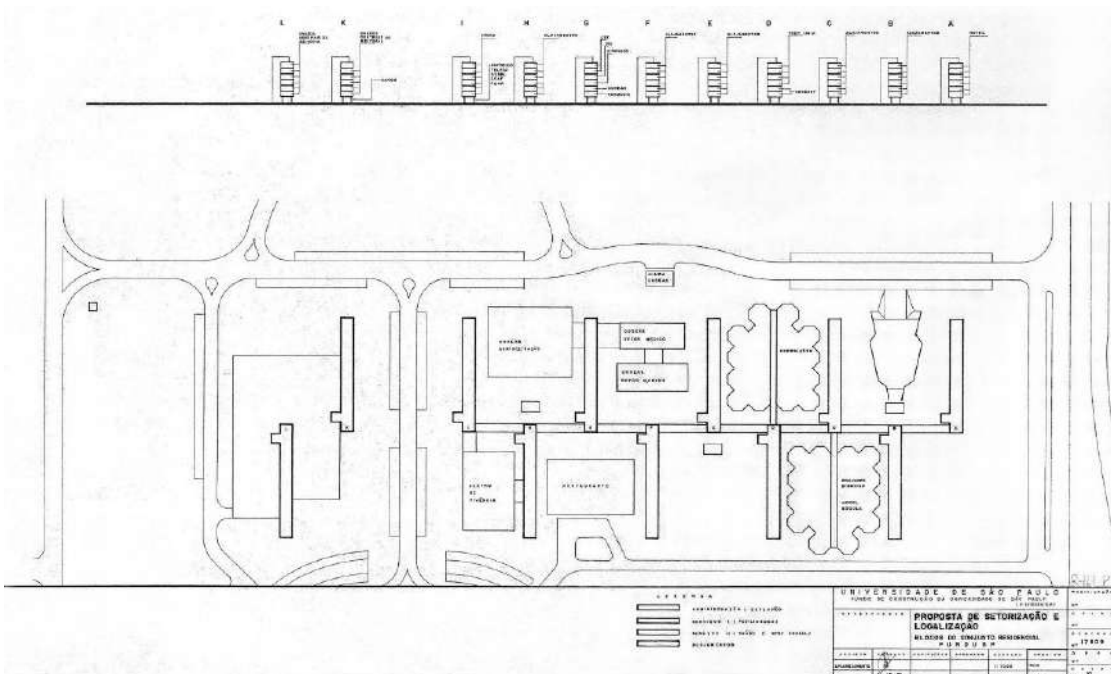
É o milagre ergonômico! Em fevereiro de 1973, o quinto e o sexto andares do bloco A foram planejados para receber o Projeto Ciência e Tecnologia da Secretaria de Economia e Planejamento, enquanto em agosto, um novo projeto previa a criação de salas para diretoria, seminários, estagiários, secretaria e biblioteca no térreo do bloco A.

Nesse mesmo ano, o conjunto para os órgãos centrais da reitoria foi inaugurado, unindo os térreos dos blocos K e L, com as estruturas já reforçadas. A parte do corredor coberto que unia-os ao Crusp foi finalmente demolida para a abertura de uma rua.

Um Centro de Vivência da Reitoria foi inaugurado com as marquises unidas ao térreo do bloco H, e um novo anfiteatro foi levantado entre os blocos A e C, proporcionando conforto e cultura em cada esquina. Os acabamentos externos dos blocos H e I foram desenhados em fevereiro de 1974, e um novo edifício para a Prefeitura do Campus foi planejado entre os blocos G e I.

Crise? Que nada! Em 1975, foi iniciada a preparação dos blocos E e G para receber os atletas dos Jogos Panamericanos, embora o evento tenha sido suspenso devido à desconfiança do comitê sobre uma epidemia de meningite.

Nesse mesmo ano, a USP elaborou um projeto para reformar o térreo, o quinto e o sexto andares do bloco A. Parte do Bloco A serviu de alojamento para pós-graduandos estrangeiros a partir de 1975. As estruturas dos blocos G e H foram finalmente



**Área do Crusp em outubro de 1975. © Fundusp, Coesf (atualmente Superintendência do Espaço Físico da USP), apresentado por Neyde Angela Joppert Cabral. A recuperação do Crusp. São Paulo: Coordenadoria de espaço físico (Coesf), 2009, p. 13.**

reforçadas, e um edifício modular, inicialmente destinado à Coseas, foi entregue ao MAC.

Para a Coseas<sup>52</sup>, uma nova construção foi feita entre os blocos E e G, e uma reforma no bloco F também foi realizada. Em 1976, uma agência de correio foi proposta para o térreo do bloco F ou do bloco I, mas nunca foi feita.

Um projeto de 1977 para alojamentos estudantis foi elaborado para o bloco G, mantendo o estilo original com dormitórios para três estudantes. O bloco D foi oferecido ao Centro de Tecnologia da Educação da USP (Ceteusp), à Prefeitura e ao térreo a um

<sup>52</sup> Coordenadoria de Saúde e Assistência Social, que atualmente se chama Coordenadoria Vida no Campus e é subordinada à Prip (Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento).

restaurante provisório e ao Centro de Estudos Árabes da FFLCH. O térreo do bloco D foi designado para abrigar o arquivo da Coordenadoria de Administração Geral em 1978, enquanto os andares superiores foram adaptados para o Museu de Arqueologia e Etnologia, o Instituto de Estudos Brasileiros e o Instituto de Pré-História. O laboratório audiovisual do Centro de Estudos Árabes da FFLCH foi colocado no bloco B. Em 1979, foram projetados alojamentos para pós-graduandos no quinto e sexto andares do bloco A e no térreo do bloco F.<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> Neyde Angela Joppert Cabral. A recuperação do Crusp. São Paulo: Coordenadoria de espaço físico (Coesf), 2009, p. 12.

## Promessas

# Para construir os alojamentos

BRASILIA (Sucursal) -- A Comissão de Justiça da Câmara aprovou ontem projeto de lei dispondo que, por ocasião da matrícula nas escolas de ensino superior, o estudante terá de efetuar uma contribuição correspondente a Cr\$ 20,00, destinada à construção de moradia ou alojamento. A iniciativa é do deputado Francisco Amaral (MDB-SP) e teve como relator o parlamentar arenista Luiz Braz.

Estabelece a proposição que a arrecadação será feita pelos Diretorios das faculdades, que serão os responsáveis pela construção dos alojamentos e anualmente farão prestação de contas à Direção das universidades.

*O problema da moradia estudantil era pauta nacional e desembocou em propostas que obrigariam os institutos a se responsabilizar pela oferta de alojamentos próprios. © Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 de agosto de 1973, p. 9. Disponível no Acervo Folha.*

No final de março de 1969, o governo estadual passou a oferecer apenas 500 bolsas no valor de 100 cruzeiros<sup>54</sup> novos para custear a moradia de alguns ex-cruspianos e outros estudantes que precisassem. O Crusp era habitado em 1968 por cerca de 1450 estudantes.

Segundo o reitor Helio Lourenço, essa era uma medida emergencial até que o Crusp fosse devolvido aos estudantes no segundo semestre. Em 1970, a promessa foi repetida pelo então diretor do Issu, Irineu Strenger, que incluiria serviços médicos no local. No final do ano, o novo reitor, Miguel Reale, reafirmou o compromisso, afirmando que

quatro dos blocos estavam em reformas para essa finalidade.

Enquanto isso, um dos blocos virou sede do Issu e o outro virou alojamento para pós-graduandos e professores visitantes.

O bloco F foi totalmente danificado e a justificativa para isso foi a busca por armas e munições. No final de 1970, o Projeto Rondon já funcionava ali.

No começo de 1971, apenas 500 alunos recebiam bolsa moradia em dinheiro e a promessa era de que esse número dobrasse. Também foram prometidas para março 400 vagas masculinas e 300 femininas nos apartamentos. Em junho, Irineu, agora pela Coseas, disse que só precisava aguardar as reformas. As colmeias foram anunciadas como centros de vivência para os

---

<sup>54</sup> Equivalente a R\$ 267,30 em março de 2024, segundo correção pelo Índice de Preços ao Consumidor do Município de São Paulo da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (IPC-Fipe).

futuros moradores do Crusp, com salas de projeção, teatros, salas de leitura e salões esportivos.

Mas, ao que tudo indica, era balela. No segundo semestre de 1971, o Projeto Rondon já funcionava no bloco D, com endereço no apartamento 202. Em abril de 1972, a reitoria anunciou a transferência do curso de Letras para o Crusp e a adequação dos blocos e das construções entre eles para a faculdade. Em maio, 52 vagas foram usadas para hospedar estudantes para a Semana Jornalística, o que dá a entender que alguns apartamentos funcionavam como hotéis. Não bastasse isso, dois andares foram entregues ao Projeto Ciência e Tecnologia em 1973 sem a menor necessidade.

### Cuspidas e escarradas

Umas das irmãs mais velhas do Crusp<sup>55</sup>, a Casa da Universitária de São Paulo (Cusp) ficava ao lado do Bixiga, na Rua Arthur Prado, 637. Tudo começou em 1950, quando o imóvel foi vendido pelos herdeiros do negociante Gustavo Backhenser à Mitra Arquidiocesana de São Paulo. Em 1951, a casa foi caridosamente cedida pela Cúria Metropolitana de São Paulo às estudantes que vinham do interior e de outros estados. Sob administração das próprias estudantes, a moradia abrigava cerca de 30 moças em 11 quartos.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> A Casa do Estudante do Centro Acadêmico XI de Agosto foi inaugurada em 1947; a Casa do Politécnico, em 1957, e a Casa do Estudante de Medicina, em 1958.

<sup>56</sup> Mila Franco de Almeida. Saibam como toda a luta começou. Blog da Cusp, 13 de setembro de 2010.  
<https://casadauniversitaria.blogspot.com/2010/09/depoimento-da-mila-saibam-como-toda.html>



Uma cama, um guarda-roupa, a parede geralmente recoberta de recortes e muitos livros pelo chão: este é o pequeno paraíso que os estudantes querem preservar.

## Um lugar para morar, é o que querem os estudantes da USP

*A partir do segundo semestre de 1974, a Coseas anunciou um auxílio para cerca de 300 estudantes para cobrir parte dos aluguéis de vagas em casas de famílias cadastradas. As poucas casas de estudantes que existiam, como a Cusp e a Cadopô, estavam ameaçadas por ordem de despejo dos proprietários ou por dificuldades financeiras. © Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 de maio de 1974, p. 9. Disponível no Acervo Folha.*

Em 1973, sem mais nem menos, os prelados venderam a propriedade para a construtora Kobayashi Habitacional, que pretendia fazer um hotel.<sup>57</sup> Outra sede da Cusp com cerca de 20 moradoras, na Rua Abílio Soares, também sofria ação de despejo, porém este reles estudante de jornalismo não foi capaz de obter mais informações a respeito do endereço exato e do que motivava a desocupação.

---

<sup>57</sup> Linha do tempo da Cusp. Blog da Cusp, 13 de setembro de 2010. <https://casadauniversitaria.blogspot.com/2010/08/linha-do-tempo-da-cusp.html>



## Os últimos dos cruspianos

Em algum momento, alguns poucos apartamentos do Crusp foram reabertos para pós-graduandos estrangeiros ou que não fossem de São Paulo.

A jornalista Helinä Rautavaara, que em 1970 preparava sua tese sobre o carnaval e candomblé, era conhecida no Crusp como mãe de santo. O *Jornal*, publicação de alunos da ECA, noticiava em 1972 que o Crusp abrigava estudantes de pós-graduação e participantes de congressos desde 1970<sup>58</sup>. Os moradores pagavam uma taxa de 200 cruzeiros<sup>59</sup>.

No dia 31 de maio de 1974, os 400 cruspianos remanescentes foram avisados de que seriam despejados dos blocos D, E e F no prazo de um mês para que os prédios fossem reformados e alojassem os atletas dos Jogos Pan Americanos de 1975. O Cepeusp foi construído também nessa ocasião, pois seria onde grande parte das competições ocorreriam.

Em contrapartida, foram oferecidos dois salões com trinta beliches cada no Estádio do Pacaembu. Diante de tantas incertezas, alguns se formaram, todas as mulheres foram remanejadas para caber em três casas, os casais foram para apartamentos do patrimônio da USP e alguns outros arrumaram apartamentos minúsculos mobiliados com caixotes de verduras.

**“Aqui — disse uma jovem moradora — falta água a semana inteira. Somos bastante maltratados, porque ninguém explica ou resolve o problema. Foi ficando um mau-cheiro insuportável. Um cientista norte-americano chegou a fazer suas necessidades durante muito tempo num jornal e jogar tudo pela janela”.**

***Pós-graduandos ainda viviam no Crusp, mas, no que dependesse da reitoria, não por muito tempo. © Folha de S. Paulo, São Paulo, 26 de setembro de 1974, p. 21. Disponível no Acervo Folha.***

---

<sup>58</sup> Julio Bernardes. *Projetos e Práticas: Uma História do Jornal do Campus e dos jornais-laboratório do curso de Jornalismo da ECA-USP. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. Escola de Comunicações e Artes da USP*, 2001, p. 39 e 44.

<sup>59</sup> Equivalente a R\$ 169,78 em março de 2024, segundo correção pelo IPC-Fipe.

Embora o problema de alojamento para estudantes de graduação apresente uma certa gravidade, uma vez que muitos alunos da USP são do Interior ou de outros Estados, o coordenador da Coseas, prof. Irineu Strenger, acredita que a utilização do Crusp como alojamento não seja uma boa solução. Para ele, é prejudicial ao estudante isolar-se da comunidade. Dizendo afirmar isso com base nas experiências adquiridas com o Crusp e por argumentos de ordem psicossociológica, a Coseas está tentando desenvolver programas de alojamento de estudantes em residências familiares.

© *Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 de março de 1975, p. 18. Disponível no Acervo Folha.*

Em setembro, só restavam 118 moradores, que foram sendo despejados aos poucos. As reformas começaram, mas a Organização Desportiva Pan-Americana cancelou os jogos no dia 17 de outubro. O Brasil passava por uma epidemia de meningite, embora a ditadura militar não reconhecesse oficialmente, falsificando os dados e censurando a divulgação do surto na imprensa.<sup>60</sup>

No ano seguinte, ainda havia 60 cruspianos, que acompanhavam de perto as reformas nos blocos D, E, F e G,

Hoje aposentado, Kabengele Munanga foi o primeiro professor negro da USP. Antes disso, fez parte da primeira leva de estudantes de pós-graduação estrangeiros que foram permitidos morar no Crusp após o segundo despejo.

*Em 18 de julho de 1975, desembarquei no aeroporto de Congonhas. Um funcionário da USP, o senhor Cairbar de Macedo, veio me receber. Ele havia decorado algumas curtas frases em inglês, que permitiram a difícil comunicação. Então, me levou para o Crusp, onde um quarto no 4º andar do bloco A estava preparado para mim.*<sup>61</sup>

O então estudante de doutorado congolês Kabengele Munanga foi o primeiro morador do Crusp após o despejo do ano anterior e se deparou com a ausência de negros na universidade brasileira. A propaganda brasileira para o mundo dizia que aqui havia uma

---

<sup>60</sup> Demétrio Vecchioli e Thiago Braga. Já vimos esse filme. UOL, Esporte.

<https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/reportagens-especiais/a-um-mes-da-olimpiada-de-toquio-uol-relembra-pan-de-75-marcado-por-epidemia-e-negacionismo-do-governo-federal/>

<sup>61</sup> Kabengele Munanga. Entrevista a Pedro Jaime e Ari Lima. Da África ao Brasil. Revista de Antropologia, v. 56 n. 1, 14 de novembro de 2013, p. 524.

verdadeira democracia racial. Logo, Kabengele percebeu que a discriminação racial era evidente.

*Primeiros africanos a chegarem à USP, éramos os únicos e raros negros que circulavam pelos corredores de algumas faculdades. Nossos colegas eram todos brancos! Estranhamos bastante essa situação porque nas universidades europeias, por causa da colonização, encontrávamos muitos negros africanos. Consequentemente, acreditávamos que aqui teríamos vários colegas negros brasileiros. Nenhum! Outra experiência desagradável está relacionada com a ignorância que meus colegas estudantes brasileiros revelavam sobre a África. Uma ignorância que ia da geografia aos povos e culturas daquele continente, que muitos confundiam com um país. Quantas vezes me perguntaram se eu já havia caçado um leão e que instrumento de música tocava... Quando respondia que não era caçador e que não tocava nenhum instrumento musical, era quase um escândalo.*<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> Kabengele Munanga. Entrevista a Pedro Jaime e Ari Lima. Da África ao Brasil. Revista de Antropologia, v. 56 n. 1, 14 de novembro de 2013, p. 525.

## DCE Livre

Julio Turra, estudante de Ciências Sociais e militante da corrente estudantil Liberdade e Luta, apresentou a proposta de fundação de um DCE livre da intervenção da ditadura em 26 de março de 1976, durante uma assembleia na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU).

Após ser desmantelado em 1968, um novo DCE foi criado como um puxadinho da reitoria em 1972. A burocracia da USP organizava a eleição e a entidade tinha que prestar contas aos dirigentes da universidade<sup>63</sup>.

Aprovado pela maioria, DCE Livre da USP recebeu o nome de Alexandre Vannucchi Leme, em homenagem a um dos estudantes assassinados pela ditadura nos anos anteriores.

A essa altura, do Crusp só restava o restaurante. Os estudantes o chamavam simplesmente de Crusp:

— Vamos comer no Crusp?

— A comida do Crusp tá uma merda!

— Você viu? O preço do Crusp aumentou! — A redução desse preço, aliás, era uma das reivindicações mais frequentes dos estudantes.

Era por volta do meio-dia em 11 de outubro. Com a reorganização do movimento estudantil, os alunos ocuparam o Crusp... ou seja, nesse caso, o restaurante.

A rapaziada assumiu o caixa, a cozinha, as pias, a faxina e reduziu o

### **CHAMPIGNON**

**Está sendo também organizado um "museu" destinado a guardar os "objetos estranhos" encontrados nos alimentos servidos no restaurante.**

**Além do chamado "bife Uri Geller" (entorta garfos, colheres e facas), os alunos já encontraram saco plástico no feijão, insetos nas saladas, etc. Durante o almoço, uma das comissões procedeu a um levantamento da quantidade de gêneros que compõe cada refeição, para comparação com o preço cobrado.**

**Outros estudantes fizeram um balanço na despensa do restaurante, "para evitar mal-entendidos posteriores", e encontraram notas de compra referentes a: onze vidros de**

**© Folha de S. Paulo, São Paulo, 12 de agosto de 1976, p. 18. Disponível no Acervo Folha.**

---

<sup>63</sup> Universidade de São Paulo. Decreto nº 52.906. Aprova o Regimento Geral da Universidade de São Paulo. 27 de março de 1972. <https://leginf.usp.br/?historica=decreto-no-52-906-de-27-de-marco-de-1972>

preço da refeição, de 7 para 6 cruzeiros. Todo o valor arrecadado foi entregue posteriormente à reitoria.

Em retaliação, a Coseas fechou o restaurante e os estudantes entraram em greve. Um verdadeiro toma-lá-dá-cá.

Segundo Wagner Nabuco, na época estudante de história, a demanda por moradia e a briga pelo bandejão ajudaram a reacender uma discussão a respeito da moradia no Crusp.

*Tinha tido um rescaldo desse movimento pelo Crusp — o restaurante —, que se juntava um pouco com a questão da moradia. Existia no ar essa vontade de retomar a moradia.* <sup>64</sup>

Os protestos estudantis voltaram a acontecer em 1977. Depois de 1968, eram as primeiras passeatas nas ruas. O velho partidão (PCB) assumiu o DCE em setembro de 1979 e enfrentava forte oposição da Liberdade e Luta, que foi jocosamente apelida de Libelu e assumiu a alcunha.

*Aí começou essa história de precisar de moradia estudantil. Tinha o bloco A todo fechado. A conversa foi aquela: “vamos retomar, vamos retomar”.*

*Nós, a diretoria do DCE, queríamos uma conversa com o Coseas, com a reitoria da reitoria, para tentar retomar por dentro, fazer um movimento forte de pressão que obrigasse o Coseas a reformar, porque o bloco A tava muito depauperado. Mas tinha um pessoal que queria... “não, vamos invadir, vamos retomar”.* <sup>65</sup>

Foram convocadas três assembleias para discutir o assunto no dia 24 de outubro de 1979. Nos dias seguintes, um movimento de acampamentos pela retomada dos prédios se instalou em frente à reitoria, que funcionava nos blocos K e L.

---

<sup>64</sup> Depoimento de Wagner Nabuco ao autor em 5 de setembro de 2022.

<sup>65</sup> Depoimento de Wagner Nabuco ao autor em 5 de setembro de 2022.



PELA CASA PRÓPRIA

Barracas começam a brotar, ontem, diante da Reitoria da USP

USP

## "Camping" de protesto

Um Woodstock sério, pela volta do CRUSP

FLAMÍNIO FANTINI

As lideranças estudantis da Universidade de São Paulo trocaram ontem suas súas campanhas contra a política educacional do governo por uma forma de protesto mais descontruída: armaram um colorido acampamento de barracas nos gramados da reitoria e anunciaram o primeiro passo de uma longa campanha para conseguir a devolução dos prédios do Centro Residencial, o CRUSP, que o Exército ocupou em 1968, logo após o AI-5.

Depois de enfrentar mais uma vez o indigesto bandeão do almoço do CRUSP, cerca de vinte universitários começaram a desembrulhar sua tralha de camping e a fixar na terra as armações e os pregos das barracas. Eles querem chamar atenção da opinião pública para a situação de centenas de outros universitários que vivem em repúblicas, distantes às vezes até duas horas do campus, sem opções de vivência comunitária e lazer coletivo.

«As universidades brasileiras em geral não se preocupam com a moradia e a vivência estudantil, um dos

problemas mais graves que enfrentamos» — explica Frederico Silva, aluno de comunicação e um dos diretores do DCE-livre, entidade que participa da coordenação do movimento. Ele acusa a USP em particular como «uma grande proprietária de imóveis fora do campus, inclusive de apartamentos em regiões nobres da cidade, que desconfiarmos estarem alugados aos afiliados da burocracia universitária».

Um informe do DCE indica que quatro prédios do antigo centro residencial já foram simplesmente demolidos. Restaram onze edifícios, dos quais um deles virou museu, dois outros servem de sede à reitoria e três foram reduzidos apenas aos esqueletos de cimento armado. O Projeto Rondon, uma instituição que não é vinculada diretamente à USP, utiliza um dos onze. Apenas um bloco é ocupado por estudantes, de pós-graduação, que em geral não se envolvem com a «subversão, promiscuidade e incitamento ao uso de anticoncepcionais», como foram acusados os moradores do CRUSP na época da invasão militar.

O acampamento dura até a próxima terça-feira, entremeados de shows, exibição de cinema e outras atrações culturais. Neste dia, os campistas pretendem entregar ao reitor da USP, durante uma grande concentração estudantil, um abaixo-assinado que reivindica a utilização imediata como moradia de quatro andares de um dos edifícios, onde está instalado o Projeto Rondon, que seria então desalojado. Querem ainda a reforma de outro dos prédios, a fim de deixá-lo habitável prontamente e o término da construção dos esqueletos de outras três construções.

**Plebiscito.** A União Estadual dos Estudantes de São Paulo pretende divulgar hoje à tarde os resultados do Plebiscito sobre Ensino Pago, realizado nos dois últimos dias na capital e no interior. A apuração da votação estava prevista para a madrugada de hoje e não haverá surpresas, segundo admitem os dirigentes da entidade: o resultado será uma negativa às anunciadas medidas de crescimento da privatização do ensino superior no país.

© *Jornal da República*, São Paulo, 25 de outubro de 1979. Disponível No Núcleo de Biblioteca e Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

*A diretoria do DCE chamou uma assembleia em frente ao restaurante do Crusp para encaminhar a questão da moradia estudantil.*

*Bom, nessa assembleia, nós, a diretoria do DCE, defendemos que não deveria haver a ocupação direta, sem a reforma do prédio, sem a participação do Coseas e tal. Era a posição do partido. Sempre uma posição de buscar negociação.*

*O pessoal trotskista e os anarquistas tinham a posição de, "não, vamos invadir, vamos tomar".*

*Na assembleia se discutiu pra lá, defendeu pra cá, questão de encaminhamento, questão de ordem... a assembleia foi ficando só de militantes. E só de militantes ganhou a posição de ocupar, invadir.*

*Quando a gente convocou a assembleia, até tinha um certo quórum. Não estava esvaziada. Ela foi se esvaziando depois com as questões de ordem, questão*

## ANOS DE CHUMBO

*de encaminhamento e tal, coisa típica. O militante do movimento estudantil aguentava mais ficar na assembleia, e o pessoal que não era militante ia embora. Depois, votavam só os militantes.*

*Eu tava na mesa dessa assembleia, eu perdi, mas eu fui um dos primeiros a ir junto com o pessoal da Libelu mais os anarquistas. O primeiro a chegar e chutar uma porta com um cabo. Tava pregada, tampando a entrada. E aí ocupamos.*

*E aí foi entrando todo mundo.*





**DITADURA ABAIXO**

## Retomada

*É engraçado o que se dá na USP; ao se levar papo com algum estudante sobre a tomada do Crusp, ele já nos olha de soslaio e entra de sola “Lá na minha escola o pessoal do centrinho<sup>66</sup> falou que o Crusp é uma panelinha, que não tem estudante necessitado lá, é só vanguardinha!!*

*Pois bem, vou ser curto e claro. Você, estudante que ouviu e você “pessoal do centrinho” que espalhou estes boatos, façam uma coisa: vão visitar o Crusp! End.: Bl. “A” 5º e 6º andares; 24 horas por dia aberto e onde você encontrará sempre alguém disposto a “bater” um cafezinho e trocar uns três dedos de prosa.<sup>67</sup>*



*Crê-diário do Crusp. Jornal do Crusp #1, p. 3. Disponível no CAPH, DH, Projeto Memória da FFCL/FFLCH-USP, tomo n° 333, Publicações no Crusp a partir de 79 até finais de 83.*

---

<sup>66</sup> Centro acadêmico. entidade que representa os estudantes de um curso ou de um instituto de nível superior.

<sup>67</sup> Xega mais! Jornal do Crusp #1 (dezembro de 1979), p. 2. Disponível no CAPH/DH, Projeto Memória da FFCL/FFLCH-USP, tomo n° 333, “Publicações no Crusp a partir de 79 até finais de 83”

## DITADURA ABAIXO

O pessoal do acampamento entrou no bloco A às 13h30 do dia 30 de outubro de 1979, três dias após o retorno do exilado Rafael de Falco ao Brasil. Ainda não tinham decidido se seria somente uma ocupação simbólica, como defendia o PCB, ou se ficariam lá para morar, como queria a Liberdade e Luta.

*Estava muito depauperado. Ainda assim dava tinha os apartamentozinhos.*

*Agora, qual o critério para quem iria ficar na ocupação e quem não iria? Aí já virou outra confusão.* <sup>68</sup>

A decisão de permanecer só foi tomada no dia 8 de novembro, quando começaram o mutirão de limpeza nos 5º e 6º andares e a seleção dos primeiros 50 cruspianos, feita seguindo o critério de necessidade e do grau de participação durante a mobilização. Nos dois pisos logo abaixo deles moravam os alunos estrangeiros de pós-graduação e o Projeto Rondon ficava nos dois primeiros andares.

Um dos apartamentos foi destinado a um centro de vivência da comissão de moradia dos estudantes. A água e a luz dos dois andares foi cortada pela reitoria, mas logo religada pelos estudantes. Dois dias depois, o reitor decidiu reconhecer a moradia retomada e não mandou reintegrar os andares.

O bloco A foi rebatizado como Edifício Santo Dias da Silva, nome do operário assassinado pela Polícia Militar no mesmo dia da retomada.



© João Pires. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo 9 de novembro de 1979, p. 14. Disponível no Acervo Estadão.

---

<sup>68</sup> Depoimento de Wagner Nabuco ao autor em 5 de setembro de 2022.

Para uma primeira reforma, os alunos entraram no bloco F para buscar alguns móveis e equipamentos hidráulicos abandonados.

*No bloco F havia, desde há muito, bastante material estocado: armários desmontados. Estávamos trazendo aos pouquinhos, uma peça aqui outra acolá; aí ontem (quarta-feira) notamos que o referido material estava desaparecendo num ritmo mais rápido do que aquele no qual estávamos trabalhando. Ué, mistério, né? Pois bem: descobrimos que os pós-graduando brasileiros (do bloco G) eram os responsáveis. Eles nos disseram: “Olha, aqui tava faltando muitos armários, e nós não podíamos resolver a parada; mas como vocês abriram caminho, nós mandamos ver.” Taí, vejam vocês! Nós os graduandos invasores, já estamos até resolvendo o problema dos outros!<sup>69</sup>*

Tabajara, que carregava um bidê pelo corredor, parou para descansar por uns minutos em frente às colmeias ao lado do bloco C. Era tanta correria que esqueceu a peça no gramado por ali

*Os estudantes do curso de Letras que passavam por ali acharam estranho, mas logo se acostumaram e apelidaram o local de Praça do Bidê. Começou uma discussão sobre o motivo da presença desse objeto: alguns diziam que era obra de algum artista que desejava o anonimato; outros diziam que era protesto de algum aluno contra a qualidade ruim de alguma disciplina.<sup>70</sup>*

O Projeto Rondon retirou suas instalações do bloco A no final de abril daquele ano e as reformas começaram.

---

<sup>69</sup> Cré-diário do Crusp. Jornal do Crusp #1, p. 3. Disponível no CAPH, DH, Projeto Memória da FFCL/FFLCH-USP, tomo n° 333, Publicações no Crusp a partir de 79 até finais de 83.

<sup>70</sup> Lidia Almeida Barros. A toponímia oficial e espontânea na Cidade Universitária — campus Butantã da USP. Revista USP, São Paulo, n.56, p. 164-171, dezembro/fevereiro 2002-2003

Em janeiro, os estudantes começaram a tomar o bloco F, mas lá o buraco era mais fundo. A jornalista Laura Capriglione estava no bloco A, mas sua irmã foi para o bloco F.

*Um monte de gente acampou em frente à porta da reitoria. Então os caras que estavam nessa luta que foram morar no bloco F. Não foi brincadeira. O negócio tava cheio de lixo. O bloco A ainda era o projeto Rondon, era mais bonitinho; o bloco F era uma lixão.*

*Antes das pessoas morarem lá mesmo, teve uma tarefa que foi da limpeza. Foram retiradas toneladas de lixo. Era uma zona!*

*A minha irmã era da Física e namorava outro cara da Física. Durante esse período da faxina, eles ficaram morando um tempão dentro de um Fiat 147.*

De acordo com José Ramos, que chegou no F em 1983, a situação ainda era precária e cheio de gambiarras. Os móveis e as paredes eram todos improvisados.

*Em 1983 houve uma grande enchente em Santa Catarina e resolveram fazer um show beneficente na Praça do Relógio. Fizeram um tapume de compensado e o show foi lá dentro, que era um show pago. Quando acabou o show, o tapume começou a ser desmontado e os cruspianos foram lá. Parecia formiguinha carregando tapume para fazer as divisórias dos apartamentos. Foi aí que a gente fez a divisória do nosso, pra separar a sala do quarto.<sup>71</sup>*

Os novos moradores também formaram uma associação informal para organizar assembleias e decidir os próximos. O estatuto da Amorcrusp (Associação de Moradores do Crusp) foi feito em 84, mas ela já se firmava a partir da ocupação, do bloco F.

*Tudo era decidido em assembleia dos moradores do conjunto residencial. Não se registrava a ata, não tinha*

---

<sup>71</sup> Depoimento de José Ramos ao autor em 11 de abril de 2024.

*nada disso. Quando você saía da escada, tinha um salão. Não tinha sede, não tinha porra nenhuma.*



© *Jornal da República, São Paulo, 31 de outubro de 1979. Disponível na Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo..*

Nos primeiros meses, a USP estava no período de férias e o restaurante universitário e o restaurante, fechado. Os novos cruspianos tiveram se virar com o que tinham para fazer almoços e jantares coletivos. Essa organização básica viria a se desenvolver como Amorcrusp.

*O dirigente, que tomou pra si a tarefa de organizar a Amorcrusp. era um cara anarquista, um cara negro.*

*Esse cara inclusive foi quem deu o nome de Amorcrusp — que eu, na época, achava que era um nome meio babaca pra falar bem a verdade. Amorcrusp? A gente tava no meio de uma puta luta...*

*Mas tudo bem. Foi o nome aclamado e foi o nome que virou. Ninguém queria deixar pra Coseas a tarefa de escolher quem iria morar no Crusp. O propósito naquele momento era manter a autonomia em relação à Coseas no tocante à seleção dos moradores. Era totalmente autogestionário. Quem fazia a seleção era a Amorcrusp.<sup>72</sup>*

A partir de 11 de março de 1982, o primeiro andar do bloco B do Crusp voltou a abrigar estudantes universitários, após duas tentativas infrutíferas de ocupação, marcando o início de um novo capítulo para a comunidade acadêmica. Esta vitória foi fruto de um esforço árduo e de intensas discussões, onde antigos residentes e novos candidatos se uniram com determinação inabalável.

---

<sup>72</sup> Depoimento de Laura Capriglione ao autor em 5 de setembro de 2022.

Enquanto aguardavam a conclusão do processo de seleção, os residentes provisórios preparavam suas refeições em conjunto, utilizando um fogão emprestado na cozinha improvisada do apartamento 101. Cada dia, uma pessoa diferente assumia a responsabilidade de cozinhar, com todos contribuindo como podiam. Essas refeições compartilhadas lembravam uma ceia em família, repleta de risos e camaradagem.

A convivência entre veteranos e novos moradores começou ainda no acampamento em frente à reitoria, ambiente marcado por festas, churrascos e debates acalorados. O ponto culminante foi o dia da ocupação, quando muitos tentaram entrar pela escada de incêndio.

A maioria dos participantes já se conhecia do acampamento, do processo de seleção, ou das conversas enquanto aguardavam para usar o chuveiro quente no apartamento 110, o primeiro a ter essa comodidade. Essa familiaridade facilitou a integração e fortaleceu a camaradagem entre eles..

*E eu me lembro que teve até um momento que teve que tirar uma múmia de lá que estava no térreo, com sarcófago de pedra. O Museu de Arqueologia foi para lá com urgência, abriu o sarcófago, pegou a múmia, pôs no porta-malas de uma Variant, carro da Volkswagen, e levou, porque eles estavam com medo que a múmia fosse danificada pela ocupação. Isso aí foi uma cena linda! E um tempo depois eles tiraram o sarcófago.* <sup>73</sup>

O clima de solidariedade foi reforçado com a retomada do terceiro andar, compartilhado com os muitos hóspedes à espera de uma vaga.

*As salas de aula nas Colmeias ficavam embaixo do Crusp e a convivência com os moradores era um pouco complicada. Às vezes você tinha aluno passando entre as salas enrolado em toalha de banho, gatos e cachorros entrevam e saíam nas salas.*

---

<sup>73</sup> Depoimento de Laura Capriglione ao autor em 5 de setembro de 2022.

*— Como foi a retomada do Crusp pelos estudantes? Em alguns casos foi pacífica. Os estudantes avisavam com antecedência que iam tomar os apartamentos de volta, divulgavam uma escala, e os professores tinham um tempo para sair. O problema é que não tínhamos para onde ir. Os alunos fizeram questão de criar um espetáculo com a retomada; foi uma coisa festiva para eles.<sup>74</sup>*

Quase todos conseguiram instalar fogareiros elétricos nos banheiros e um chuveiro, mas ainda não tinham divisórias.

Em agosto os estudantes ocupam o terceiro andar do bloco B e o primeiro do bloco C. Em janeiro de 1983 a Coseas anunciou que os blocos B e C, com salas de professores da Letras, voltariam a ser moradia estudantil. Após um impasse sobre a gratuidade dos alojamentos, os alunos negociaram com os professores uma ocupação gradual.

---

<sup>74</sup> Alcides Villaça. Entrevista a Daniel Cantinelli Sevillano. Informe (Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), nº 14, São Paulo, outubro de 2004, p. 46.



*Punks na USP? No Crusp, punks?*

*Nos anos 80, tudo isso era considerado impossível no Uspícus, mas alguns loucos, após assistirem ao histórico festival O Começo do Fim do Mundo, resolveram expressar sua rebeldia. Já existiam na ECA as bandas Terror, Fome e Prostituição e As Mercenárias, com duas integrantes moradoras do Conjunto Residencial da USP.*

*O fim da ditadura militar, a reocupação da moradia estudantil, um tanto de ácido e a rebeldia inerente à juventude deram início ao espetáculo. No começo, a bateria era uma cadeira; o microfone, um copo e a guitarra, um violão. Bastou escolher um nome: “Excomungados”. Pronto, mais uma banda saindo do forno do inferno — ou do purgatório.<sup>75</sup>*

Um grupo de estudantes de História moradores do Crusp se sentia particularmente excluído do ambiente acadêmico burguês da USP. Falcão, Marcos, Mineiro e Xinez decidiram formar uma banda no começo de maio de 1982. Após um grande festival de bandas punks paulistanas no Sesc Pompeia, o grupo passou a se identificar com esse movimento.

Falcão conseguiu uma velha guitarra emprestada e um amplificador de 40 watts, enquanto Xinês comprou uma guitarra Stratosonic. Os dois queriam ser guitarristas, mas, como a banda ainda não tinha um vocalista, fizeram um sorteio e o Xinês ficou responsável por cantar segurando um pote de maionese vazio. Marcos, que sugeriu o nome Excomungados, espancava cadeiras de metal com suas baquetas. Mineiro completou a formação trazendo um baixo de verdade.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> Marcolino “Xinês” Praxedes. Mad in USP. Em Uspícus/Punkrusp. São Paulo: Corsário Discos, 2009. Encarte.

<sup>76</sup>Entrevista com o lendário Falcão, das bandas Excomungados e Antropófagos. Sub Punk, 26 de setembro de 2011. <https://subpunk.blogspot.com/2011/09/entrevista-com-o-lendario-falcao-das.html>




Essa coletim e foto sob a irresponsabilidade do Coletivo Libertário. O objetivo é divulgar e discutir o Anarquismo; estamos abertas a críticas e contribuições.

DEBATE PÚBLICO DESSE NÚMERO SERÁ: 25/5 no BAR DO DCE-USP (Hist./Geogr) ÀS 19HS.

PARTICIPE DA NOSSA REDE DE DISTRIBUIDORES

LEMBRA-TE:  
A terra irá tragar tuas vísceras  
e os vermes habitarão tuas entranhas.

PUNKY



O CRUSP (Conjunto Residencial da USP) continua policiado a mando da COSEAS (Órgão Burocrático de Repressão Política da Reitoria), foi publicada uma nova lista de moradores para serem retirados, e está se planejando o cerco ao conjunto, qualquer semelhança com Auschwitz é mera coincidência, mas o que acontece realmente é o fim da autonomia universitária e o aumento da repressão no Campus. Tudo isso, infelizmente com o apoio do DCE. O mentor do plano nazista, Dr. Goldmerd, usa medidas dos tempos de 68 como suspensão de alunos, cortes de bolsas de alimentação, espancamentos de alunos pela polícia, prisões arbitrárias e etc. E o DCE que deveria defender os alunos, concorda com todas essas medidas. Esse é o nível que chegou a maior universidade da A.L.. O CRUSP caminha para a total robotização dos alunos moradores, com o cercamento, tal tarefa será coroada de êxito. E apenas os cordeiros triados passarão pelas mãos do ciclope JIHAD PARA GOLDMERD (reitor USP). AUTONOMIA CRUSP. YANKES GO HOME.

(Chine-Ex)

Publicação anarquista que circulou pelo Crusp em maio de 1986 © O coletivo libertário, n. 5, p.04. Arquivo Amorcrusp.

O primeiro microfone foi usado na sala 51 das Colmeias durante a festa de aniversário da cruspiana Ana Maria Machado, que fazia parte da banda Mercenárias. Na mesma ocasião, tocariam as veteranas Ratos de Porão, Inocentes, TFP e Psykóze. No alto de seus vinte e poucos anos, os quatro descarregavam versos anarquistas que você já pode ter ouvido nas versões de *Vida de Operário* do Pato Fu e *Hospícios* dos Garotos Podres.<sup>77</sup>

*O Crusp era autogestionado, totalmente anarquista, uma loucura. O lema era o mesmo do movimento punk: Do it yourself. Não delegue poder, faça você mesmo.*<sup>78</sup>

A atitude contagiou muita gente. Ricardo Woo, um artista plástico que atualmente reside na agitada Nova York, lembra com clareza dos dias intensos e marcantes que viveu Crusp

*Eu sempre fui, assim, muito atirado, muito animal. Na USP, todo mundo era de esquerda naquela época. Era antes das Diretas Já. Eu fico até comovido, cara. Era um período que você tá crescendo, se formando como adulto. É uma época que eu guardo com carinho tudo que eu pude fazer na USP: viver lá, fazer festa, aprender as coisas — também estudei, consegui me formar. Fiz de tudo lá.*

*Eu era um molequinho de classe média quando eu cheguei. Depois eu fiquei punk e tal.*<sup>79</sup>

Nascido e crescido no bairro do Sacomã, em São Paulo, sua primeira interação com a USP veio através de suas irmãs, que

---

<sup>77</sup>Marcos Falcão Galanciak. Entrevista com o lendário Falcão, das bandas Excomungados e Antropófogos. Sub Punk, 26 de setembro de 2011.

<https://subpunk.blogspot.com/2011/09/entrevista-com-o-lendario-falcao-das.html>

<sup>78</sup>Leo Moreira Sá. Entrevista concedida a Camila Alam. TPM, n. 137, 21 de novembro de 2013.

<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/leo-moreira-sa>

<sup>79</sup>Depoimento de Ricardo Woo ao autor em 8 de maio de 2024.

ingressaram em cursos prestigiados como Medicina, Engenharia e Direito.

*Eu sou de uma família pequeno-burguesa, de imigrantes. Minha família é totalmente burguesa de classe média mesmo. A gente tem uma mistura de chinês com japonês e eu nunca fiz parte de nenhuma turma, mas naveguei em todas as turmas.<sup>80</sup>*

Desde jovem, ele se apaixonou pelo ambiente da USP e decidiu que precisava estudar lá. Ricardo foi atraído pela FAU, onde ele sentia uma liberdade de pensamento que não encontrava em outros lugares. A certa altura ele brigou com o pai e teve que pedir uma vaga no Crusp.

Naquele mesmo ambiente, Dimas e Daguiá, que trabalhavam no bandeirão e faziam parte de uma banda punk de Carapicuíba, se juntaram aos Excomungados. Porém, após alguns anos, Marcos decidiu levar uma vida de operário na Europa. Logo depois, Mineiro mudou de cidade. Marquinho, que entrou para o grupo num segundo momento, começou a se dedicar seriamente ao curso de arquitetura e precisou se afastar. Com tantas perdas, a banda se desfez no final de 1991.<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> Depoimento de Ricardo Woo ao autor em 8 de maio de 2024.

<sup>81</sup> Entrevista com o lendário Falcão, das bandas Excomungados e Antropófagos. Sub Punk, 26 de setembro de 2011.  
<https://subpunk.blogspot.com/2011/09/entrevista-com-o-lendario-falcao-das.html>

## Briga do bolo

Jussara, ao contrário da grande maioria das pessoas, comemorava seu aniversário todo dia 11 de novembro, mas o de 1984 foi inesquecível. Era a primeira vez que comemorava no Crusp, pois havia chegado há poucos meses.

Havia umas 60 pessoas no quarto andar participando da festa. Estava tudo tranquilo até que um casal disse que queria porque queria que ela cortasse o bolo antes da hora.

Depois de alguma confusão, eles foram expulsos, mas aí chegaram uns penetras do primeiro andar. Eles ficavam jogando cerveja em todo mundo e pentelhando. O clima que, já estava pesado por causa da confusão envolvendo o bolo, começou a piorar, até que desencadeou uma briga feia. O

O estudante da FAU Alberto, de 24 anos, e o pós-graduando Carioca, de 26, se pegaram e, no empurra-empurra, os dois deram com tudo na “parede” do corredor, que cedeu e despencou com os dois lá de cima. Morreram instantaneamente.

Nos dias seguintes, com a repercussão, o reitor anunciou um plano de policiamento no Crusp, a expulsão de moradores baderneiros. No dia 15, a Coseas anunciou que assumiria todos os prédios e os esvaziaria durante as férias para uma grande reforma, elaborada pelo Escritório Piloto da Poli. Além disso, todos os residentes seriam cadastrados e submetidos a um rígido regulamento.

No dia 6 de dezembro, os cruspianos formalizam a Amorcrusp para tentar dialogar com a universidade. Para a diretoria da associação colegiada, foram eleitos 22 representantes entre os graduandos, sendo um de cada andar, mais um para cada um dos quatro blocos e um presidente.

Já em janeiro, após algumas rodadas de negociação, oficiais de justiça chegaram ao Crusp para desalojar os estudantes, que ainda resistiam. A solução foi deslocar 60 dos 150 que ainda permaneciam para o bloco C.

Segundo Wilson Honório da Silva, que chegou no bloco C logo em seguida, nenhuma reforma estrutural acabou sendo feita.

*A reforma consistiu em simplesmente colocar uns canos de ferro circulando toda a área. Na área do corredor*

#### DITADURA ABAIXO

*colocaram uns canos de ferro na altura da cintura, como um guard rail<sup>82</sup>, na altura da cintura. Isso estava em todos os prédios. Isso foi a reforma. Não foi mais nada do que isso. Não foi a reforma que deu origem à coisa de alvenaria, essas coisas todas. Era um cano, literalmente.<sup>83</sup>*

---

<sup>82</sup> Proteção que geralmente aparece nas margens de pistas de automobilismo e de estradas públicas.

<sup>83</sup> Depoimento de Wilson Honório da Silva ao autor em 27 de maio de 2024.

## Reformas

Preparem-se para um passeio pelo Crusp, um verdadeiro festival de promessas não cumpridas e degradação. Em 1980, enquanto alguns sonhavam com reformas no bloco A, a realidade era outra. O bloco E era o único que escapava das garras do abandono, reservado para pós-graduandos que pagavam uma taxa de limpeza, o resto... bem, virou terra de ninguém.

Sob a gestão dos alunos, sem um centavo para manutenção, o Crusp se tornou um símbolo de resistência, mas também de abandono total pela Prefeitura do Campus.

O 9 de julho de 1983 foi um dia inesquecível para o bloco H e I, que viraram poeira.

A Coseas assumiu a gestão em 1984, com cerca de 750 almas penando pelos corredores decadentes. Estranhos ao mundo acadêmico e baderneiros que encontravam abrigo, nas estruturas pré-fabricadas começaram a ser despejados.

O Escritório Piloto da Escola Politécnica foi chamado às pressas e, em maio de 1984, um projeto de reforma miraculoso foi solicitado. Em outubro, a primeira fase desse projeto grandioso chegou, prometendo um futuro melhor para o Crusp.

O bloco F, completamente reformado, foi inaugurado em 1987, com uma estrutura interna inédita, projetada na Poli. No térreo, ambulatorios médico e odontológico prometiam atender às necessidades dos residentes.

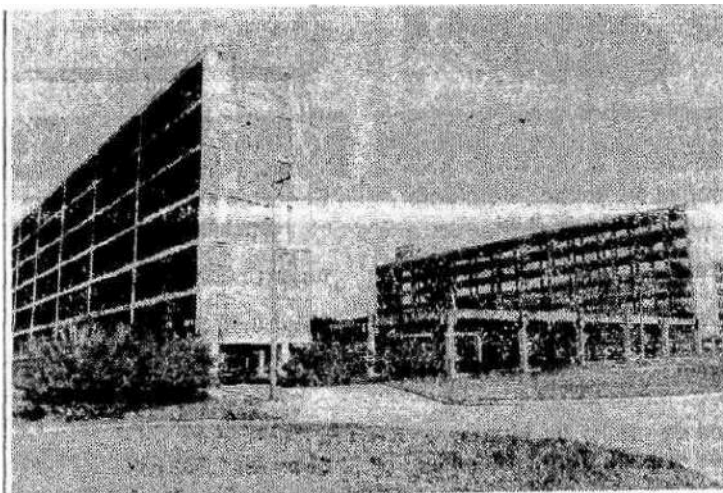
Avançando para 1989, os blocos A, B, C, E (sempre os pós-graduandos) e F foram os sobreviventes como alojamento estudantil, enquanto o bloco D servia a outros propósitos e, claro, foi invadido por alunos que não queriam ficar de fora da "festa".

E o bloco G? Esse estava em fase final de acabamento em fevereiro de 1989, foi inaugurado em outubro, mas os dois primeiros andares seriam para professores visitantes e os demais para pós-graduandos. Para completar, um setor odontológico no térreo.<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> Neyde Angela Joppert Cabral. A recuperação do Crusp. São Paulo: Coordenadoria de espaço físico (Coesf), 2009, p. 15





**A pergunta, sem resposta: até quando o Crusp fica assim?**

## ***Crusp, quase só “esqueletos”***

As estruturas de concreto já não são tão sólidas como há 20 anos. O musgo acumulado sobre as lajes substitui aos poucos o antigo piso de borracha, quase inexistente. As calhas de incêndio, com as portas abertas, sem vidro, mostram o interior vazio. As luminárias, quebradas, há muito estão sem lâmpadas; os vãos dos elevadores, fechados por portas improvisadas ou tapumes; as marquises, cobertas de lixo e vidros quebrados. E, fazendo companhia às rachaduras nas paredes, muitos desenhos e pinturas, frases e nomes escritos.

É assim que os blocos H e I, completamente abandonados, contam um pouco da conturbada história do Conjunto Residencial da USP, marcada por invasões, conflitos políticos, expulsões, ocupação, por men- digos e ameaças de despejo, além de

muitas promessas — até hoje não cumpridas — de reformas completas e conclusão de obras.

O Crusp começou a ser construído em 1962, para servir, inicialmente, de alojamento para os atletas que participariam dos Jogos Panamericanos no ano seguinte. Depois disso, transformou-se em moradia dos estudantes da Universidade, até que, em 1968, após a decretação do AI-5, foi invadido pela polícia durante as manifestações estudantis.

Desativado, começou a sofrer um lento processo de deterioração. Muitas instalações apodreceram e enferrujaram pela falta de uso, ou foram estragadas pelos favelados e indigentes que invadiram as estruturas abandonadas. Novamente transformado em residência para os estudantes de pós-graduação, em junho de 1974 já se falava em novo despejo e reforma das instalações, que receberiam, novamente, os atletas vindos do Exterior para os Jogos Panamericanos de 1975. Ameaçados de ficar sem residência de uma hora para outra, de inconformados com o

*Os prédios H e I foram demolidos após as avaliações técnicas para reformas © O Estado de S. Paulo, São Paulo, 25 de julho de 1982, p. 32. Disponível no Acervo do Estadão.*

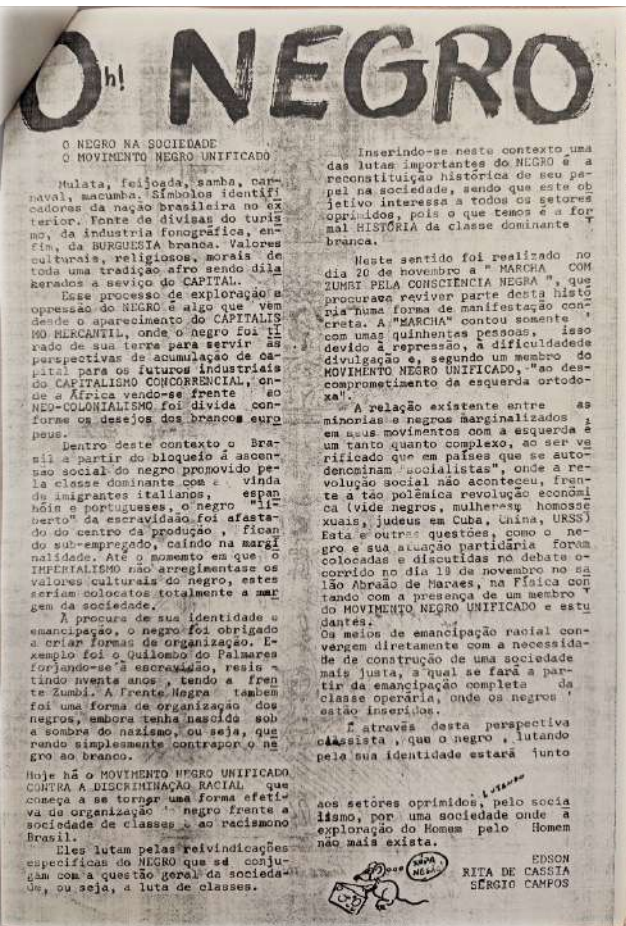
## Gay, negro e militante

Nesses dias intensos e vibrantes do Crusp, havia algo novo. A USP via emergir figuras da pele negra entre seus quadros. Muitas delas vinham se organizando durante a luta contra a ditadura pela qual passava o país.

A proporção de negros no Crusp sempre foi superior à proporção nas salas de aula. A primeira edição do Jornal do Crusp, lançada no final de novembro de 1979, já trazia em uma de suas primeiras páginas um texto sobre o recém lançado Movimento Negro Unificado, assinado por Edson, Rita de Cassia e Sérgio Campos

Wilson Honório da Silva, que viveu entre 1985 e 1989 no Crusp, nasceu em São Paulo. Filho de nordestinos, sua família vivia em uma favela na região de Itaquera quando Wilson

nasceu e, após alguns meses, se mudou para um cortiço no ABC Paulista.



**"Os meios de emancipação racial convergem diretamente com a necessidade de construção de uma sociedade mais justa", trecho do texto apresentado na primeira edição do Jornal do Crusp . © Edson, Rita de Cassia e Sérgio Campos. O negro. Jornal do Crusp, n. 1, novembro de 1979. Disponível no CAPH, DH, Projeto Memória da FFCL/FFLCH-USP, tom-bo n° 330**

## DITADURA ABAIXO

*Morei com oito famílias nordestinas — duas casas e de dois cômodos —, até os 12 anos. Classe operária em situação de periferia.*

Sua trajetória de vida mudou logo após se formar no ensino médio, quando passou em um exame de oito fases para estudar nos Estados Unidos. Após um ano fora, retornou para a casa da mãe em São Caetano do Sul e entrou no curso de História da USP em 1985.

*Eu militava politicamente desde os 14 anos, em 1978. Eu estava no ABC e, em função das greves todas que estavam acontecendo, os professores da minha escola entraram em greve, aí eu entrei em contato com a militância, com gente da USP, inclusive que faziam História, e isso acabou influenciando bastante.<sup>85</sup>*

O Crusp vivia um momento conturbado, logo após as duas mortes trágicas no bloco A.

*Quando eu entrei, em março de 1985, boa parte dos moradores estavam em pensões ou algo parecido que a Coseas havia organizado. Só o bloco C, que foi o bloco para onde eu fui, continuava funcionando de certa forma. Muita gente tava dormindo, inclusive, no velódromo.*

Com base no critério socioeconômico, o calouro foi rapidamente alocado em um dos poucos apartamentos disponíveis.

*Era completamente inadequado. O apartamento não tinha divisória nenhuma. Era um espaço aberto. Tinha só uma parede, no espaço do banheiro com a cozinha.*

Wilson era o único negro à noite na faculade de História. A presença de estudantes negros na USP era ínfima. Não bastasse

---

<sup>85</sup> Depoimento de Wilson Honório da Silva ao autor em 27 de maio de 2024.

isso, ele enfrentou forte discriminação como um dos poucos membros da comunidade LGBT assumidos.

Como diretor do DCE em 1988, tentou organizar tanto os LGBTs quanto os negros. No caso dos negros, Wilson é um dos fundadores do Núcleo de Consciência Negra da USP, que se deu em grande parte com moradores do Crusp.

Em relação aos LGBTs foi mais complicado.

*Em 88, quando a gente tava em uma greve bem grande e eu tava namorando na época com um cara.*

*A gente tava numa festa na ECA, e durante a festa a gente tava namorando, dançando, beijando, essas coisas normais.*

*No dia seguinte, eu fui dirigir uma assembleia grande, na FAU, com mais de mil pessoas, e alguém começou a gritar no meio da assembleia "Viado não! Viado não! Viado não!"*

*O primeiro ponto da pauta da assembleia foi exatamente eu sair em defesa de mim e de todos os LGBTs da USP.*

Depois que a Coseas começou a gerir o Crusp, os apartamentos tiveram que ser compartilhados com ao menos outros dois estudantes. Mas os moradores reivindicaram o direito de optar por apartamentos para casais, sem um terceiro elemento. O andar com esses apartamentos no bloco C eram conhecidos como Arca de Noé.

*Depois que a Coseas começou a ter ingerência sobre o Crusp, a gente teve que lutar por uma série de coisas que eram normais até então. Tinha um casal de lésbicas bem assumidas pra época. Uma delas se chamava Osana.*

*Quando elas pleitearam o apartamento, a Coseas chegou a entrar em contato com as famílias delas.*

*Ninguém sabe exatamente como foi a conversa, mas, denunciaram para as famílias que as meninas tavam morando juntas e que isso era um problema pra universidade. Era um esquema bem pesado.*

#### DITADURA ABAIXO

Esse episódio acabou gerando uma discussão sobre a necessidade do movimento estudantil defender os casais LGBTs, o que ainda não era muito comum na universidade.N

## Totó Ternura

*Atenção! Você está ouvindo a Rádio Totó Ternura, uma rádio livre no seu 107 FM. Está para começar a terrível batalha dos ares do sul! De um lado, está o terrível Toninho Malvadeza, o leão-de-chácara da aldeia global e do paraíso via Embratel. De outro lado, o valente Totó Ternura. Seu objetivo: livrar os ares das ondas dos grandes piratas das redes de telecomunicações. Suas armas: os pequenos transmissores caseiros e muita sede de liberdade!*<sup>86</sup>

José Ramos entrou na ECA em 1982. Nascido em Belmiro Gouveia, no sertão de Alagoas, aos 11 anos, se mudou para São Paulo e estabeleceu-se na Vila Carrão, na Zona Leste, quando ingressou na Universidade.

*Eu fiz um curso técnico terrível numa escola privada. São Judas Tadeu, na Mooca. Foi um horror, porque era uma época que esses cursos técnicos foram utilizados de outra forma que você não tinha matéria de básica de exatas. Era um horror. Até que eu fui aprender muita coisa no cursinho.*

*Eu fiz três vestibulares pra passar, mas eu tinha a intenção firme de fazer Jornalismo. Eu não tinha grana, então tinha que ser na faculdade pública. Por isso que eu fiquei insistindo.*<sup>87</sup>

Começou a trabalhar como office boy aos 17 anos e permaneceu na mesma empresa por cinco anos. Embora tenha conseguido uma leve ascensão, seu ganho não passava de dois a três salários mínimos.

### Alternativo

**TOTÓ TERNURA** - Rádio livre da USP (FM 107 MHz, tel. 57 2401). De segunda a sexta, das 18h às 20h. Todos os rádios livres (ou piratas) da USP aglutinaram-se nessa frequência e as transmissões iniciaram ontem "Kaos Urbano" é o tema do s'mano.

*A programação da rádio Totó Ternura aparecia vez ou outra escondida na Folha de S. Paulo. Seria um infiltrado? © Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 de maio de 1985, p. 34, e 13 de maio de 1986, p. 37. Disponível no Acervo Folha.*

---

<sup>86</sup> Nilson Couto. A experiência cruspiana, 1986, 19'25".

<sup>87</sup> Depoimento de José Ramos ao autor em 11 de abril de 2024.

Sua família era pobre, então não tinha condições de pagar uma faculdade. Da sua casa até a USP, a viagem durava duas horas, resultando em quatro horas de deslocamento diário. Era uma distância maior do que a enfrentada por pessoas que moravam em cidades próximas à Zona Oeste.

Decidido a praticar remo, que começava às cinco horas da manhã, começou a levantar às três da madrugada para chegar a tempo. Foi então que resolveu morar no Crusp, que havia sido recentemente retomado.

*Quem selecionava era o núcleo de mobilização, que organizava a moradia e o processo da luta.*

*No F, pra onde eu fui, tinha uma entrevista com o pessoal da organização. Eles tavam aceitando moradores que tivessem compromisso com a luta. Precisavam de gente, mas gente comprometida, não apenas quem estivesse querendo um colchão para dormir.*

*O F era o bloco em pior condição, porque, quando o exército expulsou o pessoal, eles destruíram os prédios. Foi proposital. Eles entupiram encanamentos, cortaram ligação elétrica, pra não ser reocupado*

*O nosso apartamento não tinha divisória, no corredor muitas janelas eram com tapume parcial.*

*A minha cama era uma porta elevador, que quando eu cheguei já tava lá. Aí eu botei um bloco de concreto embaixo. Isso era uma maravilha, porque era uma porta que você podia fazer o que quisesse*

## DROPES

★ Desde ontem, estão de volta as rádios-piratas da USP, só que desta vez reunidas com o nome de **Toló Ternura**, na frequência de 107 MHz.

★ Enquanto for possível escapar à vigilância do Dentel, as transmissões continuarão de segunda a sexta, das 18h às 20h.

★ O tema de **Toló Ternura** para esta semana é o **Kaos Urbano**, em um programa com música e poesia.

★ Hoje, às 22h, **Debates Folha** (Rádio USP, 93,7 MHz) discute o tema "Universidade e Sociedade".

★ Participam do debate o físico **José Goldemberg**, reitor da USP, os italianos **Savério Avveduto** e **Riccardo Campa**, o senador **Fernando Henrique Cardoso** e o professor **Antonio Candido**.

★ **Radiografia 70**, programa da equipe de rádio do Centro Cultural São Paulo na Rádio USP (93,7 MHz), apresenta neste sábado, às 19h, um especial sobre a música independente.

★ No programa, **Arrigo Barnabé** e os grupos **Rumo**, **Premê** e **Língua de Trapo**.

★ Uma entrevista com **Sonia Braga**, gravada em abril, é a atração de **Garotos de Programa** neste domingo, às 19h (USP FM, 97,3 MHz).

*em cima dela, que não quebrava nem balançava!*

## Dentel tenta apreender rádio-pirata na SBPC

A rádio "Totó-Ternura", de estudantes da Universidade de São Paulo, tinha programação anunciada. Mas no hour de entrar no ar aconteceu um tumulto, o primeiro da SBPC, e acabou com a transmissão.

A presença de três funcionários da Dentel no Centro Político da Universidade Federal do Paraná impediu a anunciada transmissão da rádio-pirata "Totó-Ternura" e tumultuou a palestra "Uma experiência de rádio livre na USP", da qual participaram os estudantes Rubem Beltrão, Daniel Lourenço e José Ramos. Durante o ponto mais tenso do episódio, alguns estudantes passaram a gritar "fora Dentel".



Directores da SBPC pediram que os funcionários da Dentel se retirassem do Centro Político, e foram expulsos.



O transmissor da rádio-pirata se encontra na antiga casa localizada em uma rua de classe baixa e tem custo de ação de até 50 quilômetros.

**A rádio sofreu perseguição das autoridades chefiadas por Antônio Carlos Magalhães © Folha de Londrina, 16 de julho de 1986. Disponível no Arquivo Nacional, Fundo Serviço Nacional de Informações BR DFANBSB V8.**

Depois de algum tempo, José se mudou para o bloco A e foi lá que, com a ajuda de outros cruspiano e colegas da ECA, foi ele quem inaugurou a Rádio Totó Ternura, uma das muitas emissoras influenciadas pela Rádio Xilik, rádio livre da PUC.

*A partir da Rádio Xilik, o movimento foi se irradiando. Nós fomos a segunda, com o apoio técnico deles, de pessoas em comum que atuavam também lá.*

*Era um transmissor dentro de uma panela, que ficava no meu apartamento no bloco A. A antena ficava lá em cima. Tinha um fio lá até o teto, mas a gente só soltava o fio na hora da transmissão, pra não saberem onde tava o panelão.*

Quando a transmissão iria começar, os radialistas cruspianos, jogavam o fio no poço de lixo e puxavam o meu apartamento de José. Se a Polícia Federal chegasse, eles desmontavam a ligação e sumiam com o panelão.

*Quando a gente tava fazendo a transmissão, ficava uma pessoa lá em cima olhando. Às vezes a gente via o carro do Dentel<sup>88</sup> dando volta lá.<sup>89</sup>*

---

<sup>88</sup> Departamento Nacional de Telecomunicações, criado em 1962 e extinto em 1990, atuou na censura a rádios e TVs durante a ditadura, inclusive na que possuíam concessões.

<sup>89</sup> Depoimento de José Ramos ao autor em 11 de abril de 2024.



## DITADURA ABAIXO

José conta em um memorial de ex-alunos da ECA que, nos tempos em que José Ramos foi repórter em Brasília e precisou entrevistar o ex-ministro das comunicações Antônio Carlos Magalhães, vulgo Toninho Malvadeza, logo se lembrava de quando disparava faíscas de rádio do alto do bloco A e fazia os navios piratas de ACM naufragarem.<sup>90</sup>



*Panfleto para um evento da Rádio Totó Ternura. © ylvio Pinheiro. Disponível no Arquivo Nacional, Fundo Serviço Nacional de Informações BR DFANBSB V8.*

<sup>90</sup> José Ramos Filho. Navegando com Totó Ternura. Ágora ECA, Crônicas ecanas.  
<https://www.agoraeca.com.br/2024/04/08/navegando-com-toto-ternura/>



# NOVA REPÚBLICA

## Rumo ao bloco D

Homero Santiago nasceu em São Paulo, em 1973 e sua infância foi marcada por mudanças. Viveu uma infância de classe média baixa na Rua Japurá, próximo à Câmara Municipal no centro de São Paulo, e depois na Avenida Senador Queirós,.

*Meu pai nunca teve carro, mas tinha o carro da empresa. Mas não tinha falta de dinheiro. Não tinha luxo, mas também não faltava o básico, como alimentação e roupa.<sup>91</sup>*

Seu pai, um contabilista, foi transferido para trabalhar em uma fazenda em Pereira Barreto, interior de São Paulo.

Em 1989, com 15 anos, Homero já começou a militar em movimentos estudantis, o que moldou sua visão de mundo e suas aspirações. Após uma tentativa frustrada de passar no vestibular, ele tentou de novo, conseguiu em 1993 uma matrícula no curso de Filosofia da USP e já tinha em mente a possibilidade de morar no Crusp.

*Eu sabia que existia o Crusp quando entrei, mas não sabia exatamente como funcionava. Era natural conversar com as pessoas e descobrir aos poucos. Quando você se inscrevia era meio automático ficar esperando lá no Cepê<sup>92</sup>.*

No alojamento do estádio, os calouros não tinham como fechar as “janelas”. Quando fazia calor, os pernilongos atacavam sem dó nem piedade.

*Nesse pessoal do Cepê, e depois do bloco D, havia mais negros do que no Crusp. Do que na USP, sem dúvida. Um terço era o que se chama hoje de PPI<sup>93</sup>. Eu conheci gente muito pobre mesmo, mas público do Crusp não era paupérrimo.*

---

<sup>91</sup> Depoimento ao autor em 20 de março de 2024.

<sup>92</sup> Centro de Práticas Esportivas da USP (Cepeusp)

<sup>93</sup> Pretos, pardos e indígenas.

*São Paulo era uma cidade muito cara. Uma época eu fui morar no bloco B, com três politécnicos. Como o politécnico tem muita aquela coisa de estágio e geralmente ganham bem, o cara comprou um carro, mas não sei se ele poderia se bancar morando fora do Crusp.*

A frente fria chegou em abril pelas frestas dos alojamentos e com ela a notícia de que os estudantes teriam que sair dos quartos para dar lugar a uma competição esportiva internacional.

*A maioria não tinha para onde ir, né? Aquela confusão toda. A Coseas não ajudava muito na época. A gente tinha contato com a Cida da Amorcrusp, que retomou a antiga reivindicação de que o bloco D, na época ocupado pelo IEB<sup>94</sup> e pelo MAE<sup>95</sup>, voltasse a ser moradia.*

Depois de muitos dias de assembleias e de organização, os alojados começaram a passar quatro ou cinco colchonetes por noite através da abertura para fora do alojamento 19 do Cepeusp. Um ia passando para o outro por trás do estágio, os atravessavam por uma grade e mais pessoas do outro lado levavam para a sede da Amorcrusp, no térreo bloco C. No dia 29 de abril, todos ainda estavam preocupados. Iriam às 22h 45, em ponto. Como seria ocupar um prédio com o acervo de tantos museus?

*A gente sabia exatamente como que era a rotina. Porque depois que todo mundo saía, o último fechava o prédio e trancava a porta, mas o alarme era ligado só um pouco mais tarde. Tinha um vigia ali. Uma menina, baixinha, loirinha, bateu na porta dizendo que tinha esquecido alguma coisa. Quando o vigia abriu a porta, um cara grandão escondido puxou a porta. Aí entrou todo mundo e foi subindo pro sexto andar.*

---

<sup>94</sup> Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

<sup>95</sup> Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Nos primeiros dias de maio, os 58 ocupantes viveram um regime de assembleia permanente e ficaram dormindo nos corredores dos 1º e 3º pisos, cujas portas dos acervos foram lacradas, e do 6º, onde ficavam os gabinetes dos pesquisadores.

Uma comissão de segurança dos alunos ficou responsável por não deixar ninguém entrar nos outros andares, onde ficavam os esqueletos e artefatos pré-históricos, os originais de Mário de Andrade e de Graciliano Ramos e outros documentos de extrema importância histórica. Eram sempre duas pessoas de guarda em frente à escada de cada piso.

A ocupação forçou a mudança do museu e do instituto, cujos diretores estabeleceram um diálogo com os ocupantes e foram esvaziando as salas. A reitoria se comprometeu a reformar o prédio em até 10 meses. Para isso, todos ficariam somente no último andar, com apenas um chuveiro e onde era comum chover dentro das salas, as janelas de madeira estavam apodrecendo e a fiação elétrica era toda gambiarra. Isso forçou o retorno de Amarildo Severo do Nascimento, que era cadeirante, para o Cepeusp.

A promessa também previa a construção de apartamentos especiais para deficientes físicos não somente nesse, como também em um novo bloco H, e a construção de uma praça ao lado do bloco D (29 D'Abril).

As reformas Foram abandonadas com a troca de coordenador da Coseas. Paulo, aluno de história, estava um pouco bêbado quando se sentou no corrimão para esperar o elevador e caiu do quinto andar, ficando um bom tempo sem conseguir andar. No entanto, um evento mais trágico, no início do ano seguinte marcou o bloco D.

*O elevador vivia dando problema. A porta travava, então tinha um esquema que com um aramezinho que se enfiava pra abrir a porta.*

Além desse defeito, os elevadores circulavam sem as luzes. Os problemas foram comunicados à Coseas, mas a reitoria tinha decidido não reformar o prédio antes que os alunos o desocupassem. Na noite de 31 de março, Moisés da Silva Santos abriu a porta, que normalmente não deveria abrir sem o elevador,

e entrou, mas o mesmo não encontrava-se parado naquele sexto andar.

*Esse caso acabou dando mais mídia, sendo mais marcante, porque o primeiro, do Paulo, foi uma coisa que acontecia direto no Crusp, acidentes, gente caía. O do Moisés era a clara negligência da reitoria na manutenção da moradia. A gente tava lá há quase um ano e eles não resolviam nada. Os prédios foram depenados e não tinha mais manutenção.*

A vítima foi visitada pelo reitor Flávio Fava de Moraes na UTI do Hospital das Clínicas da USP, onde recebeu o diagnóstico de traumatismo craniano, pulmões perfurados e foi submetido a cirurgias, com o risco de ficar tetraplégico.

*Ele se machucou muito, até que morreu, muito jovem, com uma série de sequelas. Não foram só sequelas físicas. A vida dele parou, então ele foi entrando num processo de depressão.*

Segundo a universidade, os estudantes estavam no local por sua conta e risco. Uma professora de ciência política publicou ainda, no dia 11 de abril de 1994, um artigo no Jornal da USP acusando os estudantes de roubar os colchões do Cepeusp. Tratando a moradia como privilégio, a docente defendeu que os estudantes deveriam recebê-la de acordo com a necessidade e o mérito acadêmico.

Em protesto, a sala da professora na FFLCH foi ocupada e foi formado o Movimento Pró-Moisés, que, além de pedir bolsas e indenizações ao aluno, reivindicava reformas e a punição do professor da FEA à frente da Coseas.

O bloco foi interditado no dia seguinte. Dos ocupantes, 20 conseguiram uma vaga nos outros prédios, alguns foram hospedados no Crusp ou em outros lugares e cinco decidiram assinar um termo de responsabilidade e ficar.

*Pros outros estudantes da USP, sempre teve uma mitologia em torno do Crusp, de que não era tanto de questão de ser pobre. Pelo contrário, falavam que no*

*Crusp tem cara que é rico, mas, sobretudo, de que o Crusp era só festa, porralouquice.*

*Não tinha muita festa no Crusp. Não tinha porquê a gente fazer, porque tinha muita festa na USP, em quase todo prédio. Isso mudou completamente. Você vai ficar dentro de um apartamento?*

*A gente ia muito em vernissage, recepções. A gente ia muito no MAC, pegava muita coisa.*

Como o restaurante universitário fechava após o almoço no sábado, os cruspianos iam a um rodízio na Avenida Corifeu de Azevedo Marques e enfiavam as mochilas com comidas.

Nessa época, os funcionários da universidade entraram em greve, o que deixou muitos cruspianos com fome. Após um mês solicitando cestas básicas à Coseas, os moradores decidiram entrar no restaurante à força.

Na madrugada de 10 de junho, 70 cruspianos participaram da operação para retirar os alimentos do restaurante, um parte deles já estragados. Os que estavam em boas condições foram distribuídos na sede do DCE, iniciando mais uma tradição.

*A maioria das pessoas está no Crusp, mas poderia estar em qualquer outro condomínio, não têm muita relação. Tem outras que têm uma relação mais vital. Há formas diferentes de vivenciar o espaço.*

*Você aprende a relevar muita coisa, a não ficar batendo cabeça. Se você briga com o sujeito, ele não vai sair do apartamento e você também não vai. Então, se você criar uma inimizade irreconciliável, fudeu. Você aprende a ser mais condescendente.*



## Reconstrução

O Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) se mudou para as instalações ao lado da Prefeitura do Campus, onde está até hoje. A Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) permaneceu no térreo do bloco D, enquanto outras instalações foram realocadas para as Colmeias.

O bloco F ficou com os alunos de pós-graduação que ocupavam o bloco E até o final de 1994. As avaliações em 1996 consideraram os blocos F e G em ótimo estado, graças às reconstruções de 1987 e 1989, respectivamente.

Em 20 de setembro de 1994, o Crusp deu um passo à frente ao inaugurar sua primeira sala Pró-aluno, equipada com nove computadores, um avanço tecnológico para a época.

A partir de 1995, o Crusp passou por uma transformação completa. Os blocos foram reconstruídos, preservando apenas suas fundações e estrutura original. Os moradores do próximo prédio a ser modificado eram transferidos para os recém referomados, liberando um bloco por vez para a próxima fase. Todo os apartamentos passariam a ter três quartos.

O bloco D, pioneiro nessa jornada, foi reformado em 1995 com estrutura metálica e gesso, seguido pelo bloco B, que passou por reformas de janeiro de 1996 a março de 1997, e pelo bloco A, de 1997 a maio de 1998.

Em fevereiro de 1997, os novos calouros ocuparam os alojamentos do bloco C, que ficou sob a gestão da Amorcrusp. Até 1997, a Amorcrusp operava no segundo andar do bloco C e oferecia uma sala para aulas de dança, capoeira e oficinas de teatro. Com o fechamento desse espaço, a organização se reinventou, contando com contribuições voluntárias dos cruspianos. A sede foi transferida para o térreo do bloco F, onde também foi aberto um espaço para uma copiadora.

Em 1998, o bloco E, em estado crítico começou a ser reformado. O projeto de reforma do térreo do bloco F para o ano seguinte previa uma lanchonete, lavanderias coletivas e mercearia poara a Amorcrusp.

Com relação à arquitetura antiga e a nova, Homero, que transitou entre esse mundos, preferiu as estruturas pós-reforma, de quartos individuais e de alvenaria.

*Chega uma hora que você cansa, mesmo quando você é muito amigo da pessoa, quer um pouco de privacidade. Uma hora você encheu o saco, vai pro teu quarto. Ou o contrário, você vai pra sala. Um atleta ficar lá por um mês nos Jogos Puro Americanos é uma coisa; mas ficar anos...*

*A questão do corredor era uma coisa tétrica. Era horrível não ter luz no corredor.*

## Ocupação da Coseas

Em 1995, a relação dos ativistas do Crusp com o restante do movimento estudantil da USP começou a azedar. O estopim foi o veto do DCE à participação da Amorcrusp no Conselho do Campus. No segundo semestre, o Conselho Universitário estabelece algumas diretrizes de um regimento que redefiniria os critérios para os estudantes conseguirem o direito a uma moradia no campus.

O regimento precisaria ser definido por uma comissão composta por um estudante de graduação cruspiano, um pós-graduando também morador do Crusp, um aluno membro do Conselho Universitário, dois indicados pela Coesas, dois professores do Conselho de Graduação e dois professores do Conselho de Pós-graduação.

André Carrasco, calouro de Arquitetura e Urbanismo em 1995, entrou como hóspede do irmão estudante de filosofia, Alexandre Carrasco, e notou um clima tenso após uma década de imposições da Coseas.

*A Amorcrusp é forte pra caramba. Os debates pra eleição da Amorcrusp fervem, as assembleias cheias...*<sup>96</sup>

Uma das chapas era formada por um único morador, Amarildo, o aluno cadeirante que havia ocupado o bloco D. Ele era integrante da gestão em exercício, porém tinha sido afastado após uma controvérsia a respeito de organizar uma contribuição para a manutenção dos alojamentos do bloco C. Amarildo tinha como pauta central a saída imediata do coordenador da Coseas, mas não levou as eleições. Era também um dos poucos alunos que lutavam pelas cotas raciais na universidade.

A afluência das demandas dos cruspianos preencheu o ano de 1996. O ano começou com rodadas de discussão organizadas por bloco para elaborar um anteprojeto de regimento. Entretanto, após concluído, a coordenadoria ignorou o documento durante as reuniões.

---

<sup>96</sup> Depoimento de André Carrasco ao autor em 20 de maio de 2024.

Com o apoio dos professores da comissão, a Coseas tentou aumentar a exigência do cumprimento créditos do período ideal de curso de 67% para 80% como critério para a permanência na moradia, diminuir o tempo máximo de permanência no Crusp. As duas medidas, na prática, obrigariam os cruspianos, que em geral precisavam trabalhar e tinham mais defasagem escolar, a se formarem antes dos demais alunos para não perderem a vaga na moradia. Essa regra implicaria na expulsão da grande maioria dos moradores.

*Eu e o Alexandre, que éramos bons alunos, sairíamos...<sup>97</sup>*

*A gente era bolsistas da Fapesp, com média ponderada acima de oito e meio.<sup>98</sup>*

Além disso, a Coseas tentava restringir o número de estudantes que não conseguiam vaga e ficavam hospedados no quarto de outras pessoas, impor que eles só pudessem ficar por um ano.

Outro questão mais grave era a impossibilidade de estender o direito à moradia para dependentes, o que obrigaria a separação das estudantes mães de seus filhos. Essa medida última já vinha sendo cobrada desde o começo do ano pelo coordenador da Coseas, alegava que as mulheres deveriam ter se prevenido da gravidez.

No dia que antecederia a reunião para a aprovação do regulamento, os estudantes em peso, já de cabeça quente com tanta intransigência, se reuniram na noite de 24 de setembro de 1996, uma terça-feira.

*A gente tava na assembleia, uma assembleia morna, e acontece um negócio muito louco. O Caio César, que era um estudante da EAD<sup>99</sup>, pede a palavra...<sup>100</sup>*

---

<sup>97</sup> Depoimento de André Carrasco ao autor em 20 de maio de 2024.

<sup>98</sup> Depoimento de Alexandre Carrasco ao autor em 20 de maio de 2024.

<sup>99</sup> Escola de Arte Dramática da USP.

<sup>100</sup> Depoimento de André Carrasco ao autor em 20 de maio de 2024.

Os estudantes estavam diante de um impasse tentando decidir se seria prudente ocupar as instalações da Coseas ou não. Formou-se um burburinho até que Caio César vai à frente e ergueu o braço segurando um pé-de-cabra.

— Eu vou invadir essa porra! — no que foi aclamado e seguido por todos.

*Essa cena traduz toda a minha experiência política na USP! O momento que constitui a minha formação política é essa assembleia.<sup>101</sup>*



Ao chegarem diante do pequeno portão da coordenadoria, em frente ao bandeirão, o cadeado foi arreventado, os estudantes entraram quebrando os vidros, picharam as paredes e jogaram no gramado todos os documentos que encontraram.

*Sala da Coseas tomada pela ocupação em 1996. © Ocupação da Coseas em 1996. Coseas Ocupada.*

<http://coseas-ocupada.wikidot.com/memorial>

---

<sup>101</sup> Depoimento de Alexandre Carrasco ao autor em 20 de maio de 2024.

*Era tanto ódio, tanta pressão, que faltou pouco pra não botarem fogo.*<sup>102</sup>

No dia seguinte, foi divulgada uma carta na qual os ocupantes se diziam abertos a uma negociação democrática que baseada nas necessidades dos moradores e pediam o afastamento dos coordenadores da Coseas.

*No entanto, temos a certeza de que a simples troca de coordenadores não implica na mudança efetiva dessa tal política. É preciso mudar as regras do jogo, estabelecendo uma administração paritária entre os estudantes e os responsáveis pela Coordenadoria de Assistência Estudantil.*

*Nosso objetivo é a transformação do caráter da atuação da Coseas. Atualmente este órgão funciona como um mero aparelho burocrático que cobra e acumula informações sobre os estudantes moradores. Não há também qualquer transparência quanto a sua administração, e em que são convertidas as verbas destinadas à tal assistência. Fica por fim a sensação de que não possuímos direitos, mas só deveres, que nos são cobrados a duras penas.*

*Faltam à Coseas mecanismos eficientes e capazes de acompanhamento acadêmico dos estudantes, mas, apesar disso, o faz de modo a avaliar somente o número de créditos cursados durante o ano, sem se considerar outras atividades desenvolvidas pelos alunos que são necessárias a uma boa formação.*<sup>103</sup>

---

<sup>102</sup> Depoimento de Alexandre Carrasco ao autor em 20 de maio de 2024.

<sup>103</sup> Estudantes ocupantes da Coseas. Relato sobre a ocupação, 26 de setembro de 1996. Arquivo da Amorcrusp.

Em outubro seria a eleição para prefeito e, aparentemente, a sala do coordenador da Coseas tinha se transformado em um comitê de campanha do PSDB, cujo candidato era José Serra. Os panfletos e adesivos encontrados foram denunciados pelos estudantes.

Embora a votação do regimento tenha sido suspensa, os boletins de ocorrência e pedidos de reintegração de posse feitos pela reitoria forçaram a saída após oito dias. No final do mês, a reitoria apresentou um dossiê que

responsabilizava 43 alunos pela ocupação. Em contrapartida, 234 alunos assumiram a culpa por escrito. Ao longo do mês, mais de 400 aderiram aos documentos. Apesar dos esforços, as novas regras foram aprovadas em janeiro, durante as férias.



*Os cruapianos apelidaram a sede da Coseas como “bloco H”, em referência ao novo bloco de moradia prometido desde o começo da década. © Ricardo G. B. S. Amorcrusp Esclarece, março de 1995. Disponível no Arquivo da Amorcrusp.*



**Caricatura de Amarildo Severo. © Ricardo G. B. S. Amorcrusp Esclarece, março de 1995. Disponível no Arquivo da Amorcrusp.**

A atuação de Amarildo foi determinante para a defesa dos direitos das mães estudantes, que conseguiram e na luta por melhores condições no Crusp.

*Ninguém levava o Amarildo a sério, porque ele tretava com todo mundo, era um cara desagregador, só que ele tava certo.*<sup>104</sup>

A felicidade veio apenas quando o coordenador da Coseas foi substituído.

*Ele caiu na sexta; na segunda a comida já era melhor. O cara aí ia cuspir, ia mijar no suco, com certeza, porque, quando ele sai, o bandejão melhora extraordinariamente com o mesmo orçamento.*<sup>105</sup>

E o ressentimento não parava por aí.

*Eu tenho certeza que esse cara cortava a luz e a água da gente. Um dia eu cruzei com ele no banco e tive vontade de falar “Pô, tu é um filho é puta”. E eu já tinha me formado há anos.*<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> Depoimento de Alexandre Carrasco ao autor em 20 de maio de 2024.

<sup>105</sup> Depoimento de Alexandre Carrasco ao autor em 20 de maio de 2024.

<sup>106</sup> Depoimento de André Carrasco ao autor em 20 de maio de 2024.





*Amarildo em assembleia em frente à sede da Coseas ocupada. © Ricardo G. B. S. Amorcrusp Esclarece, março de 1995. Disponível no Arquivo da Amorcrusp.*

## Assédios

Thais Brianezi venceu a Olimpíada Brasileira de Química e ganhou uma viagem para passear em Fortaleza, mas pediu para mudar o destino para Piracicaba, onde os avós moravam, a fim de fazer o vestibular para o curso de Jornalismo da USP.

Ela vinha do Amazonas e tinha estudado em diversas escolas públicas e particulares, estas com bolsas de estudo. Sua mãe trabalhava no Conselho Indigenista Missionário e sua profissão a obrigava a se mudar com as filhas todos os anos.

*Apesar de não ganhar muito, minha mãe tinha ensino superior. No período que eu passei na USP, ela tava fazendo doutorado na Faculdade de Educação.*

*Mas era muito caro ficar em São Paulo e eu não tinha nenhum parente aqui.<sup>107</sup>*

Marta Azevedo, uma conhecida indigenista que era amiga de sua mãe, fez a sua matrícula em São Paulo por procuração. A caloura e a mãe dormiram na casa de Marta durante essa primeira semana de aulas, na qual a mãe teria sua qualificação para o doutorado.

*No segundo ano do ensino médio, eu tive uma professora de português, Elenice, que tinha feito Letras na USP e morado no Crusp.*

— Ó, Thais, você vai chegar lá e o esquema é bater na porta, falar que tá chegando e tal, porque o processo demora. Se alguém te abrigar, você vai ficar na sala provavelmente, mas você já começa a morar. É assim que funciona.

No primeiro dia em busca de um abrigo, após dois ou três andares alguém logo a aceitou.

— Tem vaga sim. Tem vaga no quarto.

— Nossa, como eu sou sortuda! — pensou Thais, já que a oferta saiu melhor que a encomenda. Não precisaria ficar na sala.

---

<sup>107</sup> Depoimento de Thais Brianezi ao autor em 12 de abril de 2024.

*Morava lá uma estudante da Geografia e um estudante da Matemática. Na primeira noite que eu tô lá, o colega, que já tinha chegado da aula, bate na porta e vem fazendo alguma coisa estranha...*

— E aí, você tá sozinha? Quer alguém pra conversar? — disse o sujeito, encostada na porta do quarto de Thais.

— Não, eu já vou dormir cedo — respondeu a recém-chegada, fechando a porta.

O estudante foi expulso da USP após inúmeras denúncias de assédio, o que na época era algo incomum, dada a falta de políticas para combater esse tipo de comportamento. Antes disso, Thais conseguiu regularizar sua situação com a Coseas e trocou de apartamento.

*Lá pela metade do primeiro semestre, eu decidi que queria voltar. Estava odiando São Paulo, estava odiando o ambiente da ECA USP, achando todo mundo muito arrogante, muito impessoal.*

Thais não se mudou porque não queria tentar uma transferência em vez de fazer vestibular novamente. Por ironia do destino, a Universidade Federal do Amazonas estava em greve.

A paralisação durou meses, o que a impedia de até mesmo se informar a respeito dos trâmites. Quando a universidade voltou a funcionar, Thais já havia vencido o trauma inicial de São Paulo e decidido que iria ficar.

*No primeiro ano eu ia em tudo que é festa. Eu até notava a diferença da Festeca pra Festa na FAU e pra a festa da Biologia. A gente morava aqui mesmo. Tudo o que era festa a gente ia!*

*De vez em quando, as meninas dormiam em casa quando iam pra alguma festa.*

Thais não se sentia totalmente segura na Cidade Universitária.

*Era uma festa que a gente tinha bebido um pouco a mais. Ela, muito a mais! A gente iria a pé depois. Aí, tinha uns meninos oferecendo carona.*

— Não, vamo, Marci!

— Não, vem entrar no carro!

*Ela tava muito doida e entrou. Aí, eu entrei.*

— Onde vocês moram?

— Ela mora no Crusp. — respondeu a amiga.

— Não, a gente vai ficar ali. Vai pegar o ônibus ali.

*Não deixei nos levarem perto do Crusp, porque fiquei com medo. Eu já tinha vivenciado essa experiência de falar que morava no Crusp e a pessoa avançar o sinal. Era visto como lugar de garota fácil.*

## Semana de Arte e Cultura

Abel Tingó havia morado no Crusp no anos 1960. Seu irmão mais novo havia falecido deixando um filho, Rodrigo, de 13 anos, que logo saiu da casa da mãe. Foi trabalhar e viver em ocupações de prédios com punks, até que Abel o chamou para que ele morasse em sua casa e se preparasse para um vestibular.

Já depois de um ano estudando na USP, Rodrigo foi viver no mesmo local onde o tio tinha ficado durante a graduação em Psicologia.

Rodrigo de Oliveira, ou Tembiú, como é chamado, foi se tornando o produtor cultural da moradia e organizou o Núcleo Base, um coletivo que promovia atividades artísticas.

*A gente fazia reuniões, criava salas de leitura, saraus, shows, exposições, algumas formações, publicações. O Crusp tinha muitos artistas excêntricos, figuras. O Núcleo Base aproveitou esses artistas e fez a Semana de Arte no Crusp. A gente ficava de segunda a domingo, com dezenas, setenta, oitenta trabalhos em exposição. Espetáculos de dança, teatro, projeção de vídeo, oficinas, shows, enfim, exposições de artes visuais. Eu, como era produtor e artista na cena, às vezes trazia, tipo o Arnaldo Antunes, que participou uma vez, o Zé Geraldo.*

*Teve uma mão que eu trouxe vários grupos de música eletrônica que tavam num festival em São Paulo.*<sup>108</sup>

O grupo foi o responsável por construir a Ágora, um palco em frente ao restaurante central.

*Quem desenhou foi o Wellington, estudante de arquitetura na época. Era um palco modular, hexagonal, que tinha umas peças que iam encaixando e ele ficava maior.*

---

<sup>108</sup> Depoimento de Rodrigo Tembiú ao autor em 3 de abril de 2024.

A primeira Semana de Arte e Cultura no Crusp aconteceu por acaso em 1998. Rodrigo levou um ofício ao MAC<sup>109</sup> para realizar uma exposição dos artistas, mas o pedido foi negado.

*Então a gente começou a fazer uma instalação, uma série de exposições e um som lá no térreo do bloco F. No outro dia, a gente continuou, se alternando, 20, 30 pessoas. O Demonião, o Diabo — tinha o Diabo e o Demonião. O Demonião era o Alexandre e o Diabo era o Ricardo. Tinha o Rodrigo Campos, o Tony Vilanda.*

— Isso tá virando uma semana de arte, tipo 22<sup>110</sup>, né? — alguém disse.

*Aí a gente quebrou tudo no último dia. Destruiu todas as obras.*

Como todos tinham gostado da ideia, Rodrigo resolveu repeti-la.

— Vamo fazer a segunda Semana de Arte. E agora vamo pedir um palco, vamo voltar no MAC.

*Tinha uma ficha de cadastro. Era muito bem organizado.*

O MAC sempre recusou os pedidos, mas o grupo continuou o projeto, fazendo uma terceira e uma quarta vez. O objetivo era valorizar a forte produção artística do Crusp, com parceiros como Beto Moçamba, moçambicano estudante de Economia e Allan da Rosa, que se tornou um dos grandes educadores brasileiros.

Numa dessas noites, mas longe dali, no Baixo Augusta, uma fila de punks com garrafas na mão se formava em frente a uma casa noturna. Eis que um mendigo pede a um deles o violão emprestado.

*Eu tava nem aí. Só achei inusitado o mendigo chegar e tal, mas, de repente, quando ele pegou o violão e fez um “rrraum”, me veio um Duofel, uma dupla de violonistas*

---

<sup>109</sup> Museu de Arte Contemporânea da USP, em frente ao bloco G.

<sup>110</sup> Semana de Arte Moderna de 1922.

*eruditos experimentais, na minha cabeça. “Que coisa alucinante esse morador de rua tocando uma obra-prima”. Ele agachou, já se ligou que tava desafinado, e começou a afinar.*

O portão da casa abriu a fila andou conturbada, com gente se esbarrando, o gênio incompreendido quebrou o violão e saiu correndo.

*Meses depois eu encontrei ele no Crusp com o Mário, um pós-graduando da Psicologia.*

Era Lanny Gordin, que havia tocado, entre outros, com Gal Costa, Mutantes, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jards Macalé, Hermeto Pascoal e Chico César.

O músico tinha residência própria na Rua Maria Antônia, mas, em seus surtos de esquizofrenia, ficava perambulando pelas ruas. A mudança veio quando foi reconhecido por Luiz Calanca, dono da produtora Baratos Afins, no Largo do Paçandu. Em seguida, foi hospedado e tutelado por Mário na moradia estudantil, adotando um medicamento que surtiu efeito positivo.

Começou a Semana de Arte e Cultura no Crusp e o grupo musical de Rodrigo, Domínio Público, se apresentava quando o maior guitarrista da música brasileira subiu ao palco na apresentação. A sintonia com um dos guitarristas, Guilherme Held, foi tão intensa que eles uniram forças em um grupo chamado Projeto Alfa. A partir dessa passagem pelo Crusp, Lanny Gordin se recolocou no circuito musical brasileiro.

## Festa da Nokia

No início das aulas de 2001, o MAC amanhecia sem esculturas no gramado. O motivo? A festa de lançamento de um novo telefone da Nokia, uma confraternização no meio da USP restrita apenas para célebres convidados da multinacional finlandesa.

À tarde chegou a decoração: canhões de luz, uma cama elástica, sofás, maçãs verdes. O grupo de artistas do Crusp não pestanejou e distribuiu diversos panfletos em toda a Cidade Universitária anunciando a celebração.

— Festa no MAC! Comida grátis, bebida grátis! Traga o seu instrumento e suas latas de spray!

À noite chegaram os convidados: Pelé, Rubinho Barrichello, modelos e... alunos de toda a USP!

Alguém pichou “onde não sambam todos, não samba ninguém”.

— Queremos caviar!

Os organizadores não queriam deixar ninguém passar, mas não foi possível evitar a entrada da turba. Na recepção havia uma estagiária estudante da Faap inconformada.

— Fora Faap! — gritavam os uspianos.

Com lenços nos rostos, começaram a arrancar as estruturas externas das tendas. No empurra-empurra, uma moça caiu com a cabeça no chão e a confusão escalou, com pedras sendo atiradas em direção aos seguranças.

Todos imediatamente se empanturraram de espetinhos de muçarela de búfala e espumantes. Alguns pulavam na cama elástica.

— Comida!!! — dizia um estudante com uma torta na mão.

Os garçons entraram na brincadeira, rindo e servindo os estudantes de salgadinhos e canapés. Os mais espertos, levavam logo as caixas de frutas e champagne. Enquanto isso, os convidados refugiados na sede do museu gritavam.

— Maloqueiros!

— Mortos de fome!

A Polícia Militar foi chamada, mas, em pouco tempo, não havia nada mais ali.



Canalha!

Ano após ano, calouros do interior e sem condições de pagar pensão ou aluguel continuavam sem as vagas oferecidas pela Coseas. Em 1997 e 1999, alunos nessa situação forçaram a abertura do alojamento abandonado no térreo do bloco C, onde cabiam cerca de 70 pessoas.

Daniel Joca era um estudante de Filosofia que morava no bloco F muito envolvido com as reivindicações dos moradores. Numa madrugada, sozinho, ele estava refletindo acerca de uma reunião que havia participado com a coordenadora da Coseas.

O jovem tentava processar o absurdo que era que pessoas tivessem o poder de administrar uma comunidade sem conhecer a malha complexa que os moradores do Crusp formavam.

— Canalhas... que canalhas... canalhas!

De repente, todos os apartamentos ouviram berros e mais berros.

— Canalhas!!! Canalhas!!!

Uma rasura no silêncio. O grito se transformou em jogral e ecoou por todos os blocos.

Gritar “canalha” pela janela virou uma tradição cruspiana para que transcende as gerações. De tempos em tempos, o mesmo grito passou a ser ouvido de outras vozes indignadas com algo ou como uma forma de celebração.

É de fato um grito que se espalha. O ritual normalmente ocorre à noite e cria uma identidade entre os moradores até hoje. Não é possível saber se quem dá a largada está descontente com algum fato político com uma frustração pessoal ou com outro ou nenhum motivo, mas as respostas criam uma expressão coletiva contagiante.

*Celebrar não é só ficar feliz. Não é fácil ficar feliz com o Crusp.*<sup>111</sup>

---

<sup>111</sup> Depoimento de Rodrigo Tembiú ao autor em 30 de maio de 2024.

## Duchamp's Dream

Thais havia trabalhado durante dois anos na Sempreviva Organização Feminista quando decidiu ter outras experiências na área do jornalismo. Entre as opções, encontrou um programa de estágio na Globo.

*Embora eu tenha ido fazer jornalismo porque eu gostava de escrever, achava também que tinha que ter um conhecimento em audiovisual.*

*O jornalismo na ECA ainda é muito focado no impresso. Pensei “ gente, não aprendi quase nada de jornalismo em rádio, jornalismo em TV, vou me inscrever”.*

*Eu lembro que tinha cinco etapas e era mega concorrido, sendo que a primeira era tipo vestibular, em escolas mesmo, várias salas. Achava que não iria passar.<sup>112</sup>*

Thais era militante do movimento estudantil e estava mesa organizadora do Cobrecos (Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação), da Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação da UNE, que acontecia na ECA quando seu celular tocou — sim, ela trabalhava com comunicação e já possuía um, o que ainda era raro entre os cruspianos.

— Thais. Tudo bem? Aqui é da Globo e estamos ligando para dizer que você foi selecionada para a vaga de estágio.

*No Cobrecos a gente tava falando sobre regulamentação das concessões de rádio e TV, efetivação do direito à comunicação. Eu não tinha nem contado pra galera que eu tava tentando. Geral tava tentando o estágio. Eu fiquei morrendo de vergonha.*

Entre outros programas jornalísticos globais, a estudante foi parar no SPTV<sup>113</sup>, quando a má gestão do armazenamento e

---

<sup>112</sup> Depoimento de Thais Brianezi ao autor em 12 de abril de 2024.

<sup>113</sup> Telejornal da local da TV Globo São Paulo exibido nos dias de semana ao meio-dia.

abastecimento de água ameaçava o fornecimento de energia em quase todo o Brasil, o país das hidrelétricas.

Todo dia o jornal local apresentava uma materiazinha sobre como economizar, como evitar o aumento e o corte da conta de luz água. Ninguém mais sabia o que sugerir na reunião de pauta naquela semana de junho quando Thais levantou a mão.

— Ah, uma pauta possível é no Crusp, Conjunto Residencial da USP, onde os moradores não pagam energia. Será que lá as pessoas estão economizando? Podemos ir lá fazer um povo fala<sup>114</sup> e contar se lá tão economizando. É a conscientização que vai fazer economizar ou é só quando paga?

*Tinha uma editora que tava recém voltando de um período de férias. A gente ficava pouquinho em cada programa. Eu já estava uns dias lá na pauta do SPTV. A galera já sabia que eu morava no Crusp, mas ela, não.*

Quando Thais sugeriu a pauta no Crusp, essa editora ficou contra:

— Ah, não! No Crusp só mora bandido. A gente não vai fazer essa matéria!

*Ela tinha feito ECA. Então, era claramente elitista e tal. Eu meio que quis me enterrar, né? Porque a galera restante sabia.*

O editor chefe, que era um tanto sarrista, retrucou:

— Então... Bem-vinda de volta das férias. Essa aqui é a Thaís, nossa estagiária que mora no Crusp.

*Essa mulher queria se enterrar, mas ela nunca me pediu desculpas. Tava acabando a reunião, ela levantou e saiu e fizeram a pauta.*

Denis Molino era um morador do bloco F estudante da filosofia que tinha acabado de retornar da França quando subiu na laje de um dos blocos com o amigo Rodrigo Tembiú e, ao avistar uma série de vasos sanitários parados no gramado questionou o colega:

---

<sup>114</sup> Entrevistas com pessoas escolhidas aleatoriamente.

— E essas privadas aí?

— Mano, essas privadas tão aqui há meses. — constatou Rodrigo. Eram latrinas com caixa acoplada e um design para a economia de água que seriam instaladas n o Crusp.

— Caralho, mas é muito louco, um monte de privadas, né?

— Elas tão no lugar errado.

Nisso, Denis olhou para Rodrigo, Rodrigo olhou de volta e os dois começaram a gargalhar. Rodrigo soltou:

— As privadas no lugar errado! Vamo evidenciar essa contradição da universidade. Até as privadas, eles botam no lugar errado. Tá tudo errado.

— Então qual seria o lugar certo?

— O telhado, cara. O privado tem que ficar no telhado.

— Então vamo colocar no telhado!

— Vamo! Amanhã eu consigo uma escada e a gente faz isso.

— Ahahahah!

No dia seguinte, Rodrigo bateu na porta de Denis

— E aí, Denis! Consegui a escada, cara!



© Autor desconhecido. Disponível no Crusp  
Memoria Homepage.  
[https://www.geocities.ws/  
crup2004/duchamps.html](https://www.geocities.ws/crup2004/duchamps.html)



© Autor desconhecido. Disponível no Crusp Memoria Homepage.  
<https://www.geocities.ws/crusp2004/duchamps.html>

Foi aí que ele viu que a proposta era séria. Então os dois mobilizaram mais um pessoal para executar a tarefa. O combinado era apenas não fazer barulho algum.

Na noite de 21 para 22 de junho de 2001, cerca de 30 pessoas regadas a garrafões de vinho ficaram subindo as privadas na escada, entre eles Leandrão, Everson Índio, Fabião, Itu e garotas como a apelidada Sexta-Feira.

Na manhã seguinte, Thais, que morava no bloco em frente à intervenção artística, disse ter visto um protesto contra a privatização da universidade e tentou mais uma vez vender outra vez uma notícia cruspiana.

— Dá para fazer imagens e o MAC é aqui perto. A gente pode mostrar o protesto, ouvir esse povo falar. e também juntar com a fala de algum professor sobre arte.

*Eu tinha feito uma disciplina com uma das professoras do MAC que era ótima. Tinha adorado. E ela tinha falado do Duchamp. Então, é a lógica da TV pra vender. O SPTV sempre deixava uma ou duas equipes pro que chamam de factual, que é colocar uma pauta, mas já sabendo que essa pauta vai cair e ir pro não pautado. Qualquer coisa que aconteça: uma declaração de alguém ou um crime.*

*A gravação era de manhã. Eu estava ali esperando que a equipe viesse, porque eu iria acompanhar dali. Depois, eu já aproveitava e pegava carona pra ir pro estúdio.*

Os artistas cruspianos se viram sobreavoados pelo helicóptero do SPTV. A repórter Ananda Apple então chegou à Cidade Universitária para fazer a tal matéria.

— Thaís, eu tive que brigar tanto pra essa matéria não cair, porque queriam me mandar para cobrir um buraco não sei onde e eu falei “Ah, não! Essa matéria é muito mais legal!

*Ninguém queria dar entrevista, porque vem Anada Apple com aquela canopla da Globo.*

*Aí, eu fiquei muito puta, porque eu tinha pautado, eu ia falar do protesto inclusive. Fiquei tentando convencer. A maioria que era da FFLCH. Eu falei “Ah, sim. Então, sociólogo nenhum é manipulador, né? Fernando Henrique Cardoso...” Eu lembro de ficar discutindo. Aí, eu tive que dar entrevista, que, a rigor, nem deveria, pra matéria não cair.*

*Eu apareço como Perla, porque duas pessoas que quiseram dar entrevista e eles tinham gravado uma Perla e, na hora de editar, o editor achou que estava demais e tirou a Perla.*

A repórter então pergunta a Rodrigo:

— As privadas vão ficar aí agora?

— Não, porque aí é o lugar errado delas. Se elas ficarem aí pra sempre, passa a ser o lugar certo. E a nossa ideia é trabalhar com

a ideia de lugar errado. É uma instalação. Isso vai ter que acabar, tem um período de exposição como qualquer outra exposição.<sup>115</sup>

*A gente tava virado. De manhã a gente tava muito louco, comemorando, vibrando, celebrando, tava lindo mesmo. A gente nem viu a matéria. Eu só fui ver a matéria meses depois porque alguém tinha gravado. Tinha uma brincadeira, era uma chacota, um deboche, mas também era um trabalho de comunicação e uma instalação artística. A gente apresentou ela Duchamp's Dream*

*Era muito doido. As pessoas dos apartamentos viam, você via gente indo lá, saindo da Poli, saindo da Veterinária pra tirar foto.*

*Era uma instalação com uma placa; “Semana de Arte e Cultura no Crusp. Inscrições abertas no e-mail.”<sup>116</sup>*

---

<sup>115</sup> Embora já tenha assistido ao vídeo, o autor não conseguiu confirmar as falas veiculadas no programa televisivo para esta edição.

<sup>116</sup> Depoimento de Rodrigo Tembiú ao autor em 3 de abril de 2024.

## Um recorte

Naquele mesmo ano, a entrada de Marcelo na USP não foi fácil. Com um pai alcoólatra e música alta em casa, encontrou no cursinho um lugar onde pudesse estudar.

*Eu fui estudar no apartamento de uma colega de um cursinho em Santo André, que eu consegui ingressar ali por o Bolsa da Prefeitura no primeiro ano.<sup>117</sup>*

Ele entrou no curso de Jornalismo aos 29 anos, veio que uma família que se mantinha com uma renda de um a três salários mínimos. Seu sonho de infância era ser jogador de futebol.

*Meu pai era vendedor de tecidos numa loja no Brás, bairro na região central da capital paulista e minha mãe já era aposentada como passadeira de hospital. Minha casa tinha três cômodos: um quarto, onde meus pais dormiam: uma sala, onde dormimos eu e meus dois outros irmãos, o do meio e o caçula; e a cozinha. O banheiro ficava no pequeno quintal. A casa era alugada. Ficava nos fundos de outra, a do proprietário.<sup>118</sup>*

Marcelo encontrou também quem não acreditasse no seu ingresso, pois precisou de 5 anos do cursinho para encontrar seu nome na lista de aprovados e durante esse processo chegou a ser desmotivado por um professor.

— Eu não sei por que você tá se matando. Você nunca vai entrar na USP.

A tão sonhada aprovação no curso de Jornalismo da USP, entretanto, não representava o fim dos problemas, mas talvez o início. Na matrícula, Marcelo era o único que não sorria. Ainda tinha o desafio de se sustentar e de se locomover até lá.

---

<sup>117</sup> Depoimento de Marcelo Gutierrez ao ator em 13 de março de 2024.

<sup>118</sup> Resposta de Marcelo Gutierrez a um questionário apresentado pelo autor em 13 de março de 2024.



Por sorte, Marcelo foi informado por um colega de cursinho que já estudava na no mesmo curso sobre a existência do Crusp. Até então, ele não sabia como faria para chegar à USP vindo do Jardim Santo Antônio, bairro periférico de Santo André.

Depois de toda papelada, Marcelo ingressou no apartamento 406 do bloco D, que na época já estava reformado, com 3 quartos, pintado e pronto para uso. Tudo estava novo, torneira, janela, varal, cama e escrivaninha.

Marcelo tinha um beliche de sua casa que conseguiu levar ao Crusp. Assim, nascia a dúvida do que fazer com o material excedente. A primeira ideia era transformar a cama original em um sofá, pois eles não tinham sala. Mas sabendo da necessidade de um outro colega que estava com a cama quebrada, resolveu doar a sua.

Numa espécie de quase justiça divina, recebeu em seguida de doação de um colega da Poli que estava montando uma república um pequeno sofá de três lugares. Esse colega de Marcelo estagiava na Agência USP e o ajudou a, logo em abril, a começar também o estágio no mesmo local.

Morar no Crusp não era uma realidade de dia de semana, mas uma realidade permanente. Retornar à casa dos pais significava altos gastos, dos quais Marcelo não dispunha. O dinheiro disponível era para alimentação e voltar à Santo André significaria faltar algo durante a semana.

No início de sua estada, existia o livre trânsito de entrar e sair, sem que houvesse nenhum controle, embora já existisse a construção dos muros ao redor da Cidade Universitária. Mas durante o tempo de permanência de Marcelo, a vigilância começou a mudar e os guardas universitários começaram a pedir a carteirinha, sobretudo quando Marcelo chegava de carro, com a namorada, que possuía um poder aquisitivo consideravelmente mais alto.

*Às vezes a gente saía e esquecia a carterinha. Então o que a gente fazia? A gente passava pelo guarda e falava “Ô, seu guarda, tudo bem? Eu sou do Crusp e tal. Estou indo ao mercado e já vou voltar”. E aí, você tinha que ir e voltar no tempo do turno do mesmo guarda. Porque se fosse outro, ele já falava “De onde é você?”*

O período em que Marcelo frequentou a Cidade Universitária já era muito diferente dos anos 90, onde o espaço ainda não era cercado por muros e a entrada e saída de pessoas era livre, de modo que a Praça do Relógio se tornou palco de muitos eventos, shows e campeonatos.

Durante seus estudos, Marcelo enfrentou um período de greve. De um lado, ele escrevia para o Jornal do Campus, um jornal totalmente produzido pelos alunos, para uma disciplina do curso de jornalismo. De outro, ele trabalhava dentro do prédio da reitoria, na Coordenadoria de Comunicação Social. Assim, quase como um agente duplo, ele frequentava os dois lados da mesma situação e ao tentar entrar no trabalho, com frequência o reconheciam como do Jornal do Campus e achavam que estava lá para tentar obter informações, quando na verdade só estava tentando entrar no prédio.

Mas, muito além dos aspectos políticos, a greve afetou o fornecimento de comida do restaurante universitário.

*E aí a gente se juntava lá e a gente podia usar as cozinhas do Crusp. A pizza salvava a vida da gente também.*

Numa dessas tantas noites, um colega voltava do mercado mais caro por ali, usado em situações mais emergenciais, com arroz, feijão, óleo, macarrão, quando foi assaltado por um rapaz que parecia mais necessitado do que ele próprio. Voltando para o Crusp, contando o que tinha ocorrido, seus amigos, incluindo Marcelo, fizeram uma vaquinha para repor as mercadorias.

Não era fácil a vida do estudante. Para conseguir manter sua vaga no Crusp, Marcelo deveria conseguir ter suas médias nas disciplinas acima de 7, sendo que a média para aprovação para os alunos em geral é 5. Além disso, ele precisava cumprir com um número maior de disciplinas optativas, sem contar com o trabalho, que também era essencial para pagar suas despesas básicas. Era uma preocupação constante.

*Eu ficava muito desesperado. Tanto que eu não ia pra Santo André nas férias, porque eu chegava no fim do ano e já olhava pras disciplinas no ano seguinte, já ia lá na xérox tirar os textos e já estudava tudo adiantado,*

*nas férias mesmo, para ficar livre para estudar pras optativas, porque era muito difícil conciliar tudo. Tinha que adiantar o barco.*

Ao chegar no terceiro semestre da faculdade, Marcelo cogitou desistir do curso, quando as dificuldades drenavam suas forças. Depois de tanto esforço para entrar na universidade, essa vitória parecia ser em vão.

O estudante chegou a anunciar a desistência do curso para alguns professores, que não o deixaram abandonar o jornalismo. Morar no Crusp também foi essencial na superação desse período crítico, pois ele não ficava sozinho e recebia visitas com frequência. Essa rede de apoio formada tanto pelos colegas de moradia quanto pelos professores foi crucial.

O papel central que o Crusp virou o tema do documentário que ele produziu em 2005 — Crusp: um recorte. A ideia do documentário surgiu de uma colega que assistia à disciplina de produção de documentário como aluna especial, isto é, sem estar regularmente matriculada na USP. Marcelo se ofereceu para ajudá-la, pois ela trabalhava. Quando chegou o dia de entrevistar alguém para o documentário, ela não deu conta.

— Puta, Marcelo, não vou conseguir ir!

— Então desmarca...

— Não, pega pra você.

— Marca outro dia que eu te acompanho. Eu fico lá com a câmera, faça o que você quiser. A gente vai junto.

*Ali eu me enveredei pra fazer o documentário.*

*Já tinha outro documentário. Eu entrei em contato com o cara, peguei a autorização dele, porque eu uso muitas cenas dele, e aí fiz um recorte e o documentário nasceu.*

O vídeo foi lançado em 2005 como trabalho de conclusão de curso. Nele ficaram eternizadas algumas festas e algumas figuras daquela época.

## Revolta da Salada

Rafael Alves nasceu em 1982. Filho de uma dona de casa, vivia com sua avó materna em uma casa que dividia com quatro tios, seus filhos e netos quando começou a estudar no Cursinho da Poli.

*Como não tinha dinheiro pra pagar, eu trabalhava lá. Eu tinha feito o curso de teatro no Macunaíma e comecei a dar aula preparatória pra segunda fase de Artes Cênicas.*

*Só que eu tinha uma lacuna muito grande e não conseguia passar da primeira fase do vestibular.*

*Eram 15 vagas pra bacharelado e 10 vagas pra licenciatura. Dessas 25 vagas, umas 15 pessoas tinham sido meus alunos. Era um cursinho popular, então a maior parte foi morar no Crusp.<sup>119</sup>*

Rafael foi hospedado na sala de um apartamento do Crusp em 2002 por Paulo, um desses colegas do curso pré-vestibular. Nesse período, sua mãe foi viver no interior. O lugar era bastante acolhedor e outros moradores se reuniam ali para os sambas às sextas-feiras, semana sim e semana não.

*Eu resolvi me mudar pra lá pra continuar estudando.*

Junto ao Cursinho da Poli, Rafael já participava de alguns protestos que aconteciam na USP organizados pelo DCE e outros movimentos sociais.

Na época em que foi viver dentro do campus, o restaurante da USP não servia saladas e verduras frescas e a Amorcrusp resolveu organizar um protesto com pessoas em torno do refeitório fantasiadas de tomate, cebola e alface.

*Era uma coisa mais tranquila, de ficar chamando atenção das pessoas. Eu conhecia os caras, mas não tava participando ativamente.*

---

<sup>119</sup> Depoimento de Rafael Alves ao autor em 17 de maio de 2024.

*Começou a rolar salada. Foi uma das conquistas dos caras. A gestão era de um camarada chamado Thiago Molina, que também veio do cursinho da Poli.*

Em setembro de 2003, os movimentos dos Sem-Educação e dos Se-Escola protestaram em frente à Fuvest<sup>120</sup> exigindo a isenção da taxa dos vestibulares<sup>121</sup>.

O número de concluintes do ensino médio aumentava no país, mas a proporção matrículas de alunos de escola pública na USP foi diminuindo ao longo das últimas duas décadas. Esse fato, aliado às demandas do movimento negro por políticas afirmativas nas universidades, pressionava a universidade a se abrir para o público de vinha sendo excluído.

---

<sup>120</sup> Fundação Universitária para o Vestibular, fundada em 1976, que unificou o exame de admissão na USP.

<sup>121</sup> Eni de Mesquita Samara. 30 anos de Fuvest: a história do vestibular da Universidade de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2006, p.107.

## Lacunas

A escolha de Amanda Freire sobre cursar Filosofia na USP não foi um processo totalmente consciente do que lhe aguardava. Na primeira tentativa com o vestibular tentou Artes Plásticas, mas não passou. Não sabia nada de artes.

Para a prova específica que realizou para tentar uma vaga na Unesp, decorou como desenhar uma rosa, porque decidiu que, fosse qual fosse a pergunta, tentaria encaixar uma rosa no contexto e assim se sentiu preparada. Chegando lá, deparou-se como uma prova teórica. Ela nem mesmo sabia que em arte existia algum tipo de teoria.

*Meu, uma página cheia de questões. Cheia de questões! E tinha uma pergunta, sobre o contexto artístico do Di Cavalcanti ou do Portinari. Só que o único artista que eu lembrava era o Botero. Olha a merda! “Eu não posso entregar uma coisa em branco.” Eu respondi: “Ele era conhecido por retratar figuras humanas redondas, em forma de obeso”. Tirei zero nessa prova. Eu era o único zero da prova específica.*

Em sua segunda tentativa no vestibular, tentou Artes Cênicas. Na prova específica, conheceu um pessoal com o qual posteriormente fez um grupo de teatro. Em um dos ensaios com esse grupo, alguém lhe sugeriu o curso de Filosofia, pois a partir de lá teria base para fazer o que quisesse. Além disso, a nota de corte era menor. O medo de não passar em sua terceira tentativa fez esse último atrativo o argumento definitivo para sua escolha do curso.

Amanda entrou em filosofia em 2003 e, no início, sua permanência no Crusp foi como hóspede, com uma amiga do namorado.

Amanda foi outra aluna que precisou de alguém conhecido lhe dizer sobre a existência do Crusp. A informação não veio por meio de um veículo de comunicação oficial ou divulgação da própria USP, mas sim de um namoradinho do mesmo cursinho popular.

A caloura chegou no curso orgulhosa com o Mundo de Sofia, de Jostein Gaarder, debaixo do braço, até que em uma dessas aulas um professor o esnoba:

— O pessoal de hoje fala que sabe de filosofia, mas aprendeu no Mundo de Sofia!

Dormia no Crusp duas noites na semana. Nas restantes, voltava para casa da mãe e da avó em São Mateus, na Zona Leste de São Paulo.

Em 2004 já não namorava mais o o mesmo menino, mas com muitos outros conhecidos e um leque de possibilidades muito maior, ela segue no Crusp ainda em um esquema de hospedagem. Apenas em 2005 consegue uma vaga regular, via Coseas, no bloco A, onde dividia o apartamento com um colega da biologia e outra da engenharia.

No quarto exatamente acima do seu, acontecia um samba em sextas-feiras alternadas. Era samba-sim ou samba-não. Amanda dormia com um emblemático pijama de bolinhas vermelhas e, quando o samba começava um cajón em cima de sua cabeça, ela saía do apartamento para falar que o barulho que estava alto. Logo que subia, alguém já entoava

— Amanda! De pijamas! Subindo as escadas! — parodiando a famosa música da série infantil Bananas de Pijamas.

No final das contas, a estudante acabava ficando no batuque

*Eu tenho essa propensão a pular de grupo em grupo, de ter várias amizades, de falar com todo mundo. Essa vontade de se meter em grupos que você não tem ideia do que pode acontecer.*

A estudante tentava aproveitar todas as festas que rolavam no campus naquele início de vivência.

*Eu lembro muito voltar, por exemplo, da biologia, de madrugada, sozinha, depois de uma bebedeira, atravessando a Praça do Relógio de boaça. No meio do caminho encontrava uma galera que tava indo para outro lugar.*

No Crusp, as festas aconteciam nas cozinhas coletivas os andares, e Amanda aproveitava essas ocasiões para conhecer mais gente.

*Eu nem queria saber quem era. Aproveitei todas as brechas pra conhecer a galera.*

Esse contanto intenso com pessoas de todos os tipos possibilitaram uma formação muito além da acadêmica, uma formação paralela, de vida. Uma vivência muito mais rica do que se tivesse apenas ido ao curso de filosofia e voltado para casa.

Embora tenha feito amizades também no curso, as pessoas da Filosofia com frequência eram mais velhas, mais fechadas e sisudas. Era também muito difícil formar uma turma, pois cada aluno montava sua grade de um jeito e eram poucas disciplinas por semestre, de modo que as chances de encontro ficavam quase zero.

A lacuna entre ela e as pessoas do seu curso também era acentuada pela sua origem de escola de pública. Ser aprovado no vestibular não garantia o conhecimento prévio do qual é cobrado o aluno ingressante. Frequentemente ela se perguntava o que estava fazendo lá com grandes dificuldades de acompanhar o conteúdo.

*Teve um matéria que eu fiz sobre Lacan. Foi a pior coisa que eu fiz na minha vida, porque eu não entendi porra nenhuma. Foi logo no primeiro ano.*

*Eu lá sentada e o professor falando, falando, lendo aquele papel, falando, lendo o papel. “Gente o que esse cara tá falando?”*

A aluna se levantou discretamente, pegou sua mochila para ir embora quando ouviu uma mulher.

— Gente que maravilhosa essa aula!

*Aí eu parei. “Gente onde é que eu estou?”. Eu tava desesperada. O primeiro ano foi puro desespero. Quando tinha que apresentar seminário, eu não entendia nem o que eu estava falando. Eu nem sabia o que era filosofia.*

Adonias Calebe entrou na USP em 2010, aos 21 anos, e passou pelo bloco A,; bloco D, bloco E. Ele soube do vestibular da USP através de professores em um conservatório de Santa Rita do Sapucaí que tinham se formado na Unicamp e na Unesp e decidiu prestar o vestibular do curso de Música. O problema é que as provas específicas geralmente duravam mais de um dia.



*Eu percebi que no vestibular da Unicamp eu não ia ter nenhum conhecido pra ficar em Campinas.*

*Eu pensei “Pô, a Unesp, beleza. Se eu precisar ficar na rodoviária dormindo, eu durmo. Vai ser foda, mas fico na rodoviária. A rodoviária São Paulo eu já tinha vindo, então já sabia que, se eu ficasse dentro do Tietê, iria ser horrível dormir, mas iria ficar em segurança.*

*“Pô, então vou fazer Unesp e USP”. Aí de última hora eu troquei da Unicamp pra USP.*

Como não tinha dimensão do prestígio da USP, ele acreditava que a Unesp seria uma opção melhor, pois era um de seus professores tinha se formado e poderia cursar duas habilitações conjuntamente.

— Ah, passei no vestibular da USP e da Unesp, mas não sei qual que eu vou fazer.

— Por que você tá pensando ainda? É claro que você vai pra USP! — respondeu um dos professores do conservatório.

*Sinceramente, eu não entendia. Cheguei em casa, comecei a pesquisar e aí falei, “Porra! Pode crer! Então, beleza, vou pra USP”.*

No começo do curso, o aluno teve dificuldade de adaptação devido à diferença de conhecimento prévio em relação aos colegas.

*Era uma exigência escrever partituras muito detalhadas, com muitas dinâmicas, piano e tal.*

*Eu era de outra realidade musical. Então isso foi um choque pra mim.*

*Eu entrei em parafuso. Todo mundo ao meu redor parecia que conhecia as obras e só eu não conhecia.*

No começo do segundo ano de curso, a frustração levou o estudante a deletar todas as pastas de música popular que tinha em seu computador.

*Deletei rock, música brasileira, deletei tudo do computador. “Pô, se eu não deixar só os clássicos aqui, eu não vou parar pra ouvir”.*

Ouvir música acabou se tornando um hábito maçante.

*Logo eu percebi que eu iria cumprir com os requisitos pra agradar o professor, pra poder passar e absorver o que eu pudesse da minha prática e já fui desencanando um pouco mais, voltando a ouvir minhas músicas e indo mais pro popular.*

O aspirante a compositor, já relaxado dessa paranoia, estava certo dia numa rodinha de violão na faculdade ouvindo um colega tocar e um aluno chegou todo pomposo.

— Vocês conhecem o Concerto do Elgar pra violoncelo em mi menor, opus 85

Ele e alguns colegas não conheciam. O amigo que estava no violão também não e permaneceu tranquilo. Depois de alguns minutos, virou para o que perguntou.

— Mano, você já ouviu o disco Clube da Esquina?

— Não.

— Então, é isso aí. — E continuou tocando o violão

Essa turma começou a organizar uma festa do bolinho caipira no Crusp Durante os anos de Crusp, Calebe participou de várias atividades culturais, grupos musicais, como o Cardume de Cardápios e os Desconcertados. O apartamento onde morava se tornou um ponto de encontro para músicos e colegas.

**ACABOU O AMOR**

## Aroeira

Aos poucos, a USP foi sendo forçada a incentivar o ingresso de alunos da rede pública o ingresso de jovens egressos de escolas públicas. Em 1998, dom Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo entrou com uma ação na justiça para que alunos do ensino médio público não pagassem a taxa do vestibular. O cursinho Educafro, ao mesmo tempo, fazia um pedido à Fuvest para que seus alunos ficassem isentos do pagamento.

A instituição alegou o princípio de isonomia para não oferecer as isenções e obteve da justiça um aval, porém apresentou um projeto de isenção de taxa vinculado às notas obtidas pelos alunos no Enem<sup>122</sup>. Naquele ano, Educafro conseguiu a isenção mediante mandado de segurança.

Em 2000, foram instituídas 5 mil isenções de pagamento para o vestibular. Esse número foi aumentando ano a ano até chegar em 65 mil em 2006.<sup>123</sup>

Nesse ano, A Fuvest começou a oferecer um bônus percentual na nota dos estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas de acordo com a pontuação obtida no Enem.

Iolanda Guilherme, filha de um bancário e de uma dona de casa, a segunda de dez irmãos e afrodescendente, foi estudar na USP em 2007. Vinda de Itapetininga, precisaria de uma vaga no Crusp para conseguir realizar seu sonho

*Quando saiu a primeira seleção eu não tinha conseguido a vaga, aí assistente social me chamou pra falar que meu pai era bancário, que ele tinha condições de mandar dinheiro para alugar um lugar, só que eu*

---

<sup>122</sup> Exame Nacional do Ensino Médio, criado em 1998 para avaliar a qualidade do ensino. Em 2010, a nota dessa prova passou a ser usada para o ingresso em algumas instituições de ensino superior público.

<sup>123</sup> Eni de Mesquita Samara. 30 anos de Fuvest: a história do vestibular da Universidade de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2006  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O espaço da USP: presente e futuro. São Paulo, 1985, p. 109.

*entreguei todas as certidões nascimento dos meus irmãos e fiquei discutindo com ela.* <sup>124</sup>

— Você olhou os meus documentos? Meu pai é bancário, e não banqueiro.

A caloura do curso de Letras decidiu não ir embora até darem uma vaga , até que uma chegou no local e ofereceu uma hospedagem em um dos apartamentos.

Naquele ano, os decretos emitidos pelo governador José Serra reformulariam a estrutura administrativa das universidades estaduais, criando uma Secretaria de Ensino Superior, que teria potencial para acabar com autonomia das instituições, e culminaria também em cortes orçamentários.

Um movimento grevista surgiu como fósforo em pólvora seca pelos corredores das faculdades. No dia 3 de maio, quando os estudantes tentaram, em vão, entregar suas reivindicações à reitora Suely Vilela, a frustração cresceu.

A recusa em recebê-los desencadeou a ocupação da reitoria, que rapidamente se tornou um epicentro de tensão e resistência. Durante semanas, as tentativas de negociação fracassaram, e a presença constante de manifestantes deu ao prédio um ar de fortaleza sitiada.

A Amorcrusp se destacou nesse movimento, exigindo a construção de mais 3 blocos de moradia. Com o passar dos dias, os piquetes se multiplicaram, não apenas no campus principal, mas em diversas unidades da USP. Em meio a essa fervura, houve confrontos significativos, como o protesto na Avenida Paulista, que culminou em choques com a Polícia Militar.

Em 16 de maio, a reitoria conseguiu uma ordem judicial de reintegração de posse, mas a entrega da notificação foi recebida com resistência pelos estudantes.

Finalmente, em 21 de junho, a tensão atingiu seu ápice em uma assembleia tumultuada. Após horas de debate acalorado, os estudantes votaram por aceitar uma proposta da reitoria. Este documento prometia atender parcialmente às suas demandas,

---

<sup>124</sup> Depoimento de Iolanda Guilherme ao autor em 17 de maio de 2024.

incluindo a construção e reforma de moradias estudantis e o apoio logístico para um congresso estudantil.

Um novo bloco de moradia foi prometido para o Crusp. Naquela noite, a reitoria foi desocupada, e os estudantes começaram a se dispersar, carregando consigo um misto de alívio e frustração.

As reivindicações dos cruspianos nunca ficaram tão presentes na pauta do movimento estudantil. No entanto, após essa conquista, a associação voltou a ser escanteada pelo DCE em suas frentes de intervenção. Somou-se a isso o fato das gestões seguintes também não organizarem uma luta conjunta.

No Crusp, Iolanda não tinha um quarto próprio, então o Crusp ainda parecia pequeno e opressor no início. Por isso, ela passava mais tempo na Praça do Relógio do que em seu apartamento. Logo ela percebeu também que muitos colegas tinham histórias de vida mais difíceis que a dela, e passou a valorizar mais o cuidado que recebeu de sua família.

Assim como a estudante de Letras, depois de um período inicial de muitas adaptações, descobertas e curtições, a estudante de filosofia Amanda começou a adentrar na esfera política da USP. Em 2009 foi convidada a integrar a chapa da Amorcrusp Aroeira. Iolanda também era uma das integrantes.

*Quando acontece a formação da chapa Aroeira, esse movimento conseguiu pegar uma grande insatisfação de pessoas, como eu, pelo fato de que tinha menos vagas no Crusp do que o necessário e todo ano a Coseas exclui um monte de gente que precisa.<sup>125</sup>*

O ano de 2009 foi marcado por outra greve com ocupação da reitoria. Em uma sexta-feira histórica em 26 de junho, o Velódromo do Cepeusp transformou-se em arena de solidariedade com a apresentação inspiradora de Tom Zé.

Na madrugada, a vitória da Aroeira foi confirmada, após um ano sem eleições para a Amorcrusp.

No início do semestre seguinte, alguns calouros ficaram sem alojamento emergencial e ocuparam salas de estudo para morar.

---

<sup>125</sup> Depoimento de Iolanda Guilherme ao autor em 17 de maio de 2024.

## ACABOU O AMOR

No 18 de março de 2010, os estudantes tomaram o térreo do bloco G, que abrigava as salas das assistentes sociais da Coseas. A ação foi motivada pela demanda por maior autonomia nos processos de permanência.

Amanda tinha se afastado das tarefas da associação e não chegou a participar da assembleia que decidiu pela ocupação. Ela trabalhava e precisava sair cedo para uma monitoria no Museu da Independência.

*Falaram pra mim que a Coseas tinha sido ocupada. Eu levantei da cama, ainda de pijama e fui lá com minha amiga, vi que tava ocupada. Dei uma entradinha. Tava tudo escuro, eu inclusive não consegui identificar ninguém. Mas eu tinha que chegar no trampo. Voltei pra casa e pronto.*

Embora estivesse com o rosto coberto, a estudante de filosofia foi reconhecida por seu pijama de bolinhas vermelhas. Algum tempo depois chegou um processo administrativo.

*No processo, colocaram que alguém tinha me identificado. “Amanda organizou, participou da assembleia, deliberou, votou a favor, invadiu e ocupou. O meu processo era o único que tinha todos os verbos. Todos! Tinha gente que tava na assembleia, gente que organizou, gente que invadiu. No meu não, eles fizeram um apanhado e me colocaram em tudo.*

No ano seguinte, o grupo que havia formado a gestão Aroeira não consegue se reeleger e dá lugar a um esfriamento da movimentação política no conjunto de prédios.

## Progresso

Poderia ser bloco Z, porém o mais novo prédio do Crusp foi batizado como A1. Construído junto à Avenida Professor Mello Moraes, a lâmina seguiu a forma externa muito semelhante às originais. Entre as novidades, foram projetados um térreo praticamente livre, uma torre com escada de emergência enclausurada e elevadores dos dois lados.

Com 12 lares de cinco quartos e 24 de seis quartos, o bloco ficou com um total de 204 vagas, planejadas para oferecer conforto e praticidade aos estudantes.

Cada apartamento ficou com uma sala com cozinha, dormitórios, dois sanitários e área de serviço, proporcionando um ambiente ideal para estudos e convivência. O térreo do Bloco A1 também ganhou bicicletários, assegurando praticidade e segurança para os moradores.

Vindo de Recife, Rivaldo Xavier vinha cumprir uma tarefa como militante da União da Juventude Rebelião<sup>126</sup> quando prestou o vestibular da USP. Entrou em 2010, fez a inscrição no processo seletivo da Coseas, mas teve que dividir um quarto com a mãe em uma pensão.

*Só foi sair em 2011, porque foi a inauguração do bloco A1, com um conjunto de vagas muito grande. Ficou assim mais fácil.*<sup>127</sup>

Ao longo de 2010, a ocupação da Coseas se tornou definitiva, como moradia retomada. Xavier participou das ações com o centro acadêmico do curso de Física para ajudar com instalações elétricas no térreo do bloco G ocupado por estudantes.

---

<sup>126</sup> UJR, vinculada ao Partido Comunista Revolucionário (PCR), atualmente na Unidade Popular pelo Socialismo (UP). Seguidores do chefe de Estado da Albânia Enver Hoxha no Brasil.

<sup>127</sup> Depoimento de Rivaldo Xavier ao autor em 03/06/2024.



## Ordem

Calebe não participava ativamente de movimentos estudantis e greves, mas vivenciou uma invasão policial no Crusp, com uso de gás lacrimogêneo, durante uma reintegração de posse de outra ocupação da reitoria.

Era madrugada do dia 8 de novembro de 2011 quando a calmaria do campus da Universidade de São Paulo (USP) foi abruptamente interrompida pelo som marcante das botas da tropa de choque da Polícia Militar. O ar fresco e úmido da manhã foi logo substituído pelo cheiro acre do gás lacrimogêneo, espalhando-se pelo ambiente e acordando os residentes dos prédios ao redor da Reitoria.

A tensão tomou conta dos blocos, especialmente por haver crianças no local. Ele e seus colegas ajudaram a proteger uma mãe e sua filha pequena.

A invasão da Reitoria havia começado seis dias antes, em um ato de protesto contra a presença da Polícia Militar no campus, firmada em um controverso convênio após o assassinato do estudante Felipe Ramos de Paiva em maio daquele ano.

Às 4h30 da manhã, os policiais cercaram o edifício administrativo com helicópteros, fuzis e agentes descendo de rapel pelas janelas.

Desorientados, os cruspianos despertaram com os ruídos, tentando se organizar em meio ao caos. Entre os manifestantes, Iolanda e outros moradores desceram rapidamente.

A esperança de uma resistência organizada logo se dissolveu diante do avanço das forças policiais, que lançaram bombas e balas de borracha sem hesitação.

Em 2011, Rafael Alves foi expulso de seu apartamento. No dia 19 de dezembro, outra intervenção policial desalojou e deteve 12 estudantes no térreo do bloco G, que estava ocupado em caráter permanente.

Amanda e mais cinco alunos foram expulsos da USP. Os processos surgiram em 2010 e as expulsões em 2011. Recorrendo da decisão, Amanda foi expulsa do Crusp em 2012. Nesse ano, ela estava com um filho de quase um ano. Saiu com bacharelado em Filosofia concluído, mas não com a licenciatura, o que a impedia de dar aulas. O impedimento foi desastroso em sua vida, pois as

chances de emprego na área fora das salas de aula são praticamente nulas. Sendo mãe solo, sua situação de vulnerabilidade se intensificou ainda mais.

*Esse processo fodeu minha vida. Fodeu minha vida! O que se faz com bacharelado em Filosofia?*

*É muito ambíguo o meu sentimento com a USP. A relação que eu tive com as pessoas que eu conheci, que me agregaram e até hoje são amizades fortíssimas e o tanto que essa instituição me prejudicou. A USP e o Crusp me trouxeram muita coisa, me ofereceram muita coisa, mas me tiraram muita coisa.*

A princípio a expulsão de Amanda era definitiva, o que significava que ela não poderia nem mesmo voltar à instituição prestando vestibular novamente. Mas essa proibição foi flexibilizada posteriormente e, anos depois, ela retornou à USP, através da Fuvest para fazer Educomunicação, embora tenha interrompido por conta da pandemia.

## BLOCOS DE MEMÓRIAS

Este livro buscou contribuir com uma apuração dos fatos, oferecendo novas histórias e versões, dando voz tanto a alguns dos líderes estudantis quanto aos moradores menos envolvidos com política estudantil.

Dado o prazo para a entrega, um parte das entrevistas e do material coletado não pôde ser aproveitado em sua totalidade. Muitos dos entrevistados também indicaram conhecidos que deveriam dar seus depoimentos. Em um trabalho futuro, mais pessoas precisariam ser consultadas e mais arquivos devem ser abertos para a recuperação dessas memórias.

As moradias estudantis podem ser espaços de rica troca cultural e de aprendizado mútuo, contribuindo para uma experiência universitária mais enriquecedora e inclusiva.

O Crusp, dadas as suas peculiaridades aqui apresentadas, sempre transcendeu a função de um mero alojamento, possuindo uma importância histórica como poucos lugares de moradia poderiam proporcionar no Brasil.

A localização estratégica do Crusp, adjacente a pontos cruciais como a Praça do Relógio, o restaurante universitário e o Cepeusp, reforçou sua importância na vida acadêmica. Com oito blocos ainda em operação, oferecendo aproximadamente 1.600 vagas, o Crusp permanece um espaço vital para estudantes de graduação e pós-graduação.

Em aspectos arquitetônicos, o ambiente é extremamente econômico, predominando os ideais de racionalidade, eficiência e propósito pragmático do projeto. No entanto, essa busca pela simplicidade poderia também resultar em espaços impessoais e frios.

De certa forma, as reformas investiram mais pesadamente nessas intenções. Apesar desse isolamento ser fonte do adoecimento de muitos, a comunidade cruspiana tentou de muitas formas superar o individualismo e a frieza das paredes a sua volta.

Essa configuração de moradia e seus trancos e barrancos refletem os ideais educacionais e sociais que moldaram a concepção da USP com relação a seus espaços públicos, a promoção a interação social e o engajamento acadêmico e o

desenvolvimento pessoal dos estudantes, principalmente os alunos provenientes dos estratos sociais mais baixos.

O Crusp não apenas forneceu abrigo, mas também se tornou o palco de eventos políticos e sociais de grande envergadura. A invasão militar de 1968, que culminou na expulsão violenta dos moradores e no subsequente fechamento do conjunto, deixou uma marca indelével na memória institucional.

Décadas depois, a ousada retomada do Crusp pelos estudantes em 1979, no auge da crise do regime ditatorial, revelou a persistência e a capacidade de organização do movimento estudantil.

As experiências diversas dos cruspianos, muitas vezes marcadas por discriminação e desafios socioeconômicos revelam que, apesar das adversidades, os estudantes encontraram no Crusp um espaço de resistência e transformação.

Cada pessoa reagiu a esses estímulos de maneira única, condicionada por suas experiências, personalidades e percepções do mundo.

Ao longo de seis décadas, o Crusp evoluiu e enfrentou diversas fases de metamorfose. Atualmente, com a implementação de políticas de cotas, o perfil da universidade vem se alterando e é no Crusp que essa população tem se concentrado, intensificando a demanda por moradia estudantil.

Portanto, o debate sobre moradias estudantis não pode ser dissociado das questões mais amplas de acesso equitativo à educação superior e das políticas necessárias para combater a elitização e as desigualdades no ensino superior. Os testemunhos dessa rica trama histórica podem servir como um ponto de partida para futuras discussões a respeito desse espaço tão singular.

# REFERÊNCIAS

## ENTREVISTAS

---

Adonias Calebe, músico, cruspiano de 2010 a 2015  
Adriano Diogo, político  
Alexandre Carrasco, cruspiano de 1992 a 1997  
Amanda Freire, cruspiana de  
André Carrasco, cruspiano de 1995 a 2001  
Augusto Luiz de Aragão Pessin, advogado  
Celso Suyama, engenheiro, cruspiano de 1964 a 1968  
Clayton Nascimento, ator, cruspiano de 2012 a 2017  
Gabriel Fernandes, pesquisador do CPC  
Homero Silveira Santiago, professor, cruspiano de 1993 a 1998  
Iolanda Guilherme, professora, cruspiana de 2008 a 2017  
Jorge Fagali Neto, engenheiro, cruspiano de 1963 a 1966  
José Carlos do Carmo (Kal), médico  
José Ramos, jornalista, cruspiano de 1983 a 1986  
Laura Capriglione, jornalista, cruspiana de 1979 a 1981  
Luciana Ramos Pereira, educadora, cruspiana desde 2014  
Luiz Roberto Serrano, jornalista, cruspiano de 1967 a 1968  
Marcelo Gutierrez, jornalista, cruspiano de 2001 a 2006  
Marie Claire Sekkel, professora universitária  
Rafael Alves, professor, cruspiano de 2001 a 2012  
Rafael de Falco Netto, engenheiro, cruspiano de 1965 a 1968  
Ricardo Woo, artista plástico, cruspiano de 1984 a 1987  
Rivaldo Xavier, Cruspiano de 2011 a 2015  
Rodrigo Tembiú, educador, cruspiano de 1997 a 2001  
Ronaldo Andrade, biólogo, cruspiano desde 2017  
Thais Brianezi, professora, cruspiana de 1998 a 2001  
Vanessa Silva dos Santos, psicóloga  
Wilson Honório da Silva, historiador, cruspiano de 1985 a 1989

## AUDIOVISUAL

---

BRENGA, Olivia. Hóspede (2006)  
COUTO, Nilson. A experiência cruspiana (1986)

GUTIERRES, Marcelo. Crusp: um recorte (2005)  
LOEB, Roberto. Arquiteto Eduardo Kneese de Mello  
NOVAES, Beto. Lauri (2023)  
OVERBACK, Peter. Os anos passaram (1968)  
TAPAJÓS, Renato. Universidade em crise. São Paulo (1965)  
TICERA, Marti. O estudante peruano na USP

## **LIVROS**

---

ADUSP. O controle ideológico da USP (1964-1978). 2ª ed. São Paulo: Adusp, 2004  
MORAES, Dênis de. A esquerda e o golpe de 64. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011  
PONTES, José Alfredo Vidigal. Julio de Mesquita Filho. Recife: Editora Massagana, 2010  
TÉRCIO, Jason. Rito de passagem – a história vertiginosa do Crusp (1963–1968) — educação, ditadura, inconformismo. Manuscrito submetido para publicação, 2023  
SAMARA, Eni de Mesquita. 30 anos de Fuvest: a história do vestibular da Universidade de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2006  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O espaço da USP: presente e futuro. São Paulo, 1985

## **ARTIGOS, MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES**

---

BARROS, Lídia Almeida. Toponímia oficial e espontânea na Cidade Universitária. Revista USP, São Paulo, n.56, dezembro de 2002, p. 164-171  
BERNARDES, Júlio. Projetos e Práticas: Uma História do Jornal do Campus e dos jornais-laboratório do curso de Jornalismo da ECA-USP. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. Escola de Comunicações e Artes da USP, 2001  
CABRAL, Neyde Angela Joppert. Arquitetura moderna e o alojamento universitário: leitura de projetos. Dissertação de Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1997

## REFERÊNCIAS

DANTAS, Caio. O abandono do “espírito universitário” na construção da Cidade Universitária Armando de Sales Oliveira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 36, n. 104, 17 de fevereiro de 2022, p. 264.

GROPPO, Luís Antonio Groppo. A questão universitária e o movimento estudantil no Brasil nos anos 1960. *Impulso*, Piracicaba, v. 16, n. 40, p. 117–131, maio de 2005

OLIVEIRA, Sidney de. A experiência com a pré-fabricação em concreto armado do sócio de Eduardo Kneese de Mello. *Vitruvius*, outubro de 2019

ROCHA, Mariana Machado. Uma luta científico-social desproporcional: colonialidade e branquitude na fundação da USP e ensino superior na Imprensa Negra Paulista (1924–1937). 2023. Tese de doutorado em Educação. Faculdade de Educação da USP, São Paulo

SANTOS, Vanessa Silva dos. Permanência, pertencimento e travessia: reflexões sobre saúde mental na moradia estudantil da USP (Crusp). Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia da USP, 2021.

## ARQUIVOS

---

Acervo do Estadão

Acervo Folha

Arquivo da FAU/USP

Arquivo Nacional

Arquivos da Amorcrusp

CAPH/DH, Projeto Memória da FFCL/FFLCH-USP

Comissão da Verdade da Universidade de São Paulo

Hemeroteca Digital Brasileira

Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo